



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Thais Deamici de Souza

Cloroquina: de dispositivo de controle da covid-19
a acontecimento discursivo

FLORIANÓPOLIS
2022

Thais Deamici de Souza

Cloroquina: de dispositivo de controle da covid-19
a acontecimento discursivo

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Braga

FLORIANÓPOLIS
2022

DE SOUZA, THAIS DEAMICI
Cloroquina: de dispositivo de controle da covid-19 a
acontecimento discursivo / THAIS DEAMICI DE SOUZA ;
orientador, SANDRO BRAGA, 2022. 122 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa
de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Cloroquina. 3. Análise do discurso. 4.
Dispositivo. 5. Acontecimento discursivo. I. BRAGA,
SANDRO. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Thais Deamici de Souza

Cloroquina: de dispositivo de controle da covid-19
a acontecimento discursivo

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 09 de agosto de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes
Instituição Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira Instituição
Universidade Federal da Fronteira Sul

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística aplicada.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Orientador: Prof. Dr. Sandro Braga

FLORIANÓPOLIS
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus familiares e amigos que me incentivaram a entrar no mestrado, que acompanharam meus desafios ao longo desse processo, e que em nenhum momento descreditaram do meu fazer acadêmico. Após duas gestações e uma pandemia (ainda em curso), considerando o governo federal vigente, é possível considerar a realização desta dissertação uma vitória pessoal que me trouxe a possibilidade de entrar em contato com diversos saberes e experiências, os quais me afetaram e mudaram intensamente.

Alguns nomes merecem estar aqui, reconhecidos por mim, pois foram fundamentais em diversas etapas de todo o mestrado. Sem eles o caminho teria sido diferente e talvez eu nem tivesse chegado até aqui, já que nada nessa vida se faz sozinho. Obrigada a meus amigos Paulo Valente, Carolina Parrini, Elson Natário e Tiago Costa.

Entretanto há duas pessoas em especial que foram fundamentais nesse processo e que possibilitaram que esta dissertação fosse escrita por mim. Talvez elas não saibam, mas estiveram comigo em todo o tempo de pesquisa de uma maneira ou outra. Agradeço à minha amada mãe, Elenara Costa Deamicci, que me deu todo o apoio que precisei no dia a dia para sentar e escrever, além de todo o incentivo e suporte emocional e psicológico. Obrigada, mãe, sem você eu não teria conseguido; e agradeço com todo meu coração ao meu querido orientador Sandro Braga, que foi um verdadeiro professor, no sentido mais genuíno da palavra, no meu percurso de estudo, pesquisa e escrita, proporcionando-me um processo de aprendizagem respeitosa. Orientou-me para além das questões acadêmicas, tive um orientador e amigo.

RESUMO

Esta dissertação analisou o estatuto do discurso da ciência, durante a pandemia por coronavírus (2019 a 2022) no contexto brasileiro, avaliando os efeitos de sentido que o enunciado “cloroquina” apresentou discursivamente em dita circunstância. Por meio da análise de discurso foucaultiana, a dissertação explicou de que forma o enunciado “cloroquina” foi proposto como dispositivo de controle da covid-19, mas acabou alçando o status de acontecimento discursivo, justamente por essa tentativa de ser dispositivo. Para isso foi demonstrada a relação de poder entre o discurso político e o discurso científico, analisando a materialidade discursiva midiática que envolveu esse processo e explicando de que forma o discurso de direita mobilizou o discurso da ciência de acordo com seus interesses. Alguns conceitos a partir dos quais a análise discursiva foi realizada foram: enunciado e discurso para entender os efeitos de sentido que a cloroquina apresentou; a relação entre o saber, o poder e a verdade a fim de compreender como ocorre e como é legitimado aquilo que se considera verdadeiro ou não na nossa sociedade; vontade de verdade e de saber que promovem a produção de dispositivos, que por sua vez funcionam como objetos de poder; descontinuidade, formação discursiva e acontecimento discursivo que permitem compreender de que forma emergiram certos discursos e não outros.

Palavras-chave: discurso científico; discurso político; cloroquina; dispositivo; acontecimento discursivo.

ABSTRACT

This dissertation analyzed the science discourse's status during the coronavirus pandemic (2019 to 2022), considering the Brazilian context and evaluating the meaning effects that the statement "chloroquine" has shown discursively on this circumstance. Through Foucauldian discourse analysis, this dissertation explained how the statement "chloroquine" was proposed as a Covid-19 control device and reached the status of a discursive event precisely because it attempted to be a device. The power relationship between political and scientific discourses was demonstrated by analyzing the media discursive materiality that involved this process and by explaining how the right-wing discourse mobilized science discourse according to their interests. Discursive analysis was carried out through some concepts like the utterance and the discourse to understand the meaning effects presented by the word "chloroquine"; the relationship between knowledge, power, and truth in order to understand how things that are legitimized and considered true in our society had happened; the desire for the truth and for knowledge that promotes the devices' production, which turns into power objects; the discontinuity, the discursive formation and the discursive event that allow us to understand how certain discourses emerged in prejudice of others.

Keywords: scientific discourse; political speech; chloroquine; device; discursive event.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 SOBRE A PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO ARTIGO.....	10
1.2 SOBRE A PUBLICAÇÃO DO SEGUNDO ARTIGO.....	13
2 HIPÓTESE	16
3 OBJETIVOS	17
3.1 OBJETIVO GERAL.....	17
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
4 METODOLOGIA	18
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
5 CIÊNCIA E VERDADE	38
5.1 EFEITO DE VERDADE DO DISCURSO BOLSONARISTA	50
6 O CAMPO POLÍTICO E O DISCURSO DA CIÊNCIA	61
6.1 RELAÇÃO DE PODER ENTRE O DISCURSO POLÍTICO E O DISCURSO CIENTÍFICO.....	75
6.2 DE QUE FORMA A POLÍTICA DE DIREITA MOBILIZA A CIÊNCIA.....	82
7 CLOROQUINA, DE POSSÍVEL DISPOSITIVO A ACONTECIMENTO DISCURSIVO	94
7.1 DISPOSITIVO	94
7.2 ACONTECIMENTO DISCURSIVO	106
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetiva analisar o estatuto do discurso da ciência, no contexto temporal da pandemia (iniciada em 2019) causada pelo novo coronavírus, avaliando os efeitos de sentido que o enunciado “cloroquina”¹ apresentou discursivamente em dita circunstância no Brasil. Busca-se pesquisar, assim, de que forma se tentou alçar a cloroquina a um status de dispositivo de controle da covid-19, mas que, devido a essa tentativa, acabou alcançando o status de acontecimento discursivo.

Para tanto, será analisado o estatuto da ciência em meio à pandemia, demonstrando a relação de poder entre o discurso político e o discurso científico, e de que forma esse processo resulta na cloroquina como acontecimento discursivo. Nesta análise também será evidenciado de que maneira o discurso político de direita mobilizou o discurso da ciência com o objetivo de tornar a cloroquina um dispositivo de controle da covid-19. Para explicar de que forma o enunciado “cloroquina” alçou o status de acontecimento discursivo no contexto referido, faz-se necessário retomar alguns fatos e dados da pandemia, como será visto a seguir.

Até o dia 22 de setembro de 2020, de acordo com dados obtidos no site da Organização Pan-Americana de Saúde², vinculada à Organização Mundial da saúde (OMS) e à Organização dos Estados Americanos (OEA), foram registrados 32.037.207 casos confirmados de pessoas no mundo inteiro contaminadas com a covid-19, bem como 979.435 mortes. Número alarmante o suficiente em menos de um ano de pandemia, para mobilizar o mundo científico na busca de uma cura ou tratamento eficaz no combate à covid-19.

No início da pandemia, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, devido à falta de preparo dos sistemas de saúde para receber um número muito elevado de pacientes de uma só vez, estabeleceu-se uma crise sanitária em diversos países,

¹ As pesquisas citadas nesta dissertação referem-se ao uso das substâncias cloroquina e hidroxicloroquina, porém, optou-se por utilizar apenas um enunciado, cloroquina, que de fato é o discurso que passou de dispositivo de controle da covid-19 a acontecimento discursivo.

² Dados retirados do site <https://www.paho.org/pt/covid19>.

iniciando pela China, onde a pandemia teve início, mas tomando o mundo inteiro conforme o vírus ia se espalhando. Um colapso nos sistemas de saúde e milhares de mortes fez com que a área das ciências médicas e biológicas começasse a trabalhar incessantemente em um ritmo aceleradíssimo, se comparado com o tempo habitual, na busca por medicamentos e vacinas para conter a propagação do vírus, bem como tratar de forma eficiente quem havia sido infectado.

Devido a essa nova dinâmica da urgência que se apresentou, na corrida em descobrir um medicamento que pudesse atenuar ou resolver as drásticas consequências causadas nas pessoas padecentes dos sintomas da covid-19, pesquisas foram publicadas, mas sem atender a todas as exigências estipuladas comumente, por exemplo, a revisão por pares³. É nesse momento, entre abril e maio de 2019, que dois estudos importantes sobre a cloroquina são lançados em revistas científicas bastante conceituadas internacionalmente.

A primeira pesquisa que teve destaque, pois foi defendida imediatamente após sua publicação pelo presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, demonstrou um estudo a favor do uso da cloroquina no combate à covid-19. No mês seguinte, dia 22 de maio, um novo estudo foi lançado na revista *The Lancet*, que demonstrava, com um número expressivo de dados obtidos em hospitais do mundo inteiro, que o uso da cloroquina em pacientes com a covid-19 não era eficaz no tratamento da doença. Diante dessa última publicação bastante significativa no meio científico, a OMS determinou a interrupção das pesquisas⁴ que envolviam a cloroquina, uma vez que sua ineficiência para a pandemia havia sido confirmada por um estudo bastante expansivo e substancial.

O presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, apoiou desde o início, assim como Trump, o uso da cloroquina para o tratamento da covid-19, com base na primeira pesquisa que se mostrou favorável ao uso do medicamento. Porém, mesmo depois da pesquisa de impacto publicada na *The Lancet*, o presidente brasileiro

³ Revisão de artigos científicos realizada por outros cientistas da mesma área que analisam os dados e metodologia com o objetivo de validar ou não a publicação.

⁴ A interrupção das pesquisas com os fármacos ocorreu em uma série de pesquisas internacionais padronizadas chamada Estudo Solidariedade, que tem como objetivo encontrar um tratamento eficaz para a covid-19. A proposta foi lançada pela Organização Mundial da Saúde e parceiros em março de 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#cloroquina-hidroxicloroquina>. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

continuou a apoiar o uso do fármaco, o que proporcionou (um novo enunciado à cloroquina), com um efeito discursivo político, também, no Brasil, e não mais exclusivamente científico.

Esses são os eventos que serão estudados com o objetivo de analisar de que forma a cloroquina passou de possível dispositivo de controle da covid-19 a acontecimento discursivo, ou seja, de que maneira esse enunciado adquiriu nova função no discurso, produzindo um efeito de sentido que apresenta, para além de aspectos científicos, fundamentalmente, aspectos políticos. Essa é a hipótese que será examinada nesta pesquisa.

1.1 SOBRE A PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO ARTIGO

De existência restrita no campo da medicina, a cloroquina torna-se famosa no mundo inteiro quando começa a ser testada para combater a covid-19, inicialmente apresentando resultados preliminarmente positivos. Um desses resultados se destaca e é tomado como base por Trump para seu apoio à cloroquina. Trata-se de um estudo francês, liderado pelo microbiologista Didier Raoult, e previamente publicado como pré-impressão no *medRxiv*⁵ no dia 16 de março, tendo, no dia 20 de março, sua publicação online oficializada⁶ no periódico *International Journal of Antimicrobial Agents*.

Em termos de protocolo de publicação, é um período bastante curto entre a pré-impressão e a publicação do artigo já revisada por pares no periódico científico. De acordo com informações da própria *medRxiv*, que explica em seu site como funciona uma pré-impressão, os editores da revista são aconselhados por especialistas que revisam os artigos para identificar falhas nas suposições, métodos e/ou conclusões e só então publicam quando validam esses quesitos. Normalmente os prazos para publicação em revista científica podem levar meses ou até mesmo anos.

⁵ É um site gratuito e que disponibiliza artigos completos, mas ainda não publicados (preprints) na área das ciências médicas, clínicas e aquelas que são relacionadas à saúde. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/about-medrxiv>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

⁶ Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0924857920300996>. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

Apesar de ter sido revisado por cientistas externos (revisão por pares), o artigo francês demonstrou problemas éticos e metodológicos. No que se refere à ética, foi chamada a atenção para o fato de que um dos seus autores, Jean-Marc Rolaim, é também o editor-chefe da revista em que o artigo foi publicado, havendo aí possibilidade de favorecimento de editoração, um conflito de interesses. Ao mesmo tempo, Didier é chefe de Rolaim no Instituto em que a pesquisa foi desenvolvida. Essas informações provocam dúvidas quanto às motivações e procedimentos utilizados na rápida revisão por pares e posterior publicação do artigo em tempo demasiado curto para o protocolo comum, apenas três dias.

Quanto ao que foi apontado como equívocos metodológicos, segundo Elisabeth Margaretha Bik⁷, cientista e revisora de artigos científicos, os problemas éticos vão além dos citados anteriormente. De acordo com ela, estudos que testam a eficiência para novas enfermidades de fármacos que são utilizados para outras doenças precisam, antes de terem início, da aprovação de comitês de ética e segurança de medicamentos. Essas solicitações foram feitas e a pesquisa foi liberada pelos órgãos de regulamentação, mas o prazo entre a liberação do estudo e os resultados não coincidem com o tempo de duração da pesquisa, ou seja, o estudo teria iniciado antes da liberação dos órgãos reguladores. Já os gráficos da pesquisa apresentam apenas seis dias de testes, havendo, portanto, duas informações diferentes em relação a prazos no estudo.

Outro dado é que a pesquisa não foi randomizada, o que pode interferir na escolha do perfil de quem toma a medicação e de quem é grupo de controle, afetando os resultados. De fato, foram encontradas idades muito diferentes nos dois grupos, no grupo de controle havia pessoas com idade entre dez e 20 anos, já no de pacientes tratados havia somente pessoas a partir dos 25 anos. Além disso, seis pacientes foram deixados de fora do estudo, pois teriam parado de tomar a medicação por melhora ou piora do quadro, havendo, entre eles, uma morte. E o último dado confuso, citado por Bik, é referente à utilização e resultados dos testes

⁷ Elisabeth Margaretha Bik é PHD com especialização em pesquisa de microbiomas, e atualmente trabalha como consultora independente em integridade científica. Disponível em: <https://c.com/sample-page/in-the-news/>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

Reverse-Transcriptase Polymerase Chain Reaction (RT-PCR)⁸, que não apresentam dados para todos os dias mencionados inicialmente na pesquisa, além de criticar o próprio uso do PCR para testagem, indicando que haveria outros meios mais eficientes ou com uso mais apropriado.

É importante entender quais são os pontos criticados no método utilizado nessa pesquisa liderada por Didier (que inclusive se defende de tais apontamentos criticando a metodologia que lhe foi cobrada por colegas do meio científico após a publicação do seu artigo), para que se possa averiguar se seu caso pode ser aproximado do caso Mendel, citado por Foucault em sua produção teórica, e que será tratado mais adiante nesta dissertação. Didier é considerado uma figura polêmica na ciência, com diversos trabalhos anteriores postos em dúvida após a exposição de erros metodológicos evidenciados nessa última publicação.

O fato de esses estudos terem sido publicados em um espaço de tempo muito menor do que o habitual é compreensível pela motivação do processo. Devido à pandemia, milhares de artigos acabaram sendo publicados como pré-impressão em repositórios. De acordo com um artigo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)⁹, o repositório *medRxiv* disponibilizava 4.750 artigos até junho de 2020, tendo recebido, em um período de seis meses, em torno de 5.000 pré-impressões sobre a covid-19, o que revela a avalanche de publicações somada à urgência para difundir um possível tratamento da doença. O mesmo artigo também informa sobre publicações científicas ou pré-impressões que foram retiradas de circulação, totalizando, até junho de 2019, 15.

Quase simultaneamente à publicação da pesquisa de Didier, Donald Trump, presidente dos EUA, mostra-se favorável ao uso do medicamento cloroquina para então tratamento da covid-19, dando uma coletiva de imprensa em 20 de março de

⁸ De acordo com a faculdade de medicina da UFMG, para a realização do teste PCR, “[...] as amostras são coletadas através de swabs (cotonetes) de nasofaringe e orofaringe. [...] é preciso saber a fase da doença para a coleta da amostra.” Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/rt-pcr-ou-sorologico-entenda-as-diferencas-entre-os-testes-para-a-covid-19/>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

⁹ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/rapidez-para-apresentar-resultados/>. Acesso em 15 de set. de 2020.

2020¹⁰, em que comunica seu posicionamento a favor do fármaco. Dois dias depois, 21 de março de 2020, o presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, também manifesta, em um pronunciamento¹¹, seu apoio ao uso da cloroquina no combate à doença causadora da pandemia. Os dois presidentes então tornam-se grandes publicistas da cloroquina no tratamento da covid-19.

Talvez seja esse fato, o de apoiar o uso justamente da cloroquina, enquanto outros medicamentos também estavam sendo testados, que propulsiona os eventos que tornam a cloroquina um acontecimento discursivo. A escolha de Donald Trump em apoiar precisamente esse fármaco seria por motivo pessoal. De acordo com reportagem do jornal *The New York Times*, foi publicado pela mídia brasileira¹² que Trump tem participação financeira, ainda que pequena, na Sanofi, empresa francesa e uma das principais fabricantes do medicamento. Além desse fato, um dos maiores doadores do partido republicano é um dos principais acionistas da Sanofi. Há interesse pessoal por parte de Trump, mas para apoiar o uso de um medicamento que ainda está em estudo preliminar como promessa de solução para a pandemia, em um lugar de presidente, só é possível devido a sua filiação discursiva que é característica à extrema direita (posicionamento político ultraconservador), pois mobiliza a ciência de acordo com seus interesses e não de acordo com as próprias regras da ciência, que nesse caso precisaria de mais estudos para conferir à cloroquina o título de medicamento para tratamento da covid-19.

1.2 SOBRE A PUBLICAÇÃO DO SEGUNDO ARTIGO

Em maio de 2020, no dia 22, a revista *The Lancet* publica o artigo *Hidroxicloroquina ou cloroquina com ou sem um macrolídeo para o tratamento de*

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/03/20/medicamento-citado-por-trump-como-possivel-tratamento-contrav-covid-19-esta-esgotado-em-farmacias-do-df.ghtml>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

¹¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/por-coronavirus-bolsonaro-anuncia-aumento-de-producao-de-cloroquina/> Acesso em: 15 de set. de 2020.

¹² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/04/07/defensor-da-cloroquina-trump-tem-participacao-em-fabricante-do-medicamento.htm>. Acesso em: 15 de out. de 2020.

*COVID-19: uma análise de registro multinacional*¹³, que afirma ter havido um aumento no número de mortes em pessoas hospitalizadas, que estavam sendo tratadas com a cloroquina devido à covid-19. Entre os dias vinte de dezembro de 2019 e quatorze de abril de 2020, um número alto, de 96 mil pacientes internados em 671 hospitais, teria sido utilizado como dado para a pesquisa. Um estudo tão abrangente, com grande quantidade de dados, publicado na renomada Revista científica *The Lancet* ganhou imediatamente crédito no meio científico e destaque na mídia mundial.

No entanto, o jornal britânico *The Guardian*¹⁴, um dos mais importantes do mundo, com quase 200 anos de existência, revelou que um dos autores do artigo, o médico Sapan Desai, também era o chefe-executivo da empresa que forneceu os dados, a Sugisphere¹⁵, outra vez havendo claramente um conflito de interesses, como ocorreu com o artigo francês aqui citado. Com tal notícia, no dia 2 de junho, a *The Lancet* informou que o artigo passaria por uma auditoria para verificação das informações apresentadas. No dia 4 de junho, foi publicada uma retratação pela revista, assinada pelos autores do artigo, exceto por Desai. A retratação informava que o artigo estava sendo retirado, pois os autores não haviam conseguido a confirmação da fonte segura quanto aos dados usados na pesquisa, sem poder garantir, assim, a veracidade do artigo.

Dois artigos publicados em meios científicos considerados confiáveis por seguirem regras e normas vigentes para o que se considera a garantia da veracidade são quase que imediatamente questionados devido à grande repercussão que ganharam na mídia mundial, tanto a favor como contra o uso da cloroquina. O lugar do verdadeiro, portanto, foi abalado. E as consequências dessa repercussão e desse abalo, todo esse movimento de publicação e retirada de artigos a favor e contra a cloroquina interferiu diretamente nas medidas adotadas pela

¹³ Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31180-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31180-6/fulltext). Acesso em: 10 de set. de 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/03/covid-19-surgisphere-who-world-health-organization-hydroxychloroquine>. Acesso em: 11 de set. de 2020.

¹⁵ A empresa Sugisphere também forneceu dados para a publicação de um outro artigo sobre a cloroquina no periódico *The new England*, e que, juntamente ao artigo da *The Lancet*, foi retirado no dia 4 de junho.

Organização Mundial da Saúde, que, de acordo com a publicação das pesquisas, orientou que os estudos envolvendo a cloroquina tivessem continuidade ou não.

Com base em Canguilhem (apud Castro, 2018), considerar aquilo que é entendido por erro como caminho obrigatório na construção da ciência, que tem como base a busca pela verdade, é de fundamental importância para avaliação de procedimentos como a revisão por pares para publicação, por exemplo, no que se refere à agilidade e corrida contra o tempo. De acordo com Pinker (2018), de fato, a cultura da ciência tem base em práticas características, como o debate aberto, a revisão por pares e o método duplo-cego, procedimentos com a função de contornar as falhas às quais os cientistas, sendo humanos, estão vulneráveis. Richard Feynman (apud Pinker, 2018, p. 506) diz que: “o primeiro princípio da ciência é ‘que você não deve enganar a si mesmo — e você é a pessoa mais fácil de enganar’”. Essa é a justificativa para que se siga uma determinada metodologia para a pesquisa, sendo esse um princípio básico para a ciência, uma vez que como sujeitos somos constituídos de subjetividades, a lente pela qual observamos o mundo. Dessa forma, a ciência propõe métodos com a intenção de que essas subjetividades não ameacem os procedimentos e as conclusões na constituição da verdade que o cientista busca.

2 HIPÓTESE

Na esfera enunciativa da covid-19, o efeito do enunciado “cloroquina” deixa de remeter apenas ao sentido de fármaco e alça o estatuto de acontecimento discursivo.

3 OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL

Demonstrar de que forma o enunciado “cloroquina” passou de dispositivo de controle da covid-19 ao status de acontecimento discursivo.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o estatuto do discurso da ciência em meio à pandemia causada pelo vírus da covid-19.
- Demonstrar a relação de poder entre o discurso político e o discurso científico resultando na cloroquina como acontecimento discursivo.
- Explicar de que maneira o discurso político de direita mobilizou o discurso da ciência com o objetivo de tornar a cloroquina um dispositivo de controle da covid-19.
- Explicar de que forma o enunciado “cloroquina” alçou o status de acontecimento discursivo no contexto referido.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo com base na teoria de análise do discurso foucaultiana, e foi realizada a partir da observação que se fez em relação ao enunciado “cloroquina”, na pandemia já referida, durante os anos de 2020, 2021 e 2022. Observou-se que esse enunciado começou a apresentar um efeito de sentido diferente do que apresentava até então. Dessa forma, foram coletadas amostras desses discursos em que a cloroquina estava presente, sob a hipótese de que quando era defendido, discursivamente, o uso desse medicamento para combater a covid-19, o efeito de sentido era a manifestação de um posicionamento político de direita. Ao mesmo tempo em que posicionar-se contrariamente ao seu uso indicaria um efeito de sentido de posicionamento político de esquerda.

O corpus escolhido para demonstrar o que foi observado inicialmente está composto majoritariamente de falas em pronunciamentos, discursos, entrevistas e notícias sobre o assunto, oriundos do governo federal atual, em falas e manifestações do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, de seus ministros e demais membros do seu governo. Sendo a análise desses discursos a base da pesquisa desta dissertação.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta pesquisa, com o objetivo de demonstrar o caminho percorrido pela cloroquina até alçar o status de acontecimento discursivo, impulsionado pela tentativa de torná-la dispositivo de controle da covid-19, será necessária a compreensão de processos de ordem discursiva de base foucaultiana. Por isso, para esta análise, serão utilizados conceitos como enunciado e discurso para entender os efeitos de sentido que a cloroquina apresentou; a relação entre o saber, o poder e a verdade a fim de compreender como ocorre e como é legitimado aquilo que se considera verdadeiro ou não na nossa sociedade; vontade de verdade e de saber que promovem a produção de dispositivos, que por sua vez funcionam como objetos de poder; descontinuidade, formação discursiva e acontecimento discursivo que permitem compreender de que forma emergiram certos discursos e não outros. Nesse sentido, apoiamo-nos na obra foucaultiana para contextualizar os conceitos propostos de acordo com a análise pretendida neste trabalho.

No livro *Aulas sobre a vontade de saber*, datado de 1970 e 1971, Foucault propõe estudar uma morfologia sobre essa vontade. Aponta as práticas discursivas como um (mesmo) nível a ser analisado em diferentes sistemas de pensamento. Assim as define:

As práticas discursivas caracterizam-se pelo recorte de um campo de objetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito do conhecimento, pela determinação de normas para a elaboração dos conceitos e das teorias. Portanto, cada uma delas propõe um jogo de prescrições que regem exclusões e escolhas. (FOUCAULT, p. 203, 2018)

N'A *arqueologia do saber* (2008) – primeira edição em 1969 – Foucault afirma que a prática discursiva é “um conjunto de *regras* que são imanentes a uma prática e a definem em sua especificidade” (p. 52), que seria o jogo de prescrições que definem exclusões e escolhas, como mencionado no excerto acima. Essas relações que formam as práticas discursivas é o que poderiam explicar questões de “como a criminalidade pôde tornar-se objeto de parecer médico, ou como o desvio sexual pôde delinear-se como um objeto possível do discurso psiquiátrico” (p. 54). Foucault, ainda no mesmo livro, diz que “[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais

que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (p. 55). Disso se trata o discurso.

Como o próprio Foucault explica, *A Arqueologia do saber* proporciona a visualização do domínio de instituições em processos econômicos, relações que ocorrem socialmente e que se manifestam em formações discursivas, demonstrando que mesmo o discurso sendo autônomo e específico, não é, por isso, independente da história. *A Arqueologia* se propõe a demonstrar de que forma a história pôde dar lugar a certos discursos que têm sua própria historicidade relacionada a conjuntos de historicidades.

Um exemplo de prática discursiva que Foucault nos apresenta n’*A arqueologia* é de que na época clássica o que se dizia sobre doenças nervosas, melancolias, delírios e manias era uma prática discursiva que, mesmo não sendo uma disciplina autônoma, aparecia “[...] na medicina, nos regulamentos administrativos, textos literários ou filosóficos, casuística, teorias ou projetos de trabalho obrigatório ou de assistência aos pobres.” (p. 201). É uma formação discursiva e uma positividade com característica descritiva e que não retomam a nenhuma disciplina autônoma.

Continuando com *Aulas sobre a vontade de saber*, Foucault segue explicando que as práticas discursivas não são apenas modos de fabricação de discursos, pois elas acontecem a partir de conjuntos técnicos, instituições, padrões de comportamento, pelo modo com que são transmitidas e difundidas, bem como por meio de formas pedagógicas que as impõem e sustentam. As práticas discursivas sofrem transformações, as quais podem ocorrer fora delas, quando há mudança nas formas de produção, nas relações sociais, nas instituições políticas, ou internamente, quando há alteração na determinação dos objetos, no ajuste dos conceitos, no aumento de informações.

A forma que Foucault estuda o discurso se modifica um pouco quando ele, depois de fazer uma análise arqueológica no nível do discurso, ou seja, no nível das práticas discursivas, passa a propor uma teoria, como ele menciona uma justificativa teórica sobre a vontade de saber. Para isso, terá como base o modelo teórico de Nietzsche em que o conhecimento é uma invenção movido por um jogo de instintos,

desejo, medo e vontade de apropriação. Outra característica dada por Nietzsche, que nos é informada por Foucault, é que o conhecimento é sempre servo, funcionando de acordo com os interesses que possam atender aos instintos que o dominam, ou seja, pressupõe que o conhecimento estará subjugado por relações de poder. Foucault finaliza essa ideia dizendo:

Portanto, o interesse é posto radicalmente antes do conhecimento e subordina-o a si mesmo como um simples instrumento; o conhecimento dissociado do prazer e da felicidade está ligado à luta [...] Sua ligação originária com a verdade é desfeita, visto que nele a verdade é apenas um efeito. (2018, p. 206)

A partir dessa teorização sobre como funciona a relação entre o interesse e o saber, podemos nos perguntar quais são os conhecimentos mobilizados por Bolsonaro, em relação à cloroquina, que fazem com que esse dizer provoque um efeito de verdade. Essa questão será respondida ao longo do trabalho e também norteará a nossa análise discursiva.

Ainda no mesmo curso, Foucault faz uma análise da história de Édipo Rei, escrito por Sófocles, por volta de 427 a.C., para explicar que a determinação edípica em encontrar a verdade é fundamental na determinação dos discursos que funcionam como verdadeiros nas sociedades ocidentais, pois a verdade só seria validada com a garantia da pureza, conferindo poder. “A verdade é o que permite excluir, separar o que está perigosamente misturado; distribuir devidamente o interior e o exterior, traçar os limites entre o que é puro e o que é impuro.” (FOUCAULT, 2018, p.168). O impuro é aquele que ignora a lei que é visível e compreendida por todos, que inclusive aparece na ordem da natureza. Édipo se torna impuro ao estar cego para a lei principal – pai e mãe –, apesar de ter decifrado o enigma com seu próprio saber, não sabe mais o que fazer, não sabe mais qual a ordem das coisas, pois sua impureza o excluiu da lei, tornou-se impuro. É necessário então recorrer a quem pode saber, às testemunhas. Édipo então, estando impuro, ainda ignora a verdade quando todos já podem sabê-la, e por estar impuro ignora a ordem dos homens e das coisas. “A pureza liga saber e poder. A impureza oculta o saber e expulsa o poder.” (FOUCAULT, 2018, p.172). Foucault entende que a obra *Édipo rei* está mostrando um sistema de coerção que é seguido pelo discurso da verdade no ocidente, com início na Grécia. Essas coerções são basicamente duas: a transformação dos acontecimentos em fatos, com o saber das

testemunhas, exigências políticas, jurídicas e religiosas; e o respeito às leis no princípio de sabê-las, de conhecê-las. Para Foucault, são essas as coerções históricas narradas por Édipo, adotadas pelas sociedades ocidentais, que filtram os discursos verdadeiros dos não verdadeiros. Ou seja, o que aconteceu é submetido a um fato que por sua vez é purificado pela lei, que funciona como um poder distribuído em um saber, a lei purificadora.

Essa forma de validar um discurso como verdadeiro ainda prevalece no Ocidente, de fato é o que fortalecerá o inquérito, imprescindível no uso do sistema judiciário até hoje. A testemunha que presenciou o fato, independentemente de sua posição social, será fundamental para esclarecer o que se supõe que realmente tenha acontecido. De forma que não se duvida de sua palavra, se estas não forem passíveis de contradição. Há uma crença de que a verdade está sendo dita pela testemunha, pelo simples fato de ela estar se expondo a essa situação de forma pública. Seria possível até mesmo relacionar a atitude da testemunha a um ato de parresía, em que ela diz a verdade, ainda que possa ser prejudicada por esse posicionamento. Como será visto nos capítulos dois e três desta dissertação, a ciência funcionará como uma testemunha, uma validação inicial para a defesa da cloroquina por Bolsonaro no tratamento de pessoas infectadas pela covid-19. Porém, trataremos de explicitar de que forma, mesmo o discurso científico manifestando o oposto, pouco tempo depois, informando sobre a ineficácia da cloroquina contra a covid-19, ainda assim, Bolsonaro será creditado por parte da população sobre a aplicabilidade do medicamento. Qual é esse discurso e de que forma ele consegue produzir esse efeito de sentido?

Com relação ao conceito de discurso, Foucault o desenvolve ao longo de sua produção teórica, de forma que essa noção aparece em publicações diversas, não estando concentrada apenas em uma obra com essa finalidade. Neste trabalho tomaremos a definição de discurso de acordo com algumas obras de Foucault pertinentes ao tema tratado, considerando inicialmente a noção de discurso n'A *arqueologia do saber* como um campo de regularidade em que é possível verificar a dispersão e descontinuidade do sujeito relacionado a si mesmo (é desenvolvida uma rede de lugares diferentes), pois o discurso não é dito por um sujeito que pensa e tem conhecimento total e profundo sobre o que diz, mas, ao contrário, o discurso é

considerado “[...] um campo de regularidade para posições de subjetividade” (2008, p. 66). A dinâmica dos enunciados é orquestrada pela característica de regularidade do discurso.

Em *Ditos e Escritos VI, Repensar a política*, em um texto escrito ainda antes d’*A Arqueologia do saber*, em 1968, Foucault propõe o seguinte conceito de discurso:

[...] o discurso é constituído pela diferença entre o que poderíamos dizer corretamente em uma época (segundo as regras da gramática e aquelas da lógica) e o que é dito efetivamente. O campo discurso é, em um momento determinado, a lei dessa diferença. Ele define assim um certo número de operações, que não são da ordem da construção linguística ou da dedução formal. Ele desdobra um domínio ‘neutro’, em que a palavra e a escrita podem fazer variar o sistema de sua oposição e a diferença do seu funcionamento. [...] é a história dessas coisas ditas que empreendo (2013a, p. 14)

A citação acima nos ajuda a entender melhor de que forma o discurso bolsonarista materializa um dizer em que é possível defender a cloroquina como medicamento para tratamento da covid-19 ainda que não tenha sido comprovado cientificamente. Mesmo que esse discurso esteja para além das regras da lógica, nesse caso da lógica e testemunho da ciência, ele alcança um nível, um domínio, em que o que ele diz apresenta sentido e por isso pode ser compreendido (ainda que esteja na direção oposta do que se toma como discurso da verdade na sociedade atual). O próximo conceito que veremos, que será “poder”, explica também esse fenômeno.

Foucault, ao longo da sua produção intelectual, incluirá a temática do *poder* em seus estudos. Esse conceito está ligado à teoria genealógica do autor. Enquanto a arqueologia permitia que ele especificamente descrevesse as mudanças de ordem discursiva por meio dos seus efeitos, a genealogia possibilitou a verificação de como essas mudanças ocorreram imbrincadas de relações de poder. A seguir, um trecho de *A ordem do discurso*, de 1970, em que Foucault fala sobre essa alternância entre as duas teorias (que pode ser interpretada também por um ir e vir na teoria, de acordo com a análise), apenas um ano após a publicação de *A arqueologia do saber*.

Assim, as descrições críticas e as descrições genealógicas devem alternar-se, apoiar-se umas nas outras e se completarem. A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso. Digamos, jogando com as palavras, que ela pratica uma desenvoltura aplicada. A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação e, por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. Chamemos de positivities esses domínios de objetos; e, digamos, para jogar uma segunda vez com as palavras, que se o estilo crítico é o da desenvoltura estudiosa, o humor genealógico será o de um positivismo feliz. (FOUCAULT, 2019 [1970], p. 34)

Dez anos depois de publicar *Ditos e Escritos VI*, em *A microfísica do poder*, Foucault (1998, p. 4) declara: “[...] o que faltava no meu trabalho era este problema do ‘regime discursivo’, dos efeitos de poder próprios do jogo enunciativo.”. Foi então em *História da sexualidade: vontade de saber* (1976), que Foucault tratou pontualmente desses dois conceitos, que o discurso pode cumprir concomitantemente a função tanto de instrumento de poder como de efeito de poder, mas pode servir, também, como ponto de apoio, de empecilho, ponto de partida ou mesmo de resistência ao poder. Portanto, para o autor, o discurso é capaz de produzir poder, mas também é capaz de funcionar como contraposição ou como o próprio poder.

E o que seria poder para Foucault? A partir de hipóteses que ele mesmo propõe em *Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber* (2006), em uma entrevista dada em 1977, pode-se entender melhor: o poder é maior que o corpo social; as relações de poder aparecem em outras esferas como de produção, de família, de sexualidade etc., desempenhando simultaneamente um papel de condicionante e de condicionado; aparece de forma múltipla, não somente como interdição e castigo; seu entrecruzamento forma maneiras gerais de combinação, por sua vez organizada em estratégias que se moldam de acordo com a necessidade, seja por fenômenos de inércia, de intervalos, de resistências. Por essas características, Foucault propõe que não se pense no poder como uma relação binária em que de um lado se tem os dominantes e do outro os dominados absolutos, pois há uma produção multiforme de relações de dominação que se integram em estratégias de conjunto. As relações de poder servem porque podem ser utilizadas em estratégias, de acordo também

com a resistência que apresentam, pois não há relação de poder sem resistência, que por sua vez funciona como o poder, sendo múltipla e integrável a estratégias globais. Importante lembrar que Foucault discorre sobre a diferença existente em cada tipo de relação de poder, dependendo da época também, pois elas são diferentes e apresentam estratégias e dinâmicas próprias de acordo com seu nível.

Por se constituir em uma relação de força, é possível ser revertida, não havendo assim um poder absoluto. É desse tipo de relação que fala Foucault. Como exemplo, Foucault explica que as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre uma pessoa que detém um saber e outra que não o tem, dentro da família, entre as crianças e os pais, e milhares de outras relações de poder na sociedade. São essas relações, por exemplo, que enraízam e fortalecem, fazendo com que funcione o poder que o Estado exerce sobre os cidadãos, pois há níveis de relações de poder que vão se tornando mais complexas e, portanto, mais fortes.

O que seria o poder do Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, se não houvesse, em torno de cada indivíduo, todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe enfiou na cabeça tal ou tal ideia? (FOUCAULT, 2006, p. 231)

A resistência é importantíssima, de acordo com a teoria de Foucault, porque ela é fundamental para que o poder se efetive. É porque há resistência, ou sua possibilidade, que o poder pode se realizar, manifestar-se, ser exercido, praticado. A resistência faz com que aquele que detém o poder, para manter-se nesse lugar, se adapte de acordo com o desafio apresentado para aumentá-lo, torná-lo mais eficiente de modo que a resistência se enfraqueça. É essa luta permanente que Foucault trata de evidenciar em seus estudos.

Com a introdução do termo 'poder' e com o estabelecimento da relação existente entre o discursivo e o não discursivo, foi necessária a utilização do conceito de dispositivo, para assim poder elaborar, sob o aspecto genealógico, de que maneira ocorreram as mudanças discursivas, ou seja, analisar os motivadores dessas alterações. Já, a respeito do termo dispositivo, Foucault não elabora uma teoria geral para esse conceito, mas o cita em uma das entrevistas compiladas em *Microfísica do poder*. Para exemplificar o uso desse termo, Foucault menciona como

exemplo a disciplina, a prisão, o poder, o saber, a sexualidade, a subjetividade, a verdade etc., todos funcionando como dispositivos. Cronologicamente, o conceito de 'dispositivo' aparece entre os anos 1975 e 1976, nas obras *Vigiar e punir* e *História da sexualidade: a vontade do saber*, respectivamente. Outros autores trabalharam com esse conceito a partir da proposição de Foucault. Courtine, por exemplo, em seu livro *Decifrar o corpo, pensar com Foucault* (2013, p. 79), nos diz que aquilo que Foucault denomina como dispositivo não são somente textos, mas práticas e imagens, não são apenas as palavras, mas as coisas e os olhares que as percebem. Ou seja, essa definição reitera a utilização do termo dispositivo utilizado na genealogia ao analisar o não-discursivo.

Em *Poder psiquiátrico* (2003), Foucault explica de que forma um dispositivo utilizado na área da medicina neurológica é implementado na área psiquiátrica, de forma a fazer com que a histeria se tornasse uma doença possível de ser manipulada pela medicina.

A prova de realidade já não é necessária: a clínica neurológica vai dar, pelo menos num certo domínio, a possibilidade de aplicar um diagnóstico diferencial, do mesmo modo que a medicina orgânica, só que a partir de um dispositivo totalmente diferente. Em linhas gerais, o neurologista diz: obedeça às minhas ordens, mas cale-se, e seu corpo responderá por você, dando respostas que só eu, por ser médico, poderei decifrar e analisar em termos de verdade. "Obedeça às minhas ordens, cale-se e seu corpo responderá": vocês percebem que é precisamente aí que, naturalmente, vai se precipitar a crise histérica. E nesse dispositivo que a histeria vai entrar. Não digo que ela vá aparecer: esse é um problema que, a meu ver, é inútil colocar em termos de existência histórica da histeria. Quero dizer que sua emergência no campo médico, a possibilidade de fazer da histeria uma doença, sua manipulação médica, só são possíveis a partir do momento em que esse novo dispositivo clínico, que não é de origem psiquiátrica, mas neurológica, foi instaurado, em que essa nova cilada foi armada. (FOUCAULT, 2003, p. 412).

Foucault utiliza então o conceito de dispositivo, exemplificado acima, como uma ferramenta que fará, nesse caso, a extração da verdade a partir de um procedimento que é o exame. Esse procedimento com esse poder de verificação de verdade é o que Foucault chama de dispositivo, pois essa é sua função.

Contrastando com o conceito de dispositivo, que vai aparecer em determinado momento na obra teórica de Foucault, o conceito de discurso é

trabalhado por ele ao longo de toda sua produção intelectual. N'A *Arqueologia do saber*, como o discurso é considerado arquivo, este é definido como um conjunto de enunciados oriundo de um mesmo sistema de formação, tendo em comum as mesmas condições de existência (p. 151). Conforme Foucault começa a desenvolver seu trabalho inserindo o conceito de poder, também começa a utilizar o conceito de dispositivo e prática, de forma que o não-discursivo inicia sua participação na análise do discurso, fazendo com que a arqueologia comece a dar lugar à teoria genealógica do discurso. Foucault compreende que é um conjunto de enunciados que compõem o discurso, que por sua vez integram uma formação discursiva alinhada pela sua regularidade. Afirma também que a partir da concepção de formação discursiva, procura delimitar o conceito de episteme como um campo inesgotável e que não pode ser considerado fechado, que não tem como finalidade dar conta de agrupar todos os conhecimentos de uma época, mas sim o poder de percorrer um campo indefinido de relações, um conjunto móvel de movimentos e coincidências que se realizam e se desfazem e que permitem captar a dinâmica de limitações e influências impostas ao discurso em um dado momento, de acordo com a *Arqueologia do saber*, (p. 219). E o que seria, então, enunciado e formação discursiva? N'A *arqueologia do saber*, Foucault define enunciado como

[...] uma função de existência que pertence, exclusivamente aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (2008, p. 98)

Os enunciados podem revelar as regras que os regem a partir da regularidade que apresentam, fazendo com que produzam ou pertençam a um sistema de formação discursiva, que de acordo com Foucault,

[...] entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os

conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade". (2008, p. 43)

Na entrevista concedida pelo filósofo a Alexandre Fontana, que consta n'A *microfísica do poder*, ele explica que foi do estudo da loucura na Idade Média ao estudo da delinquência pelo fato de a psiquiatria apresentar um perfil epistemológico duvidoso, como ele mesmo denomina, e que por esse motivo seria mais fácil verificar quais os mecanismos de poder guiariam a epistemologia desse campo. Por ser uma área com métodos científicos mais positivistas, as dinâmicas de poder que regem o funcionamento dessa ciência não ficariam tão evidentes, mas não por esse fato estariam livres do seu exercício.

Com esse posicionamento é evidente que, para Foucault, a episteme de qualquer campo apresenta em seus métodos uma dinâmica de poder que rege o funcionamento de técnicas e procedimentos valorizados para a obtenção da verdade, definindo o que será considerado científico, verdadeiro ou não verdadeiro. Foucault explana o que ocorre discursivamente para explicar de que forma certos enunciados emergem e outros não no discurso da ciência bem como quais são os mecanismos de poder que permitem ou não essa emergência, essa rarefação, de acordo com

[...] uma modificação nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros. Não é, portanto, uma mudança de conteúdo (refutação de erros antigos, nascimento de novas verdades), nem tampouco uma alteração da forma teórica (renovação do paradigma, modificação dos conjuntos sistemáticos). O que está em questão é o que *rege* os enunciados e a forma como estes se *regem* entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Em uma, problema de regime, de política do enunciado científico. Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global. (FOUCAULT, 1998, p. 4)

A dinâmica recém citada não ocorre somente com relação à ciência, mas com qualquer enunciado, por isso ela é composta de mecanismos e tipos de discursos que são acolhidos pela sociedade que, por sua vez, distingue sua validade. E essa escolha segue alguns procedimentos compilados por Foucault (2019) que estão presentes em *A ordem do discurso*, datada de 1971. De acordo com esse texto, a produção de discurso é controlada em toda e qualquer sociedade, bem como selecionada, organizada e partilhada por meio de procedimentos que gerem os poderes e os riscos, fazem a contenção de sua aleatoriedade e encobrem sua materialidade. Para tanto, Foucault desenvolve os procedimentos, princípios e noções que regulam a prática discursiva, separando-os em três grandes grupos: os procedimentos de exclusão, que são formas externas de controle do discurso; os sistemas de controle interno; e o de rarefação do sujeito falante.

Inicialmente o interdito do primeiro sistema de exclusão, refere-se a três tipos, que, entrecruzados, evidenciam o exercício do poder: o tabu do objeto, o ritual da circunstância, e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, os três regulando quem pode dizer o quê e quando. De acordo com Foucault,

[...] como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (2019, p.7)

Afirmará o autor, também, que o discurso é então não um dispositivo utilizado para interpretar lutas ou modos de dominação, mas o próprio objeto do poder a ser disputado, apropriado.

O seguinte sistema de interdição que será fundamental neste trabalho é a vontade de verdade que, segundo Foucault, por si só nubla a verdade produzida por ela a ponto de não a enxergarmos “[...] enquanto prodigiosa maquinaria destinada a excluir” (2019, p. 12), e que é por isso que “os nossos olhos só veem uma verdade que é riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal” (2019, p.11), sendo que esses sistemas de exclusão, em realidade, implicam poder e desejo.

A vontade de verdade pode sofrer mudanças em sua forma de produção. Foucault relata algumas modificações na passagem do século VII para o século VIII, na sociedade grega, quando o discurso ganha importância não mais pelo seu ritual ao ser proferido quando relacionado a questões jurídicas, por exemplo, apreciado e acatado pelo que era ou pelo que realizava, mas ganha importância devido ao seu próprio enunciado, seu sentido, seu dizer. Também relata essa mudança de uma nova vontade de saber na virada do século XVI para o século XVII, na Inglaterra, em que se começava a conceber objetos mensuráveis, observáveis e classificáveis. Assim dizendo, a vontade de verdade, conclui Foucault, tem sua própria história. Ela é distribuída e apoiada de acordo com instituições sociais, mas também de acordo com práticas que distribuem e organizam o saber na sociedade, pois “[...] nem todos os saberes se tornam ciências, segundo Foucault. Isso é claro. Mas também é claro que os discursos que não são produzidos de forma organizada à moda das ciências não são saberes, para Foucault.” (POSSENTI, 2009, p. 170).

A seguir, para finalizar o conceito de vontade de verdade, um trecho em que Foucault expõe objetivamente sobre a produção da verdade e sua relação com o poder.

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (1998, p. 10)

Dentro de um mecanismo de vontade de verdade, é possível identificar procedimentos internos de controle do discurso, conceitos propostos pela teoria foucaultiana. Dentre os três pontos desenvolvidos por Foucault, comentário, disciplina e autor, é o de disciplina que será de fundamental importância nesta análise. Segundo o autor,

[...] disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpo de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que o seu sentido ou a sua validade estejam ligados ao seu inventor. [...] Para que haja disciplina, é preciso, por conseguinte, que haja a possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas. (2019, p.16)

Para que a vontade de verdade apresente credibilidade dentro de qualquer disciplina, ela deve obedecer às diretrizes que essa disciplina impõe como regras para produção da verdade. Para tanto, deverá estar de acordo com instrumentos conceituais e fundamentos teóricos e dirigir-se a um plano de objetos determinados para poder ocupar um lugar no verdadeiro daquela disciplina, no verdadeiro daquele discurso. Segundo Foucault, “[...] a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Fixa-lhe limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (2019, p. 18). Toda essa engrenagem reguladora do discurso, que funciona com o objetivo de controlá-lo, é explicada por Foucault com o conceito de logofobia.

Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso. (2019, p. 25)

Os conceitos acontecimento e descontinuidade, citados no trecho acima, são fundamentais para compreender as condições de possibilidade de emergência do enunciado ‘cloroquina’ no contexto da pandemia por coronavírus. Essas definições serão importantes para analisarmos a proliferação de enunciados em torno das publicações científicas relacionadas à cloroquina que possibilitaram discursos para além do campo científico, permitindo que a população em geral também fomentasse e produzisse sentidos para esse enunciado. Devido, inicialmente, à publicação desses artigos e a sua repercussão nos âmbitos científico, político e econômico, a cloroquina foi postulada como dispositivo de controle da covid-19. Porém, de provável dispositivo de controle passou a acontecimento discursivo, sendo utilizada

no nível do discurso para indicar posicionamento político, deixando de atender ao status de dispositivo.

E o que seria então acontecimento discursivo? No livro *Aulas sobre a vontade de saber* (2018), referente às aulas dadas por Foucault no Collège de France, entre os anos de 1970 e 1971, há uma definição do conceito de acontecimento discursivo:

Estava em causa analisar o que poderíamos chamar de acontecimento discursivo, ou seja: acontecimentos que concernem o modo de apropriação do discurso (político-judicial), seu funcionamento, as formas e os conteúdos de saber aos quais ele dá o papel que desempenha nas lutas sociais. (p.175)

Foucault explica que entende acontecimento discursivo como uma dispersão, uma multiplicidade, nada que seja indivisível, que pudesse ser situado por coordenadas no tempo ou no espaço. Algo policéfalo. Dessa forma, é um acontecimento que se dispersa entre leis, instituições, vitórias e derrotas políticas, comportamentos, ações, reações e revoltas. Não seria uma ocorrência apenas de um texto ou de um discurso. O acontecimento de que Foucault fala pode definir “o lugar e o papel de um discurso, a qualificação daquele que deve fazê-lo, o âmbito de objetos ao qual se dirige, o tipo de enunciados que ocasiona.” (p. 175)

Foucault, n’A *Arqueologia do saber*, propõe que seja isolado da língua e do pensamento o acontecimento enunciativo com o objetivo de não relacionarmos o acontecimento com motivadores exclusivamente psicológicos como a intenção do autor, o seu pensamento, os temas que lhe interessam, aquilo que faz sentido para sua vida, para que possa perceber outros tipos de relações e outras apresentações de regularidade. Essas relações seriam aquelas que não são registradas pela consciência do autor, podendo se estabelecer entre enunciados proferidos por diferentes autores e por aqueles que não se conhecem, bem como atuarem como relações entre grupos de enunciados que não apresentam o mesmo nível formal ou que não pertencem ao mesmo lugar de troca. Portanto, podem ser relações definidas como técnica, política ou social (assim como ocorre com relações entre enunciados e acontecimentos de ordens diferentes entre si).

Foucault afirma, referindo-se ao campo dos acontecimentos discursivos, que é um conjunto finito de sequências linguísticas que foram formuladas. E também vai sustentar que:

[...] a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (2008, p. 35).

A descrição em termos de acontecimentos considera as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado. Ou seja, o acontecimento discursivo é a materialização de enunciados possíveis e as condições de produção para que esses enunciados aconteçam.

Como mencionado anteriormente, Foucault insere o conceito de dispositivo à medida em que começa a estudar práticas não discursivas que, junto às práticas discursivas, ordenam os funcionamentos e a manutenção de determinados discursos. E, como forma de analisar as condições de produção dos discursos sobre o enunciado cloroquina, é necessário entender o conceito de dispositivo. Foucault não dedicou a esse conceito uma obra ou análise específicos, mas em *Microfísica do poder*, em uma das entrevistas compiladas, quando lhe é perguntado sobre seu sentido e função metodológica, explica o seguinte:

[...] em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (1998, p. 244)

O autor é bastante preciso ao pontuar do que se trata o conceito de 'dispositivo', declarando que é uma rede de ocorrências existentes que proporcionam a condição para que um dispositivo se estabeleça, e que entre condições discursivas também estão condições práticas (não discursivas) que as

corroboram. Logo, percebe-se que o dispositivo produz um resultado, um efeito, sempre com base em uma implicação de saber e poder em regimes de verdade que a sociedade aprova, fazendo com que se classifique o que é verdadeiro e o que não é considerado verdade. O dispositivo fornece uma resposta que é seguida, considerada verdadeira, pelo social e que faz a manutenção de estruturas sociais reforçando o poder que elas já detêm, constituindo a subjetividade dos sujeitos.

É a partir dessas formulações foucaultianas que é possível compreender como a cloroquina é colocada, considerada, um possível dispositivo de controle da covid-19, pois há uma série de acontecimentos (discursivos e não discursivos) que a colocam nesse lugar: a começar pelo discurso da ciência que primeiramente a valida e que é reiterado pelas instituições que confirmam estudos, pesquisas, publicações, implicando enunciações e medidas administrativas referentes às diretrizes da saúde, como exemplo, a Organização Mundial da Saúde. Outra situação é sua resultância em políticas públicas de saúde implicando a distribuição de cloroquina¹⁶, o que é impulsionado por discursos e posicionamentos políticos a seu favor. Assim como a mediação que leva à população as informações sobre a cloroquina, proporcionando acesso a inúmeros tipos de discurso nesse sentido, tanto em seu favor como contra.

Mas para compreender de que forma enunciados que não estavam vigentes passaram a estar, proporcionando condições para que postulassem a cloroquina como candidata a dispositivo, um conceito essencial é o de descontinuidade. É considerado um marco de renovação no campo do conhecimento de história. Segundo Foucault,

É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não

¹⁶ O prefeito da cidade de Itajaí se tornou notícia nos meios de comunicação após propor, como política pública da cidade, a distribuição de cloroquina, homeopatia, Ivermectina (medicamento antiparasitário) e até mesmo tratamento à base de ozônio para medicar pacientes de covid-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/04/sc-prefeito-avalia-tratamento-para-covid-com-aplicacao-retal-de-ozonio.htm>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (2008, p. 28).

O conceito de descontinuidade do discurso é importante para que se possa entender de que forma é possível a emergência de enunciados que pertencem a formações discursivas que não estão vigentes e que de repente irrompem e se concretizam no discurso a ponto de contribuírem para a realização de acontecimentos discursivos e não discursivos. Nesta dissertação, serão analisados os discursos que contribuíram para que a cloroquina pudesse ser defendida ainda quando, na própria ciência, havia discursos contrários em relação a sua eficiência.

A descontinuidade é oriunda da teoria de Georges Canguilhem (1904 – 1995) filósofo e médico francês com forte influência em Foucault, que se dedicou a estudar, assim como Bachelard e outros, a questão iluminista sobre a relação entre a razão e a sua história. De acordo com Castro (2018), Canguilhem desenvolveu sua análise das disciplinas formais no campo da biologia e da medicina, reestruturando o domínio da análise histórica das ciências. Dois pontos dessa estrutura que importam para esta dissertação são a introdução do tema da descontinuidade e de que a história da biologia de Canguilhem é fundamentalmente a história da formação dos conceitos e de como eles são utilizados em diferentes campos epistêmicos. O primeiro ponto será utilizado para a análise discursiva que esta dissertação apresenta, e o segundo ponto é importante porque se aproxima fortemente da análise discursiva arqueológica feita por Foucault que examina discursos correntes em diferentes epistemes, mas sincronicamente.

No livro *Ditos e escritos IV* (2006), Foucault expõe sobre como percebe a descontinuidade. Afirma que esse fenômeno, considerado constatação e não uma noção fundamental, é típico de textos científicos, pois não ocorre sempre em outros tipos de textos, como vai exemplificar.

(...) desafio a qualquer um que olhe os livros de medicina (...) de 1750 a 1820, a não ver, em um dado momento e em um espaço de tempo extraordinariamente restrito (...) uma mudança não apenas nas teorias, não apenas nos conceitos, não somente nas palavras, no vocabulário, mas nos objetos de que se fala, na relação com as coisas, uma mudança radical. (FOUCAULT, p. 235)

Foucault afirma ainda que a medicina datada do início do século XVIII, quando lida atualmente por médicos contemporâneos, não se pode identificar com precisão de que doença se está tratando, pois ainda que as descrições das epidemias sejam muito bem realizadas e detalhadas, as informações utilizadas naquele momento não dão conta das descrições utilizadas hoje em dia, o que prova que o olhar mudou. E descrevendo essas rupturas tão evidentes e comuns no campo científico, ressalta que o mesmo não ocorre em outros tipos de textos, como o religioso, por exemplo. Ao escrever *História da sexualidade*, em 1976, informa que os textos religiosos de S. Bento, São Jerônimo, dos padres gregos, dos monges da Síria e do Egito até o século XVII, há uma continuidade absoluta e surpreendente.

Foucault afirma também, n'*A Arqueologia do saber*, que com esse eixo norteador de leitura da história, a descontinuidade, é necessário abandonar categorias tradicionais comumente usadas para traçar a continuidade do saber, da razão, do pensamento, somente analisando autor, obra e livro, por exemplo. É necessária então a elaboração de categorias próprias para analisar o que for determinado no plano do discursivo. Foucault também esclarece que a descontinuidade é um esquema de mudanças específicas, que elas são diferentes umas das outras, cada uma apresentando suas condições, suas regras, mas que são ligadas entre si de acordo com esquemas de dependência.

Gaston Bachelard (1884 – 1962) é outro teórico que Foucault toma como referência para sua produção como histórico e filósofo, referindo-se a ele em relação às noções de atos e fronteiras epistemológicas. Por isso Foucault o coloca como uma das figuras centrais da transferência no campo da história das ideias, das ciências e da filosofia. Com a noção de fronteira epistemológica, Bachelard deteve a acumulação ilimitada de conhecimento. De fato, Bachelard não busca estabelecer nem o começo discreto dos conhecimentos, nem seus precursores, mas sim o aparecimento de um novo tipo de racionalidade. Bastante semelhança pode ser percebida com a teoria arqueológica que Foucault desenvolve para ler os discursos ao longo da história, aplicando o conceito de descontinuidade de Canguilhem à proposta de Bachelard, de ruptura entre epistemes, o não acúmulo de conhecimento para a produção de outros conhecimentos. Duas influências fundamentais na obra

de Foucault e que depois de conhecidas compreende-se melhor de que forma funciona a perspectiva foucaultiana e seus principais conceitos.

Dado esse norte conceitual e teórico, observaremos de que forma o discurso da ciência, perpassado por relações de poder, funcionou com os dois artigos publicados sobre a cloroquina nos importantes e referentes periódicos científicos *International Journal of Antimicrobial Agents*¹⁷ e *The Lancet*¹⁸. Fato que possibilitou a emergência de discursos para além do campo científico que, por sua vez, invalidaram a ciência, colocando-a em xeque quanto à metodologia e quanto aos resultados de acordo com posicionamentos políticos e não de acordo com as evidências científicas.

¹⁷ “O *International Journal of Antimicrobial Agents* fornece informações de referência revisadas por pares abrangentes e atualizadas sobre as propriedades físicas, farmacológicas, in vitro e clínicas de agentes antimicrobianos individuais (agentes antivirais, agentes antiparasitários, agentes antibacterianos, agentes antifúngicos etc.)” Disponível em: <https://www.journals.elsevier.com/international-journal-of-antimicrobial-agents>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

¹⁸ Revista científica sobre ciências médicas, independente e internacional, com publicações semanais revisadas por pares. Foi fundada em 1823 por Thomas Wakley. Disponível em: <https://www.thelancet.com/about-us>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

5 CIÊNCIA E VERDADE

De acordo com Foucault, a ciência é considerada vontade de verdade, que nada mais é que a busca do ser humano pela verdade das coisas. E assim ela está institucionalizada na nossa sociedade e aceita como tal, com a função de estabelecer a verdade.

Na epistemologia, e aqui se está remontando à *Arqueologia do saber*, a ciência é o lugar da racionalidade, do conhecimento e da normatividade. Tendo em vista que um artigo científico para ser considerado como tal deve cumprir uma série de normas institucionalizadas, respeitando um crivo forte e grande de verificação dessas normas, então, cabe questionarmos no que se refere aos dois artigos sobre a cloroquina, o que ocorreu para que o discurso científico ficasse estremecido e fosse posto em xeque? Respondem esses dois artigos ao que é exigido de um artigo científico?

Sob um discurso científico, os dois artigos foram considerados primeiramente aprovados, mas, em seguida falhos em aspectos não cumpridos no que se referia à normatividade científica vigente, e, por isso, retirados de circulação. Essas normas não cumpridas que foram identificadas posteriormente contam com constatação de informações que não sustentavam a conclusão das pesquisas. Também foi constatado erro na metodologia utilizada em cada um e que foi identificado quando submetidos à análise por outros especialistas, como se esperava que tivesse sido feito desde o princípio. A considerada falha metodológica se deu porque a normatividade da ciência vigente não abarca os procedimentos que foram realizados nos artigos em questão. Para tanto, é necessário recorrer à epistemologia para compreender a normatividade na produção da verdade no campo científico.

Foucault toma como referências as filosofias de Canguilhem e Bachelart, principalmente, para a produção d'*Arqueologia do saber*. Há formulações muito próximas entre esses teóricos e Foucault. Para tanto, recorreremos à conceitualização científica que é base na produção da verdade da ciência como processo da história que define a racionalidade, a arqueologia, estabelecendo relações conceituais no nível do saber, sem determinar uma ordem temporal dos eventos científicos.

Sabe-se que a ciência é o lugar próprio da verdade, e de acordo com Machado (2006), uma tese característica do pensamento de Canguilhem é a de que somente na ciência é possível levantar o ponto da verdade. Contudo, não quer dizer que todo discurso científico seja necessariamente verdadeiro, pois a ciência é formada por proposições verdadeiras e falsas. O erro, portanto, apresenta uma positividade. Em Canguilhem, ainda de acordo com Machado (2006), é encontrada uma valorização do erro, do falso, como caminho de aperfeiçoamento da ciência em busca de se chegar à verdade, importando muito mais o processo do que o resultado. Segundo Bachelart (1951, p. 86. apud Machado 2006, p. 13) “a ciência é fundamentalmente trabalho, produção. Se a ciência é o lugar da verdade, é porque ela deve estar na verdade, no sentido de que só seus procedimentos são capazes de produzi-la.”. São os critérios de cada disciplina do conhecimento, ou seja, de cada campo científico que estipularão de que forma serão os resultados verdadeiros, e de acordo com essa proposição, Canguilhem assevera que o verdadeiro é o discurso científico, pois a veracidade terá sido produzida pelo próprio campo científico que valida ou não o que ele mesmo propõe para se chegar a uma verdade. Portanto a ciência é produtora da verdade uma vez que não existem critérios universais ou exteriores que possam judiciar uma verdade científica, logo a disciplina correspondente a um determinado campo científico é quem propõe o objeto de estudo, seus métodos, princípios e procedimentos.

Foucault propõe em *A ordem do discurso* que para que uma proposição pertença a uma certa disciplina ela deve ser dirigida a um determinado plano de objetos, obedecendo a instrumentos conceituais, técnicas ou mesmo pertencendo a determinado campo teórico para ter validade naquele lugar discursivo.

“[...] uma proposição tem que passar por complexas e pesadas exigências para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina, antes de se poder dizê-la verdadeira ou falsa, ela deve estar, como diria Canguilhem, ‘no verdadeiro’.” (2019, p.18)

Foucault cita o caso de Mendel que, em sua época, não pôde ser reconhecido porque o que propunha como objeto, o traço hereditário, método e instrumentos conceituais estavam em um plano teórico que não eram aceitos, não pertenciam ao discurso vigente da Biologia de então. Mendel dizia a verdade, mas não ocupava um

lugar “no verdadeiro”, não obedecia ao que era imposto pela polícia discursiva, como se refere Foucault, ao discurso científico que controla essa produção da verdade.

Talvez fosse possível identificar algo em comum entre o caso Mendel e o episódio de Raoult Didier referente à cloroquina. Didier, no seu artigo sobre a eficácia da cloroquina no combate à covid-19, apesar de estar inscrito no discurso científico, não cumpre com todas as suas regras. E mesmo assim defende seu método e seus resultados, sua própria ciência. Ao não obedecer às regras estipuladas atualmente pelo discurso da ciência, acaba por não se encaixar na ordem discursiva vigente para poder ter efeito de verdade. Como exemplo, temos um trecho da entrevista concedida por Raoul à Revista Piauí, em junho de 2020 em que diz que:

[...] acredita que seus colegas são incapazes de ver que as ideias deles resultam de modas intelectuais, que a metodologia os hipnotiza, fazendo-os acreditar que compreendem o que não compreendem, e que lhes falta disciplina mental para entender o erro que cometem. (SAYARE, 2020).

A área científica do campo da biomedicina, não diferente de outras científicas, funciona de acordo com regras que dizem respeito ao seu próprio campo e que são utilizadas na obtenção das verdades dessa área. A exemplo, é um campo formado por uma série de funcionamentos heterogêneos, como protocolos de controle e de procedimentos nas etapas da própria pesquisa, normatividades referentes a quais sujeitos estão aptos a realizar as pesquisas (cientistas) e quais não estão, relevância do trabalho com mais prestígio ou menos prestígio de acordo com o periódico científico em que a pesquisa é publicada, entre outros. Nesse sistema (que pode ser chamado de dispositivo da ciência, uma vez que a partir de elementos discursivos e não discursivos é utilizado na validação do que é verdade ou não), para que se chegue ao que se considera verdadeiro, operam relações de poder que definem o que será tratado como verdade ou não, de acordo com os mecanismos citados acima. Para esse entendimento, compreende-se verdade, como citado por Foucault, em *A microfísica do poder* (1998, p.14), por “[...] um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.”, ou seja, o “[...] conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui, ao verdadeiro,

efeitos específicos de poder", por haver "um combate 'em favor' da verdade, [...] em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha" (p. 13).

Ainda neste mesmo livro, Foucault desenvolve seu pensamento sobre como se dá a produção da verdade em cada sociedade. E essa explanação nos faz relacioná-la ao discurso da ciência e de como ele é realizado.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1998, p. 12)

O discurso da ciência apresenta proposições que se organizam de forma sistemática, caracterizando um tipo de discurso, o da verdade. E ele só pode ser o discurso da verdade porque cumpre com um ritual que aprova sua produção discursiva. É essa relação de poder, cumprimento ou não do ritual, que colocará o discurso científico no espaço do verdadeiro. Foi uma falha no cumprimento desse ritual, denunciado também na mídia, em um contexto pandêmico, em que se espera ansiosamente por notícias de tratamento e de cura para a covid-19, que o discurso científico se debilitou com a evidência e repercussão que receberam os artigos. Em *O poder psiquiátrico* (2003), Foucault descreve o modo como costumamos verificar a verdade, que é através da constatação e demonstração, uma concepção científica. Essa maneira de se chegar à verdade revela o quanto essa perspectiva, esse modo de operação, faz-se presente e é valorado.

[...] temos certa posição filosófico-científica da verdade que é ligada à tecnologia da construção ou da constatação em direito universal da verdade, uma tecnologia da demonstração. Digamos que temos uma tecnologia da verdade demonstrativa que, em suma, coincide com a prática científica. (FOUCAULT, 2003, p. 302)

Neste mesmo livro, Foucault discorre sobre o que entende ser dois tipos de verdade: a verdade-acontecimento e a verdade-método. A primeira seria aquela em que pessoas ou lugares têm a possibilidade de apreendê-las, naturalmente designados a isso, como oráculos, feiticeiros etc. Essa verdade vem então através de rituais próprios para obtê-la, "uma verdade que não se dá pela mediação de instrumentos,

mas que se provoca por rituais, que se capta por artimanhas, que se apreende de acordo com as ocasiões” (FOUCAULT, 2003, p. 304). A relação estabelecida entre esse tipo de verdade e o que dela se apreende não se aproxima da relação entre o sujeito e o objeto, ou seja, não deriva de uma relação de conhecimento, mas de poder, “[...] belicosa; é uma relação de dominação e vitória [...]” (p. 304).

Foucault propõe então mostrar que a verdade-método é oriunda, é um aspecto da verdade-acontecimento, que aquela se origina desta. Também reconhece a força e as proporções que a verdade-método ganhou com sua aplicação na ciência. A partir do contraste que propõe entre as duas verdades para explicar que uma se origina da outra, Foucault vai afirmar que a demonstração científica no fundo nada mais é que um ritual,

[...] o sujeito supostamente universal do conhecimento na realidade nada mais é que um indivíduo historicamente qualificado de acordo com certo número de modalidades, [...] a descoberta da verdade é na realidade certa modalidade de produção da verdade [...] (FOUCAULT, 2003, p. 306)

Nessa dinâmica de constatação da verdade, os próprios procedimentos utilizados para sua obtenção reforçam o método que deverá ser aplicado novamente, ou seja, Foucault afirma que isso é a reafirmação do ritual que deverá ser seguido para obtenção de novas verdades. Tudo isso realizado por um sujeito apto, qualificado para tal. Essa qualificação ocorre quando o sujeito passa pelas instituições de ensino, cumprindo seus protocolos pedagógicos e provando, quando aprovado pelo sistema e suas regras, que está apto a realizar os rituais oficiais, que são os métodos científicos, tornando-se então sujeito cientista.

Quando Foucault afirma que a verdade-método é oriunda da verdade-acontecimento e caracteriza a primeira como sendo da ordem da guerra, pode-se concluir que a verdade obtida através de métodos é belicosa, ou seja, que mostra uma relação de poder no processo de obtenção de uma verdade. A ciência, portanto, segundo essa afirmação de Foucault, não se encontra em um estado de neutralidade, como se costuma pensar, por seu caráter de utilização metodológica para obtenção de respostas aos questionamentos humanos. Ela também está sujeita a relações de poder que regem seus métodos, assim como seus discursos.

Foucault explica ainda que a *Arqueologia do saber* foi a análise feita sobre o embasamento dos rituais, ou seja, métodos, bem como sobre o embasamento para a qualificação do sujeito cientista, ou descobridor de verdades, que por sua vez fazem parte da modalidade de produção da verdade, fomentando e reforçando essa maneira de produção. O fato de uma forma de obtenção da verdade prevalecer sobre outra, exercendo poder, Foucault vai nomear de genealogia do conhecimento, um reverso histórico, segundo o autor da *Arqueologia do saber*. Para demonstrar essa transformação, o autor faz a análise de vários dossiês - um deles foi o jurídico - que é interessante de ser mostrado aqui. Será visto a seguir como ocorreu a mudança da tecnologia da verdade-prova para a verdade-constatação, validada por testemunhos. “A passagem de uma tecnologia da verdade-acontecimento à verdade-demonstração creio está ligada, por um lado, à extensão dos procedimentos políticos do inquérito” (FOUCAULT, 2003, p. 315).

No livro *A verdade e as formas jurídicas* (2013b), publicado originalmente em 1974, Foucault mostra de que forma o inquérito foi utilizado por filósofos e cientistas do século XV ao século XVIII, pois para ele é uma forma típica de se obter a verdade na nossa sociedade.

E foi no meio da Idade média que o inquérito apareceu como forma de pesquisa da verdade no interior da ordem jurídica. Foi para saber exatamente quem faz o quê, em que condições e em que momento, que o ocidente elaborou complexas técnicas do inquérito que puderam, em seguida, ser utilizadas na ordem científica e na ordem da reflexão filosófica. (p. 21)

Na primeira conferência do livro, Foucault apresenta o que será falado nas conferências a seguir, explorando domínios de saber a partir de práticas sociais que fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, assim como novas formas de sujeito. De fato, Foucault propõe verificar através da história, a constituição de um sujeito, fundado e refundado por ela, ao invés de vê-lo como origem de um saber, conhecimento, do qual a verdade emerge.

As práticas sociais a que ele se refere são as práticas judiciárias: a forma como foram considerados os danos e suas consequências, de que forma foram julgados por esses erros e como essa forma foi definida, a maneira como a punição ou reparo foram impostos. Todas essas práticas regulares, mesmo sofrendo modificações, através da história, são formas que definiram tipos de subjetividades,

de saber, conseqüentemente, definiram a relação entre a verdade e o ser humano que Foucault vai estudar.

Foucault escolhe o inquérito para mostrar como ele é considerado socialmente uma forma de verdade, o modo como é e como foi praticado pelos filósofos do século XV ao século XVIII e de que maneira o formato do inquérito chegou às áreas da ciência, da geografia, da botânica, da economia... Uma ordem, um modelo do que é a verdade oriunda de um domínio político que não são impostos do exterior para o sujeito de conhecimento, mas que constituem esse sujeito.

Foucault conta sobre a passagem de um tipo de obtenção da verdade, obtido por meio da prova, que utiliza uma forma belicosa para a obtenção da verdade com fins de averiguação do que aconteceu. Já não ocorre mais um duelo, uma luta em que o vencedor leva consigo o crédito da razão, como a lei do mais forte, típico na antiguidade e Idade Média. Surge, porém, a necessidade de se tentar chegar à verdade por outros meios, por meio da averiguação dos fatos com outros procedimentos e não mais por meio de uma luta entre duas pessoas. O autor traça, então, algumas características importantes sobre o inquérito, oriundas da prática administrativa de imperadores carolíngios.

1. O poder político é o personagem essencial. 2. O poder se exerce primeiramente fazendo perguntas, questionando. Não sabe a verdade e procura sabê-la. 3. O poder, para determinar a verdade, dirige-se aos notáveis, pessoas consideradas capazes de saber devido à situação, idade, riqueza, notabilidade etc. (FOUCAULT, 2013b, p.71)

Essa é a base do que consideramos inquérito hoje em dia. Ou seja, surge de uma necessidade organizacional política e se torna um saber, ou melhor, um dispositivo que produz conhecimento e que será expandido e utilizado em outras áreas. É uma forma de poder que está sendo exercida com a utilização do saber.

Não foi racionalizando os procedimentos judiciais que se chegou ao procedimento do inquérito. Foi toda uma transformação política, uma nova estrutura política que tornou não só possível, mas necessária a utilização desse procedimento no domínio judiciário. O inquérito na Europa Medieval é sobretudo um processo de governo, uma técnica de administração, uma modalidade de gestão; em outras palavras, o inquérito é uma determinada

maneira do poder se exercer. (...) Nenhuma referência a um sujeito do conhecimento e a sua história interna daria conta deste fenômeno. Somente a análise dos jogos de força política, das relações de poder, pode explicar o surgimento do inquérito. (FOUCAULT, 2013b, p.74)

Os dois trechos acima tratam do que Foucault defende como a constituição dos saberes que ocorre movido por força política, por consequência de relações de poder, e não nascidos de um sujeito do conhecimento que cria tudo sozinho a partir de si mesmo.

Alguns saberes que o inquérito possibilitou são de ordem administrativa e econômica. De acordo com o inquérito, era possível obter informações quanto à riqueza da população, seus recursos e outras características, dessa forma, com o acúmulo desse saber sobre a população, o poder político foi aumentado. Nasce então da prática do inquérito ciências como Economia política e Estatística, tornando-se regular nos séculos XVII e XVIII. Pode-se concluir que essas técnicas referentes aos inquéritos foram utilizadas em domínios do saber e do conhecimento, e, por sua vez, relacionados intrinsecamente com o poder.

Foucault argumenta ainda que a partir dos séculos XIV e XV surgem tipos de inquéritos que se baseiam em testemunhos relacionados aos temas de geografia, astronomia, clima..., o que vai colaborar com os acontecimentos de descobrimento das Américas. As áreas da medicina, da botânica e da zoologia são consequências desse tipo de processo a contar dos séculos XVI e XVII. Foucault constata que o inquérito é um modelo que servirá de base para inúmeras áreas do conhecimento. Ou seja, podemos considerá-lo um dispositivo que produz a verdade, fonte do saber, e que é aceito e muito utilizado em nossa sociedade ainda na atualidade.

O inquérito é para Foucault uma forma de exercício de poder, mas também forma de saber, sendo principalmente uma forma política, que, por meio do judiciário, é utilizado como modo de legitimar uma verdade, adquirir informações que serão consideradas verdadeiras e transmiti-las, o que faz com que seja uma forma de saber-poder.

No que se refere ao caso da cloroquina, tema desta dissertação, o Senado instaurou uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito, para averiguar de que

forma o governo federal foi omissivo ou se teve de fato ações contra a pandemia por covid-19, bem como para apurar possíveis desvios de verbas destinadas aos estados brasileiros para tratamento da população infectada. A seguir, na parte de justificação do requerimento 1.371 para instauração da CPI da pandemia, de autoria do Senador Randolfe Rodrigues (REDE) e outros senadores, podemos observar que o discurso pró-ciência está presente, e esse posicionamento embasa fortemente os motivos expostos que justificam o pedido da CPI.

[...] o Brasil tem dado péssimo exemplo quanto ao controle da pandemia. De modo irresponsável, o Governo Federal sistematicamente deixou de seguir as orientações científicas de autoridades sanitárias de caráter mundial, incluindo a Organização Mundial de Saúde. O Presidente Bolsonaro demitiu até mesmo dois Ministros da Saúde, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, pelo fato de não seguirem as suas crenças e quimeras na condução de políticas públicas de saúde. Já no início da pandemia da Covid-19, o Governo Federal tentou impedir que os entes federados pudessem tomar medidas para diminuir o ritmo de propagação do vírus, como o isolamento social, o uso de máscaras e álcool em gel. Após decisão do Supremo Tribunal Federal garantir a autonomia dos entes e reafirmar que o cuidado com a saúde é uma competência comum, o Governo Bolsonaro parece ter optado por lavar as mãos e se omitir, incentivando até mesmo tratamentos sem nenhuma evidência científica, além de atrapalhar os esforços dos prefeitos e governadores. Enquanto cientistas do Brasil e do mundo se dedicaram na busca por vacinas que nos ajudassem a superar a Covid-19 e a, finalmente, retomar a vida econômica e social, mais uma vez o Governo Federal optou por ser um obstáculo. Primeiro procuraram desacreditar e retardar, por pura disputa ideológica e política, a vacina CoronaVac simplesmente porque ela foi desenvolvida por uma empresa chinesa em parceria com o Instituto Butantan. Depois, quando dezenas de países já tinham adquirido vacinas e preparado Planos de Vacinação, o Ministério da Saúde não havia nem assegurado um estoque adequado de agulhas e seringas, muito menos de vacinas. Foi preciso mais uma vez a intervenção do STF para obrigar o Governo a elaborar um Plano de Vacinação Nacional e impedir que preconceitos ideológicos ou disputas políticas se sobrepusessem ao dever de salvar vidas.¹⁹

A realização dessa CPI ilustra muito bem o quanto o dispositivo do inquérito é atual e utilizado para se chegar à verdade, considerado assim pela sociedade. Os procedimentos utilizados nessa operação de inquérito ainda são os mesmos citados como prática dos carolíngios explicado por Foucault e exposto neste trabalho. Relembremos: o poder político é central; o poder acontece ao se fazer perguntas e

¹⁹ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8920217&ts=1637089412586&disposition=inline>. Acesso em: 30 de nov. de 2021.

questionar a fim de saber a verdade; pessoas consideradas importantes devido a sua posição ou saber são convocadas para contribuir. Mantém-se o mesmo discurso, o de que é possível se chegar à verdade pelo inquérito.

Como resultado desse processo da CPI, o relatório produzido após a conclusão dessa comissão será considerado a verdade em relação ao que aconteceu no governo federal em suas ações no combate à covid, pois o inquérito é um dispositivo que produz a verdade. Observa-se que não está sendo feito em uma instância do poder jurídico, mas do poder legislativo, em que os papéis exercidos por essa dinâmica de CPI proporcionam funções de poder judiciário e executivo, como o fato de poder dar voz de prisão, caso seja necessário. De fato ocorreu essa situação, exemplificada a seguir: “O presidente da comissão, Omar Aziz (PSD-AM), deu voz de prisão a Dias, por ter mentido durante seu depoimento”²⁰. O motivo teria sido perjúrio, ou seja, o fato de o ex-diretor de logística mentir e quebrar o juramento de dizer somente a verdade diante da CPI. Em realidade, de acordo com o código penal, o que está sendo considerado crime é o artigo 342, em que “fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em júízo arbitral resulta em crime”. (DIAS, 2021) A informação falsa teria sido descoberta devido a uma reportagem da CNN que mostrava áudios em que o policial Luis Paulo Domingueti, quem Roberto disse ter encontrado acidentalmente, afirmava que ele, Roberto, havia pedido propina no valor de um dólar por dose de vacina. Ou seja, se havia pedido propina, o encontro não teria sido ao acaso, mas planejado justamente para tratar dessa negociação envolvendo suborno relacionado à vacina.

O valor de verdade ou da mentira é dado discursivamente. O depoimento, o juramento, a matéria jornalística e os áudios são todos materiais discursivos que foram utilizados como mecanismos e protocolos essenciais na averiguação da verdade sob o regime do inquérito.

Podemos perceber a grande importância que tem a realização do juramento antes do testemunho a que se propõe o depoente, pois é um ato oficial de comprometimento público com o que se considera verdade, com os fatos ocorridos,

²⁰Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/07/07/cpi-da-covid-entenda-o-que-levou-roberto-dias-a-ser-preso.ghtml>. Acesso em: 10 de set. de 2021.

com o real, pois, de fato, se houver prova de que esse testemunho é falso, o que está em julgamento maior é a intenção do réu por tentativa de engano ao não colaborar com a investigação. Há, portanto, um prejuízo no processo de averiguação pela intenção de mentir do depoente, transformando essa ação em crime cometido contra o Estado. De acordo com as regras do sistema jurídico, é preciso chegar à verdade, mas também punir aquele que corrompa qualquer regra ou lei prejudicando o processo investigativo.

O inquérito reúne informações, testemunhos, provas, a fim de remontar fatos ocorridos e que precisam ser investigados para que se possa saber de que forma realmente ocorreram. O conteúdo reunido será considerado a verdade dos fatos e, por sua vez, julgado se correto ou não diante da justiça de Estado, conforme as leis daquele país, daquele lugar. Foucault esclarece que, na história de formação do inquérito, dados eram levantados para que fosse possível se chegar aos fatos da realidade, como número da população, quem pagava impostos e o quanto se pagava, bem como uma série de outros dados, fazendo com que nascessem daí estudos de estatística, por exemplo. Muitos saberes que devido ao inquérito começaram a existir e que por sua vez também compunham o próprio inquérito.

No governo Bolsonaro houve uma série de decisões políticas relacionadas às instituições de pesquisa. Essas instituições foram duramente atacadas e enfraquecidas com demissões de altos cargos, ataques a sua forma de apurar e compartilhar informações, bem como duvidadas e desacreditadas as próprias informações que publicavam. Tudo isso porque os resultados emitidos por esses centros de pesquisa não favoreciam o projeto político e a formação discursiva à qual Bolsonaro é filiado. Ou seja, em um ataque às instituições do seu próprio governo, instituições que têm a função de proporcionar informações consideradas reais e verdadeiras, que servem para a administração do país poder acontecer a partir delas e com base nelas, que servem para compor um inquérito, se este for necessário, Bolsonaro está atentando contra o que se considera a verdade do seu país. Está atentando contra o dispositivo de inquérito, atentando contra o que se estabelece socialmente como verdade, na tentativa de manipulá-la, juntamente com seus ministros.

Sobre a vontade de verdade manifestada nesse governo, podemos dizer que há uma vontade de pré-verdade, pois esta não é baseada em dados, mas em criações de uma nova realidade. E essa crítica se fundamenta nas ações governamentais de sucateamento das instituições e programas federais como Instituto nacional de pesquisas espaciais – INPE e Instituto brasileiro de geografia e estatística – IBGE. Também as universidades federais, maiores produtoras de pesquisa científica do Brasil, tiveram seus recursos afetados pela política pública que dificultava seu funcionamento e conseqüentemente as pesquisas. Todas essas instituições em suas atividades são responsáveis pelo fornecimento de dados sobre o país, sendo a partir desses dados que decisões políticas são tomadas. Uma vez que não há dados oficiais oriundos das instituições responsáveis por eles, é possível criar essas novas informações de acordo com interesses próprios.

Esses discursos serão analisados no próximo capítulo, mas evidencio aqui um exemplo atual referente às eleições. Bolsonaro tem repetido inúmeras vezes, e a mídia tem reportado este discurso, de que o voto eletrônico, atualmente utilizado no processo democrático eleitoral no Brasil (inclusive através do qual ele foi eleito) não é confiável, apresentando manipulação de dados. Porém, ao dizer isso, outra fala que o acompanha, quando questionado, é a de que não precisa provar o que está dizendo. Ou seja, coloca em dúvida e desacredita um sistema nacional de eleição ao mesmo tempo que não justifica sua acusação, como se sua palavra tivesse força o suficiente contra a instituição do Tribunal Superior Eleitoral. A seguir uma reportagem que retrata o que acabo de citar, tratando sobre a proposta de retorno do sistema de voto impresso que foi votada pela Câmara dos deputados, mas rejeitada.

O ponto central da crise gerada pelo presidente Bolsonaro é o ataque que ele faz, sem base na realidade, ao sistema brasileiro de votação. Na quinta-feira (5), a comissão especial que analisa mudanças no sistema de votação rejeitou, por ampla maioria, a proposta de voto impresso e de contagem manual. (2021)²¹

Interessante notar que na notícia é utilizada a expressão “sem base na realidade”, pois está aqui considerando que não há nenhuma informação oficial advinda de alguma instituição democrática que administra o país, de que haja

²¹ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/08/06/presidente-da-camara-diz-que-levara-proposta-do-voto-impresso-ao-plenario.ghtml>. Acesso em: 15 de set. de 2021.

suspeita ou mesmo confirmação de problema, falha ou manipulação dos dados do sistema eleitoral eletrônico atual.

De acordo com o que foi visto até agora e considerando que o governo Bolsonaro é filiado a uma formação discursiva que permite e corrobora a criação de supostas verdades ditas por ele e não pelas instituições, que têm o papel de recolhimento e divulgação de informações legitimadas como verdadeiras pelo sistema, então podemos nos perguntar quais foram os discursos que ele mobilizou na defesa da cloroquina como dispositivo de controle da covid-19? De que forma esses discursos alcançaram efeito de verdade ainda que contrariando o discurso científico de que ela não seria indicada para o tratamento contra a covid? Na tentativa de responder a essas questões, consideraremos que Bolsonaro constrói uma narrativa que está de acordo com a verdade que quer mostrar ou de acordo com a verdade que quer negar.

5.1 EFEITO DE VERDADE DO DISCURSO BOLSONARISTA

Bolsonaro utiliza um viés que pode ser considerado fascista por corresponder discursivamente a esse modelo de governo. A seguir, em uma tentativa de explicar a adesão do povo brasileiro a um governo filiado nessa formação discursiva, serão expostas quais são as características do fascismo. A primeira questão é: o que podemos chamar exatamente de fascismo a ponto de conseguir identificar essa característica no discurso bolsonarista?

Segundo o dicionário de política de Norberto Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), há três possibilidades de abordagem do fascismo: uma histórica, referente ao fascismo italiano; uma ligada à dimensão mundial que tem como referência a chegada na Alemanha do nacional-socialismo em que houve uma forte comparação dos regimes italiano e alemão em suas perspectivas políticas; e a última possibilidade de uso do conceito é todo e qualquer regime que compartilhe das características políticas utilizadas pelos regimes fascistas italiano e alemão. De acordo com Bobbio, e que será referência de conceito nesta dissertação, o fascismo é caracterizado por:

[...] um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de

massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais. (1998, p. 466)

É possível notar as semelhanças do que é descrito no trecho acima com o modo de governar de Bolsonaro e o comportamento de seus apoiadores. Vejamos algumas: presença frequente da valorização da hierarquia, principalmente no que se refere ao exército, que no discurso de Bolsonaro é bastante enaltecido (tanto pelo seu histórico de militar como por sua proposta política em colocar militares nos cargos de governo); ideia de chefe-líder salvador que promete acabar com o inimigo, com o mal, que, claro, sempre será o outro (o comunismo, o socialismo, o bandido, o corrupto), bem como demonização de quem pensa de forma divergente com a utilização deliberada da violência para manifestar intolerância; culto ao patriotismo; desaprovação e depreciação da mídia, com a ameaça de restrição na tentativa de controlar as informações; rechaço à diversidade, com o intuito de homogeneizar a economia, a educação, a cultura etc.

Todos os aspectos citados acima são identificáveis quando pensamos em bolsonarismo. A seguir, de acordo com um artigo de Theodor Adorno, escrito em 1951, em que ele faz uma análise do regime fascista por uma perspectiva psicanalítica, estão propostas explicações para o comportamento tanto da massa ao aderir a esse tipo de regime quanto do líder que provoca o efeito de popularidade e adesão imediata ao que propõe. O artigo chama-se *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, mas para além da busca da explicação para o comportamento de Bolsonaro, com esse artigo, busca-se identificar o padrão fascista em suas atitudes discursivas. A partir de alguns trechos do artigo, será feita a relação com alguns fragmentos de discursos de Bolsonaro caracterizados fascistas de acordo

com a teoria abordada nesta dissertação. Uma das primeiras análises feita por Adorno é a reiteração permanente e a escassez de ideias, típico de linhas fascistas de governo, em que para ganhar a adesão das massas é necessário mobilizar processos irracionais e inconscientes. Essa característica pode ser verificada discursivamente quando Bolsonaro se manifesta em situações em que mesmo como sujeito candidato à presidência, por exemplo, fala abertamente sobre não entender de economia. Um cidadão civil pode se dar ao direito de não entender desse assunto e revelar, sem maiores consequências, mas que essa afirmação seja dita por um candidato à presidência, em que terá como tarefa administrar a economia do país, acaba tornando-se grave e preocupante. Mas o fato de manifestar esse desconhecimento o coloca lado a lado desse cidadão que também não entende de economia, há uma identificação imediata, e ainda lhe confere a coragem de ser franco, pois a sinceridade é um valor social, mesmo que o conteúdo discursivo possa abismar. A seguir um trecho de sua fala que repercutiu na mídia sobre não entender de economia: "Já falei que não entendia de economia? Quem entendia afundou o Brasil, eu confio 100% na economia do Paulo Guedes."²².

Curcino (2021) explica bem o efeito dos dizeres de Bolsonaro considerados sinceros, espontâneos e descuidados. O presidente, com seu modo simplista em sua fala, comunica um conteúdo chocante, escandaloso e muitas vezes absurdo, mas relevado pelo fato de terem sido ditos, já que esse dizer pode ser considerado mais chocante do que o próprio conteúdo que é dito. Essa atitude vai ao encontro do gosto popular, chamando atenção e fazendo com que crenças comuns e valores profundamente enraizados no pensamento do brasileiro, "(...) possam emergir sob o registro indizível finalmente dito". (2021, p. 107)

Voltando à caracterização do regime fascista, fica evidente que o padrão do fascismo é a obediência. Em termos de análise psicanalítica freudiana, há uma explicação no artigo de Adorno, mas que aqui não será explorado por motivos óbvios, para que a análise seja discursiva e não psicológica. Porém, é interessante poder evidenciar a materialidade discursiva de Bolsonaro que corrobora com o que o

²² Matéria disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/06/01/ja-falei-que-nao-entendia-de-economia-diz-bolsonaro-indagado-sobre-pib.htm>. Acesso em: 22 de set. de 2021.

artigo oferece como informação. Sobre esse tema, o de governos ditatoriais, Foucault (2009) afirma o seguinte:

Gostaria de mencionar duas “formas patológicas” – aquelas duas “doenças do poder” – o fascismo e o estalinismo. Uma das numerosas razões pelas quais são, para nós, tão perturbadoras é que, apesar de sua singularidade histórica, não são originais. Elas utilizam e expandem mecanismos já presentes na maioria das sociedades. Mais do que isto: apesar de sua própria loucura interna, utilizaram amplamente as ideias e os artifícios de nossa racionalidade política.

Nesta citação, Foucault nos diz que o fascismo e o stalinismo são formas patológicas de poder, pois utilizam dinâmicas e artifícios de controle e domínio já existentes na sociedade. Apesar disso, não deixam de ter formatos únicos de governar com base no temor, no horror.

O mesmo autor (2006), sobre as dinâmicas de poder do Estado, esclarece que ele só é possível e efetivo porque a organização social em que vivemos faz com que o indivíduo seja obediente porque experiencia essas dinâmicas por primeira vez nas relações familiares, em que são exercidos micropoderes como o dos pais em relação aos filhos. Adorno, em seu artigo, também fala a respeito dessa relação com a família. Segundo ele, de acordo com a teoria freudiana, a motivação arcaica do ser humano em ser obediente aos seus pais centra-se na figura paterna em que o pai exerce um papel de todo-poderoso. A imagem do líder fascista fará suscitar no indivíduo essa primeira experiência de norteamo do que deve ser feito, do que deve ser dito, do que deve ser pensado, de como se deve agir, fazendo com que aconteça a obediência e a adesão esperadas. Há um governar pela força, pela autoridade. De fato, Bolsonaro tem muitas falas em que se coloca como esse líder que não abre mão da sua autoridade. Um delas pode ser vista no seguinte exemplo: “Já mandei cancelar, o presidente sou eu, não abro mão da minha autoridade [...] Até porque estaria comprando uma vacina que ninguém está interessado nela, a não ser nós.”²³. Essa fala é referente à compra da vacina Coronovac, em que Bolsonaro se posiciona contra um protocolo de intenção de compra assinado entre o Ministério da Saúde e João Doria, governador de São Paulo. Bolsonaro também apresenta um

²³ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghtml>. Acesso em: 22 de set. de 2021.

histórico de desafiar instituições democráticas quando estas podem prejudicá-lo de alguma maneira. Alguns exemplos: quando ameaçou não renovar a concessão da TV Globo, após reportagem em que uma testemunha da investigação do assassinato de Marielle Franco o citava. Em uma *live* no facebook fez a seguinte fala aos gritos:

Teremos uma conversa em 2022 (...) eu tenho que estar morto até lá. Porque o processo de renovação da concessão não vai ter perseguição, nem pra vocês nem pra TV nem rádio nenhuma. Mas o processo tem que estar enxuto, tem que estar legal. Não vai ter jeitinho pra vocês, nem para ninguém. É essa a preocupação de vocês? Continuem fazendo essa patifaria contra o presidente Bolsonaro e sua família. Continua, TV Globo!". (2019)²⁴

Ataques ao Supremo Tribunal Federal e ao Supremo Tribunal Eleitoral são mais recentes. Principalmente em referência a Alexandre de Moraes, ministro do STF, responsável pelo inquérito que investiga a organização e o financiamento de atos contra as instituições e a democracia, em que determinou prisões de militantes bolsonaristas. O próprio presidente está envolvido em cinco inquéritos no Supremo e no Tribunal Superior Eleitoral. Além disso, Alexandre de Moraes será o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no próximo ano. "Dizer a vocês, que qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou, ele tem tempo ainda de pedir o seu boné e ir cuidar da sua vida. Ele, para nós, não existe mais.". Em crítica ao sistema de eleição, em que defende o voto impresso, Bolsonaro manifestou:

"A paciência do nosso povo já se esgotou. Nós acreditamos e queremos a democracia. A alma da democracia é o voto. Não podemos admitir um sistema eleitoral que não fornece qualquer segurança. Nós queremos eleições limpas, democráticas, com voto auditável e contagem pública dos votos. Não podemos ter eleições onde parem dúvidas sobre os eleitores. Não posso participar de uma farsa como essa patrocinada pelo presidente do Tribunal Superior Eleitoral."²⁵ (2021)

São inúmeras as manifestações de Bolsonaro, de sua família e de seus apoiadores no que se refere a ataques a instituições democráticas ou leis constitucionais, ainda que para atacá-los se utilize de um discurso em que manifesta

²⁴ Matéria disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50263127>. Acesso em: 22 de set. de 2021.

²⁵ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/07/bolsonaro-ataca-alexandre-de-moraes-e-diz-que-ministro-tem-tempo-para-se-redimir-ou-se-enquadra-ou-pede-para-sair.ghtml>. Acesso em: 23 de set. de 2021.

não ter liberdade para fazer e dizer o que bem entende, criticando essa limitação como ditatorial. Ao ter essa atitude, Bolsonaro não respeita seus limites como presidente, que, apesar do alto cargo, não detém o poder de administrar o país sozinho como um monarca. Ao fazer parte de um Estado democrático, cabe a ele também ser cumpridor de seus deveres, permanecendo sob a lei e a ordem estabelecida pelas instituições jurídica, executiva e legislativa do país. Percebe-se aí uma grande contradição, ao mesmo tempo que se utiliza desses argumentos ligados à falta de liberdade, comparando com um regime ditatorial, acaba por atacar o Estado democrático que foi o sistema que o possibilitou estar nesse lugar de sujeito presidente.

Outro ponto característico do líder fascista, e que Bolsonaro também cumpre, é o poder de identificação que desperta em quem o segue. Adorno apresenta em seu artigo que, segundo Freud, a conexão emocional mais primitiva que há entre os seres humanos é a identificação. O líder, nesse caso Bolsonaro, é capaz de prever os desejos e necessidades dos seus seguidores, pois há uma semelhança psicológica, ou melhor, estão filiados a uma mesma formação discursiva, mas com o requinte de ter a coragem de dizer, de manifestar o que encontra latente discursivamente nos seus seguidores, não sendo necessária a utilização de uma superioridade própria. Discursivamente, Bolsonaro mostra-se um homem comum, simples, sem complexidade na sua fala, apesar de político, em que ao proferir o que pensa, da sua posição de sujeito presidente deste país, sem receio de repreensões institucionais, revela o perfil do povo brasileiro. Por isso, ao mencionar abertamente, de forma espontânea, discursos considerados institucionalmente (de acordo com a lei) machistas, racistas ou em desfavor de minorias sociais, é admirado por sua ousadia, por sua atitude corajosa, heroica. Cumpre assim ao mesmo tempo o papel de homem comum e super-herói. O cidadão admirador de Bolsonaro se vê então representado nessa figura, sentindo que também poderia ocupar aquele mesmo lugar, ao mesmo tempo em que desfruta de ser norteado, dirigido, governado de forma autoritária por ele. Obviamente, a capa de super-herói é atribuída a ele não só pela quebra de tabu no discurso, o que Foucault chama de interdito do discurso, mas por estar filiado a um discurso conservador de valores tradicionais como a ideia de família heteronormativa, a ideia de cultivo a uma religiosidade, a ideia de separação das pessoas que são boas e das pessoas que são más na sociedade,

opondo conceitos como cidadão de bem e bandido bom é bandido morto, por exemplo.

Em acordo com isso, um dos dispositivos básicos da propaganda fascista personalizada é o conceito do “grande homem comum” (*great little man*), alguém que sugere tanto onipotência quanto a ideia de que é apenas um de nós, um americano simples, saudável, não conspurcado por riqueza material ou espiritual. A ambivalência psicológica ajuda um milagre social a se realizar. A imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor de se submeter à autoridade e de ser ele próprio a autoridade. (ADORNO, 1956)

Curcino (2021), no seu artigo *Lives e livros: versículos e verdade na eleição presidencial brasileira*, publicado no livro *Discurso e pós-verdade*, ao analisar as *lives* feitas pelo atual presidente Bolsonaro, ainda quando era candidato à presidência, faz uma leitura da imagem passada por ele nessas comunicações, que reitera o papel que cumpre como homem comum, na identificação com seu eleitor, avesso aos protocolos ligados a classes privilegiadas, mas com hábitos e gostos simples. Bolsonaro tentava mostrar um amadorismo técnico, segundo a autora, ao apresentar imagens desfocadas, irregularidades no volume e movimento da câmera, em cenários caseiros, com o objetivo de improvisado e autenticidade, passando até mesmo uma ideia de dificuldade financeira na preparação das comunicações. Monta, assim, sua imagem popular, de pessoa comum, bastante identificado com o cidadão civil, utilizando-se de um discurso simples, direto, curto, que, ao falar de temas tabus interessantes ao seu público, os satisfaz em uma situação catártica de dizer expor o ódio, o preconceito, simulando suas formas de expressão, ou seja, dizendo o que esse público gostaria de dizer. É uma fórmula bastante eficaz na produção da identificação, uma pessoa que “mita”, na visão de quem o admira, ao ser tão audaz.

Segundo o artigo de Ab'saber (2021), *Ilusão, convicção e mentira. Linguagem e psicopolítica da pós-verdade*²⁶, reiterando o aspecto irracional das ideias que caracterizam o líder fascista, não por acaso Bolsonaro é chamado de mito. Está evidente neste discurso do enunciado mito o quão fantasioso e imaginário é a significação de um herói que vem para salvar seu povo, a ponto de não existir verdadeiramente, ser irreal, ainda que crível e conhecido de forma popular. Revela o

²⁶ Artigo publicado no livro *Discurso e pós-verdade*, de 2021.

desejo de um salvador, a não autorresponsabilização na construção da sociedade que se quer, em que a democracia daria essa possibilidade de participação. O enunciado mito atribuído a um governante em regime democrático revela o desejo de quem assim o chama de ser comandado e guiado como um filho, um aprendiz. Já a democracia situa seus participantes como sujeitos e fazedores também da história. Quem se filia à formação discursiva bolsonarista não quer ocupar seu lugar de sujeito.

Neste discurso ainda cabe o rechaço à cultura, ao intelectual, ao jornalismo, e a toda fonte que possa supor maior conhecimento ou a busca por ele, maior racionalidade e raciocínio, reflexão mesmo. Segundo Adorno, não seria possível ao fascismo ter o apoio das massas por meio de argumentos racionalizados, pois sua campanha funciona com base em processos psicológicos inconscientes, primitivos e irracionais.

O segredo da propaganda fascista pode bem ser o fato de que ela simplesmente toma os homens pelo que eles são – os verdadeiros filhos da cultura de massa estandardizada atual, amplamente despojados de autonomia e espontaneidade – em vez de estabelecer metas cuja realização transcenderia o *status quo* psicológico não menos que o social. (ADORNO, 2018)

Corroborando com o que é afirmado por Adorno no trecho acima, Ab'Saber, em seu artigo já mencionado anteriormente, nos informa sobre a proposta teórica de fascismo de consumo, de Paolo Pasolini. Um exemplo seria: “Nós não queremos saber do Chico Buarque de Holanda. [...] Nós temos nossa música sertaneja, nosso shopping center. Para que serve o Chico Buarque de Holanda? Para que serve a poesia e a crítica, diante de um Big Mac?” (2021, p. 52). O autor afirma que esse discurso é explicado pelos mesmos motivos de discursos que questionam a utilidade das universidades, a utilidade da cultura, até mesmo questionam a utilidade da política. Trata-se, dessa forma, de uma subjetivação provocada pelo fascismo de mercado, pelo fascismo de consumo, em que há uma dissociação humana, sendo inútil tudo aquilo que não proporcione a vida de consumo.

De fato, o discurso bolsonarista confere um antagonismo entre o que é do povo e o que é supérfluo e desnecessário, conforme o que acreditam. Para ele, de um lado estão a cultura, o intelectual, as universidades públicas, jornalistas etc., e de

outro aquilo que é popular, como valores religiosos, família e tradição. A lógica dessa dicotomia é que se não está do lado do que ele considera do povo, então está contra, logo, é tudo isso demonizado, são os esquerdistas, comunistas, socialistas, inimigos da população.

Ainda, segundo o autor, a função da propaganda fascista é de apenas reproduzir a mentalidade existente latente, não sendo necessário propor uma mudança, ideias inovadoras. Inclusive, é a reiteração compulsiva que está inteiramente a favor da necessidade de repetição contínua, permanente, sem propor reflexão, o que sustenta o autoritarismo que, por si só, necessita do traço do irracional para ser implementado. Como exemplo de algumas repetições discursivas sem reflexão e racionalização sobre o tema, temos a insistência permanente de que há uma luta incessante contra o comunismo e o socialismo no Brasil. Como se com a eleição de Bolsonaro, o Brasil tivesse sido salvo desse ataque comunista que estava sendo planejado. Um exemplo anterior à presidência de Bolsonaro, mas que faz parte dessa formação discursiva de ataque comunista iminente é a notícia que se espalhou, ainda no Governo Dilma Rousseff, em 2013, de que os médicos cubanos que vieram para o Brasil para trabalhar nas áreas remotas em que faltavam médicos brasileiros, fossem, na realidade, guerrilheiros disfarçados e preparados para um golpe comunista. O próprio Bolsonaro repercutiu essa fala muitas vezes de forma pública. O exemplo é a matéria da Revista Exame, publicada em 16 de agosto de 2019, online, em que o título é “Não preciso provar, diz Bolsonaro sobre cubanos serem guerrilha do PT. Sem apresentar evidências, o presidente voltou a afirmar que os médicos cubanos participaram do Mais Médicos para criar ‘células terroristas’ no país.”²⁷. A fala de Bolsonaro, segundo a reportagem, é a seguinte: “O PT botou no Brasil cerca de 10 mil fantasiados de médicos aqui dentro, em locais pobres para fazer células de guerrilhas e doutrinação. Tanto é que quando eu cheguei, eles foram embora porque eu ia pegá-los.”. O presidente faz essas falas desprovidas de evidências sem mostrar preocupação em provar o que diz a fim de ter crédito. São acusações graves que provocam na população (àquelas pessoas que o seguem) uma sensação de estar em guerra contra o inimigo chamado comunismo, uma sensação de ter sido salvo por Bolsonaro que chegou no momento exato em que o

²⁷ Matéria disponível em: <https://exame.com/brasil/nao-preciso-provar-diz-bolsonaro-sobre-cubanos-serem-guerrilha-do-pt/>. Acesso em: 23 de set. de 2021.

comunismo iria se instalar, uma sensação de ter um herói para defendê-los, aliás um mito, que tem coragem de fazer acusações sem provas e é por isso mesmo admirado e exaltado, tornando-se um sujeito crível.

Seguindo a análise discursiva bolsonarista, por apresentar essa prática de acusar sem provas, entre outros aspectos, sua discursividade é identificada como fascista pela mídia²⁸ e pela oposição, o que acaba por apresentar certa coerência com o descrédito que Bolsonaro atribuiu às evidências científicas que não indicavam a cloroquina como tratamento para a covid-19, depois da publicação do segundo artigo. Bolsonaro pôs em cheque os resultados científicos que continuaram se atualizando e trazendo como resultado a não eficácia da cloroquina, simplesmente afirmando que sim era indicada para o tratamento da covid-19, inclusive como tratamento preventivo. Alguns exemplos do que saiu na mídia sobre esse tema em específico são: “Bolsonaro defende cloroquina em guerra contra coronavírus mesmo sem comprovação científica.” em 20 de maio de 2020²⁹; “Bolsonaro volta a criticar isolamento e defende tratamento sem comprovação.” em 11 de dezembro de 2021³⁰; “Bolsonaro insiste em ‘tratamento precoce’ contra covid-19 mesmo sem comprovação; não há medicamentos para prevenir a doença, mostram estudos” em 15 de janeiro de 2021³¹.

O discurso considerado fascista não precisa fazer sentido racional, tampouco ser comprovado (como é o modo de operação da ciência, teste e comprovação), são

²⁸ “Bolsonaro diz que Ciro Nogueira o chamou de fascista, mas ‘as coisas mudam’.” Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/07/22/bolsonaro-diz-que-ciro-nogueira-o-chamou-de-fascista-mas-as-coisas-mudam.ghtml>; Acesso em: 15 de nov. de 2020.; “Afiml, Jair Bolsonaro é ou não é fascista?” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/10/afiml-jair-bolsonaro-e-ou-nao-e-fascista.shtml>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

“Por que o Bolsonarismo é um fascismo?”

<https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo>. Entrevista: “Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história, diz Federico Finchelstein.” Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

²⁹ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/05/20/bolsonaro-defende-cloroquina-em-guerra-contra-coronavirus-mesmo-sem-comprovacao-cientifica.htm>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

³⁰ Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-volta-a-criticar-isolamento-e-defende-tratamento-sem-comprovacao/>. Acesso em: 15 de nov. de 2021

³¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-sem-comprovacao-contra-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contra-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml>. Acesso em: 25 de jan. de 2022.

outros mecanismos que repercutem no irracional, no primitivo do indivíduo que faz com que um líder seja tão necessário para dizer e orientar o que é certo e o que é errado. Esse modo de operar do discurso fascista não converge com um modo de pensar baseado na dúvida e na busca pela verdade. O *modus operandi* do discurso científico é antagônico ao *modus operandi* do discurso fascista porque o primeiro tem efeito no racional, o segundo tem efeito no irracional.

Não sem explicação a cloroquina ainda é mantida e defendida no discurso bolsonarista, que inclusive mantém um discurso antivacina também. Preside um país em que o Ministério do seu governo publiciza campanhas na televisão de apoio à vacina para conscientização e incentivo à população brasileira, mas ele próprio é contrário e o diz, sem receio.

Bolsonaro convoca com seu discurso quem pertence a sua formação discursiva. Essas pessoas o chamam de capitão, de forma carinhosa, como se se dirigissem a um pai que norteia os passos do filho, um pai para quem se pede o que se necessita, um pai admirado, simples, trabalhador, chefe de família, defensor dos filhos, autêntico e sincero. Assim é visto Bolsonaro por quem compartilha da sua formação discursiva. Se esse pai que me governa indica um medicamento que ele mesmo toma para tratar de uma doença, certamente vou crer e dar fé ao que ele diz. É assim que a informação da cloroquina como tratamento para covid-19 se apresenta como verdadeira.

No capítulo seguinte, essas discursividades, tanto a da ciência como a bolsonarista, ambas com efeito de verdade, serão expostas e analisadas.

6 O CAMPO POLÍTICO E O DISCURSO DA CIÊNCIA

Neste capítulo serão mostrados e analisados alguns discursos representativos do atual governo federal brasileiro, considerado de extrema direita. Serão vistos quais discursos compõem e representam esse viés político e que convicções e posicionamentos estão ali evidenciados, buscando identificar, portanto, o que faz parte da logofobia e da logofilia³² dessa formação discursiva. Para iniciar essa análise, faz-se necessário retomar a repercussão que algumas ideias (acontecimentos discursivos e não discursivos) vêm apresentando historicamente no século XXI.

Margarida Salomão³³ apresentou a conferência *A guerra contra as Humanidades e o que podem nos ensinar os estudos da linguagem* (ABRALIN, 2020), em que abordou a guerra (como ela chama) estabelecida atualmente, tanto no Brasil como no mundo, que se caracteriza por ser anticientífica (nitidamente contrária às Ciências Humanas e Sociais). A professora propôs um panorama de quem são os inimigos da ciência e das humanidades e quais são as consequências disso.

Salomão, com base em Pinker (2018), afirma que houve crescimento, a partir da década de 1960, da manifestação da emergência de convicções populistas, por um fenômeno de descrença nas instituições, com características autoritárias e punitivas (princípios caracterizados como fascistas, misóginos, racistas, homofóbicos, de forma geral princípios intolerantes com as consideradas minorias sociais). Em Pinker (2018, l. 820), temos o trecho a seguir no qual ele afirma que:

³² O conceito de logofobia é explicado no primeiro capítulo desta dissertação, mas cabe lembrá-lo aqui: trata-se, segundo o que Foucault propõe em *A ordem do discurso*, das regras necessárias para a contenção do discurso, para sua organização e limitação. Em contraponto, a logofilia se refere à liberdade que tem o discurso que é possível e aceito.

³³ Margarida Salomão é professora emérita da Universidade Federal de Juiz de Fora, com Doutorado e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade da Califórnia, em Berkeley e atualmente é deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores de Minas Gerais desde 2013. Disponível em: <http://margaridasalomao.com.br/biografia/>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

[...] eles são tribalistas em vez de cosmopolitas, autoritários em vez de democráticos, desprezam especialistas em vez de respeitar o conhecimento e têm saudade de um passado idílico em vez de esperança em um futuro melhor.

Salomão descreve diversos eventos, práticas e discursos que traduzem os princípios descritos acima por Pinker. Ela inicia mencionando os valores nacionalistas de países com políticas públicas que vão contra o conceito e a prática da internacionalização, como o muro construído por Trump³⁴, entre México e EUA, ou mesmo a saída do Reino Unido da União europeia, o Brexit³⁵; em seguida aponta como o senso comum prevalece sobre o que dizem os especialistas, e que fica evidente quando há movimentos que defendem a não vacinação, o terraplanismo e a negação do aquecimento global.

A conferencista cita o ex-presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, Benedito Guimarães Aguiar Neto, por ter dito o que segue: “Queremos colocar um contraponto à Teoria da Evolução e disseminar (...) a ideia (...) de um design inteligente [...] a partir da educação básica, [...] podemos, com argumentos científicos, discutir o criacionismo”³⁶ (ALFANO, 2020). Uma instituição federal de fomento à pesquisa, órgão ligado ao Ministério da Educação, teve um presidente que, ao manifestar tal posicionamento discursivo, colocou-se em um lugar contraditório em relação ao princípio de funcionamento da própria Capes, que tem a função de fomentar e propiciar a pesquisa por meio da utilização do método científico, considerado o lugar do verdadeiro em que a produção do saber deve cumprir com normas para que sejam válidas no âmbito discursivo. A base de funcionamento da Capes não condiz com um discurso que tem sua base em crença dogmática, aquele em que não fornece lugar para a dúvida no processo de busca pelo verdadeiro, exatamente oposto à forma como a ciência atua. É a

³⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/25/quanto-se-construiu-de-muro-de-trump-com-o-mexico-que-biden-mandou-parar-no-1o-dia-de-mandato.ghtml>. Acesso em: 18 de set. de 2020.

³⁵ De acordo com o site Dictionary Cambridge, Brexit é a saída do Reino Unido da União Europeia, formado pela união das palavras, em língua inglesa, Britsh (britânico) e exit (saída). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/brexit>. Acesso em: 21 de set. de 2020.

³⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/novo-presidente-da-capes-defende-debate-de-criacionismo-como-contraponto-teoria-da-evolucao-24208744>. Acesso em: 17 de set. de 2020.

produção do saber, elaborado por meio da ciência, que orienta e embasa o sistema de ensino do Brasil, seja em âmbito municipal, estadual ou federal. Mas, apesar das instituições e do cargo ocupado por Benedito Guimarães, esse discurso claramente contrário à própria função da instituição, foi possível de ser dito de forma oficial.

Salomão, para ilustrar o negacionismo histórico, utiliza como exemplo o discurso que coloca em dúvida a forma de como ocorreu a escravização de pessoas negras no Brasil. Nessa ideia, questiona-se se realmente os africanos foram retirados à força de suas terras, por meio de violência, ou se foram eles mesmos que se organizaram para vir para as Américas. Da mesma forma que há essa defesa de mudança discursiva em relação a um tema histórico consolidado socialmente, há a ideia de negar que tenha havido ditadura militar no Brasil. Propõe-se a mudança da nomenclatura, nos livros de história³⁷, alterando o termo “ditadura militar” para “regime militar”³⁸. São todos exemplos de movimento anticientífico que alcançam uma gravidade maior quando convertidos em políticas públicas que regem a vida da população.

Um claro exemplo de discurso que põe em dúvida a forma como aconteceu a escravidão no Brasil está registrado em uma entrevista dada por Jair Bolsonaro (ainda como candidato à presidência) para o programa Roda Viva, quando questionado sobre como repararia a dívida histórica que o Brasil tem com os negros e se ele era favorável ao sistema de cotas. Como resposta, Bolsonaro questionou essa dívida, afirmou que não escravizou ninguém e que no Brasil somos todos misturados. Como justificativa para seu posicionamento, afirmou que os próprios negros africanos seriam os responsáveis por entregarem outros negros africanos aos portugueses, que estes nem sequer desciam de seus navios, não pisavam em continente africano. Mesmo com as informações dadas pelo

³⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/04/politica/1554334968_202816.html. Acesso em: 10 de set. de 2020. Ainda sobre mudança de nomenclatura, a última notícia que há registrada sobre esse tema é o pedido que Bolsonaro fez para mudar a nomenclatura “golpe de 64” para “revolução de 64”, na prova do ENEM deste ano, 2021. A matéria está disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro/enem-revisionista-bolsonaro-mandou-trocar-golpe-de-64-por-revolucao/#>. Acesso em: 22 de nov. de 2021.

³⁸ O termo “regime”, em “regime militar” remete a um modo de governo que foi adotado. Poderíamos substituir esse termo, para exemplificar essa afirmação, por “modo militar”, “regimento militar”, “regras militares”, “diretriz militar”, sendo “militar” uma maneira de governar, de caracterizar esse regime. Em contrapartida, em “ditadura militar”, percebemos que o termo que causa impacto é “ditadura”, e esse impacto, esse efeito de sentido é negativo. A palavra “ditadura” revela em si de que forma é esse modo de governar, diferente de “regime”, que será caracterizado pelo termo que vier em seguida e não pelo termo em si.

jornalista que o entrevistava, como a de que os portugueses pagavam pelos negros escravizados, Bolsonaro relativizou o que era dito, afirmando que as cotas funcionam como um sistema para dividir negros e brancos no Brasil. “O negro não é melhor do que eu e nem eu sou melhor do que o negro. Na academia militar das agulhas negras, vários negros se formaram comigo, alguns abaixo de mim e outros acima de mim. Pra que cotas?”³⁹

Nessas palavras de Bolsonaro, é defendida a ideia de que existe equidade entre brancos e negros brasileiros, além disso, responsabiliza as políticas públicas que visam promover a igualdade (como exemplo as cotas) por dividir a população nessas duas etnias e colocá-las uma contra a outra. Como se essa suposta divisão tivesse o objetivo de separar para subjugar, e não o contrário, promover um reparo histórico necessário ao que se considera atualmente a injustiça social que foi a escravidão. Para poder se posicionar contra as cotas e repetir a ideia de que somos todos iguais em nossos direitos, é necessário invalidar a realidade na diferença de acesso a esses direitos. Para ir além de uma opinião, é necessário recorrer às estatísticas, a um discurso validado socialmente no panorama científico que revela situações correntes no país a partir da realidade por meio de números e não de opiniões. Quando Bolsonaro diz “O negro não é melhor do que eu e nem eu sou melhor do que o negro”, há a intenção de justificar que por esse motivo não deve haver nenhum benefício destinado ao negro, uma vez que nenhum é melhor que o outro. E, realmente, é possível chegar a defender essa ideia de que não se trata de um ser melhor que o outro, mas a realidade estatística, por exemplo, nos revela a grande diferenciação que se faz em inúmeros contextos quando se trata de comparar situações correntes com pessoas brancas e com pessoas negras. Alguns exemplos são a taxa de desemprego que é maior para as pessoas negras, a violência de gênero que é mais cruel com as mulheres negras em comparação às mulheres brancas, a quantidade de pessoas negras que estão em maior número tanto nas periferias, quanto nos presídios⁴⁰. Esses dados revelam que o Brasil é um país racista, sem considerar aqui a marginalização dos indígenas que também é outro aspecto ignorado na formação discursiva bolsonarista. Todos esses dados não se tratam de opiniões, nem de coincidência, há uma estrutura

³⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/portugueses-nem-pisaram-na-africa-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 17 de out. de 2021.

⁴⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/01/racismo-em-pauta-2014-racismo-estrutural-mantem-negros-e-indigenas-a-margem-da-sociedade>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

social que leva a essa realidade, mas que é ignorada em suas causas em um discurso que apenas defende a ideia de que todos somos iguais.

Outro exemplo dos discursos que fazem parte da formação discursiva à qual Bolsonaro e seus escolhidos são filiados é o posicionamento de Sérgio Nascimento de Carvalho, presidente da Fundação dos Palmares, nomeado pelo presidente. Em uma reportagem do Jornal Folha de São Paulo, de novembro de 2019, são exibidas diversas falas suas em que se autodeclara negro de direita. Analisando a expressão “negro de direita”, a especificação com o termo “direita” para caracterizar “negro” pode dar um efeito de sentido em que se quer informar que, ao contrário do que se esperaria, mesmo sendo negro, ele é de direita. Nessa mesma matéria da Folha, estão reunidas algumas falas de Sérgio que são importantes para compreendermos seu posicionamento como sujeito negro e presidente da Fundação responsável pelo fomento da cultura de matriz africana. Alguns exemplos são: “Negro de direita, contrário ao vitimismo e ao politicamente correto” / “Brasil tem racismo nutella. (...) Racismo real existe nos EUA.” / “Negros do Brasil vivem melhor que negros da África”.

Analisando a primeira frase, observa-se a conexão que se faz entre ser de direita, contrário ao vitimismo (referência ao discurso de desigualdade racial no Brasil que mostra a desvantagem social em ser negro) e contra o que se denomina politicamente correto (expressão utilizada em referência a certos dizeres que subjuga minorias sociais e que deveriam ser evitados). Atrela essas três informações para deixar claro seu posicionamento político, apresentando coerência entre elas uma vez que quem propõe um olhar para as questões referentes às minorias sociais é a esquerda e não a direita. É como se fosse uma contradição, o fato de ser negro e simultaneamente de direita, o que o faz ter de dizê-lo para poder definir-se e explicar que, apesar de negro, não é de esquerda como talvez fosse esperado, quebrando essa expectativa. Ao mesmo tempo, o fato de se posicionar discursivamente como favorável à direita remete à ideia de não ocupar o espaço de vítima de um sistema social enraizadamente racista; discurso que é identificado como de esquerda, já que a direita não propõe pautas sociais como essa. Em uma suposição prévia de que um negro seria de esquerda, lutaria por seu lugar de direito em uma sociedade racista e estaria a favor do uso de termos politicamente corretos, faz-se necessário dizer o oposto, marcando tais posicionamentos como esse sujeito em específico no discurso,

rompendo a expectativa do que seria um posicionamento esperado de um sujeito negro. É isso o que faz Sergio Almeida discursivamente.

Entre outras falas públicas, ele declara que o dia da consciência negra é uma vergonha e que deve ser combatido até que perca a pouca importância que tem. “Afirma ainda que se trata de um feriado político, instituído pela esquerda com o objetivo de propagar o revanchismo histórico.” / “Cotas raciais para negros são mais do que um absurdo”. Segundo a mesma matéria, o presidente da Fundação dos Palmares fez críticas à Angela Davis, chamando-a de “baranga comunista”, “comunista terrorista norte-americana” e “mocreia”. Sobre Marielle Franco, há publicações em suas redes sociais dizendo que ela não era negra, era parda. Que, além disso, fazia uma “defesa ferrenha” de “bandidos, da legalização das drogas, do aborto até o nono mês de gestação, da depravada agenda LGBT e da corrupção”⁴¹.

Nesses breves recortes enunciativos é possível observar ideias machistas, de ofensa aberta a mulheres em um ataque a sua dignidade, por sua vez ligada a sua aparência. A acusação que faz à Marielle de não ser negra, mas parda, deslegitimaria as agendas sociais defendidas por ela relacionadas a racismo. Além disso, nesses dizeres, também está presente a ideia sobre a defesa de bandidos que, por serem considerados bandidos, não a merecem. E, ao final, identifica-se a presença de um discurso preconceituoso ao tratar do tema LGBTQIA+ chamando de agenda depravada, como se fosse uma agenda que apresentasse propostas e interesses de cunho sexual apenas porque o público alvo se diferencia do que é heteronormativo, não cumprindo com uma moral cristã, conservadora, de direita.

Esses são alguns exemplos de discursos proferidos no governo atual do Brasil, em que é possível confirmar o que Salomão trata em sua fala na conferência da Abralin, o fato de que há uma forte negação do que a ciência traz como verdade, baseada em teoria, em estatística, em comprovações.

A conferencista problematiza uma questão importante ao propor a seguinte pergunta: “por que o racista também precisa acreditar que a Terra é plana?”. Ou seja, nesse exemplo são alimentadas duas crenças igualmente anticientíficas, sem base

⁴¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/presidente-da-fundacao-palmares-nomeado-por-bolsonaro-diz-que-brasil-tem-racismo-nutella.shtml>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

comprobatória alguma. Salomão, para explicar porque ocorre esse fenômeno, apresenta duas hipóteses: a primeira com base em Castells⁴², concluindo que há uma descrença universal no papel das instituições, incluindo nesse pacote a política e a ciência como agentes confiáveis socialmente. E o acontecimento que teria acelerado esse processo seria a crise econômica ocorrida em 2008, em que governos importantes do cenário mundial tomaram decisões em prol dos bancos, desfavorecendo a população.

Porém Salomão cita outra hipótese que crê mais interessante que a primeira, esta agora de Nancy Fraser⁴³, com a teoria da fila. De acordo com Fraser, Trump se elegeu basicamente com os votos dos homens brancos. Hilary tinha apoio do que chamamos de minorias sociais, pró-feministas, mulheres, negros, LGBTQIA+, mas, mesmo assim, não alcançou um número suficiente de votos para ser eleita. Quem elegeu Donald Trump então? A resposta é: homens brancos com baixa renda, precarizados em seus trabalhos e em seu modo de vida. O discurso de Trump, extremamente conservador, reforça o lugar ocupado pelo homem branco em uma posição de maior benefício em relação a qualquer outro ser humano que não corresponda a esse perfil nessa fila social imaginária. É como se quisessem seu lugar de volta, uma vez que os discursos das democracias liberais contemporâneas ameaçam esse lugar historicamente de privilégio quando propõem dar vez e voz às chamadas minorias sociais, sendo contra, por exemplo, às políticas de cotas para negros e mulheres e à própria ascensão feminina cada vez maior em vários âmbitos sociais, antes destinados somente aos homens. Dessa forma, esses homens brancos perderiam seu lugar na fila social e imaginária de benefícios e vantagens sobre os demais. Salomão completa dizendo que ao invés de questionarem a fila, preferem ter seu lugar garantido, levados por sentimentos de ódio e de intolerância. A mesma leitura pode ser feita sobre o Brasil.

⁴² Castells tem estudado muito a emergência da indignação política nessas duas primeiras décadas do século XXI.

⁴³ Nancy Fraser é filósofa norte-americana e tem realizado contribuições relevantes sobre os temas capitalismo, reconhecimento, justiça, políticas afirmativas e feminismo. Essa atuação fez com que ela se tornasse referência em teoria crítica contemporânea como umas das mais importantes teóricas da segunda onda do feminismo nos EUA. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/nancy-fraser-e-o-feminismo/>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

Para somar uma resposta ao questionamento proposto por Salomão, do ponto de vista da análise discursiva, o que explicaria que uma pessoa acredite ao mesmo tempo que a Terra é plana e que os negros são inferiores (fundamento do racismo), informações carentes de comprovação, é o fato de que esses dois enunciados pertencerem à mesma formação discursiva, que é a de direita, conservadora, moralista, que duvida da ciência quando esta não favorece aos seus interesses. A pessoa que crê como verdade esse tipo de informação está filiada a essa formação discursiva, o que explica a coerência em acreditar nessas ideias apesar de pertencerem a campos de conhecimento completamente diferentes.

Mas de que forma ocorre essa descrença na ciência? Salomão discorre sobre essa questão explicando que o ódio também chega à ciência exatamente porque é ela que vem demonstrando e colocando em xeque a distribuição dos lugares privilegiados dos ocupantes da fila teorizada por Fraser, bem como os lugares determinados por questões de gênero e raça. No Brasil, há uma série de fatos ocorridos no mandato do governo federal atual que refletem essas práticas e ideais citados, como a última portaria assinada pelo ex-ministro da educação, Abraham Weintraub, em que extinguiu o incentivo a cotas na pós-graduação⁴⁴, o corte de mais de cinco mil bolsas de pesquisa e o fechamento definitivo dessas vagas⁴⁵.

Vemos então que discursos manifestam-se em ações práticas políticas, dirigindo, administrando e gerenciando a vida daqueles que são governados, ou seja, a população inteira de uma nação. É possível identificar uma formação discursiva em que são encontrados ideais como o conservadorismo, o autoritarismo, o racismo, a homofobia e o negacionismo científico, como demonstrado neste trabalho. Então, de que maneira o discurso científico sobrevive em meio a discursos que o negam?

⁴⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/18/mec-revoga-portaria-que-criava-politicas-de-inclusao-na-pos-graduacoes-como-o-acesso-a-negros-indigenas-e-deficientes.ghtml>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

⁴⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/09/02/capes-deixa-de-oferecer-5613-bolsas-a-partir-deste-mes-e-preve-economia-de-r-544-milhoes-em-4-anos.ghtml>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

Anteriormente à pandemia, algumas políticas públicas do Ministério da Educação do Brasil afetaram diretamente o andamento das pesquisas e do funcionamento das universidades brasileiras, lugar em que se produz majoritariamente a pesquisa que é realizada no país, em torno de 95%⁴⁶. Durante o curso da pandemia, a ciência foi tomando importância outra vez, foi recebendo destaque e sendo fonte única de esperança para conter a proliferação do coronavírus. Ao menos foi assim que ela apareceu midiaticamente e por meio dos pronunciamentos de instituições nacionais e internacionais ligadas à saúde, porém, não por esse fato, a ciência deixou de ser desacreditada e os discursos negacionistas deixaram de circular entre a população.

No entanto, observamos que o discurso negacionista parte de um lugar diferente do discurso da ciência, considerado o lugar da verdade, ou ao menos, o lugar em que discursivamente se busca pela verdade. A ciência e sua discursividade atuam de acordo com regras e procedimentos a fim de chegar à verdade. O discurso negacionista é produzido apenas de acordo com crenças, não há verificação de suas hipóteses, não há procedimentos de investigação que sustentem suas conclusões, por isso nega a ciência, mas não a refuta a partir desse mesmo lugar para que tenha seu mesmo valor. O termo utilizado “negacionismo”, ele próprio já nos revela que há aí a negação de algo que é creditado socialmente por instituições, é legislado, é oficial. Nega-se, portanto, esse fato, ou seja, diz-se não para algo validado socialmente com força de verdade. Nega-se a verdade. Piovezani, Curcino e Sargentini (2021) propõem a reflexão feita por Walter Benjamin sobre como recorrer à verdade na história, como detectá-la. O autor diz que a história é feita de luta entre sujeitos, grupos e classes, assim produzindo violências e explorações. Diante dessa dinâmica de funcionamento da sociedade, a narrativa considerada legítima é a que se compromete com os violentados.

Um outro exemplo de discurso que apresenta a mesma sustentação em crença e que é bastante presente na formação discursiva bolsonarista é o discurso religioso. Cabem dentro desse escopo discursivo ideias de preconceito de gênero, raça/étnico e de orientação sexual com fundamentação religiosa para esse posicionamento. Dessa forma, apresenta um ponto em comum com a dinâmica do

⁴⁶ Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>. Acesso em: 27 de ago. de 2020.

discurso negacionista que é a falta de refutação científica para a defesa de suas crenças, seus dogmas, o que faz com que esses dois tipos de discursos compartilhem as mesmas condições de existência.

Foucault (2009) chama esse discurso de discurso pastoral, considerando-o uma nova forma política como tecnologia de poder, integrada pelo Estado moderno ocidental. Esse poder une técnicas de individualização que culminam em procedimentos de totalização, pois, ao moldar cada indivíduo que segue as orientações para a própria salvação da alma, acaba por ter um efeito coletivo de comportamento padrão. O autor explica que isso acontece porque é uma forma de poder que objetiva garantir a salvação individual após a morte e isso é um cuidado com cada indivíduo, não cuidando apenas da comunidade. Para que essa forma de poder se estabeleça ela precisa ser exercida na mente e na alma das pessoas, em um sistema de exploração dessa individualidade, exigindo um poder sobre suas consciências e assim com a possibilidade de dirigi-las. Essa forma de poder está ligada à produção da verdade, à verdade do próprio indivíduo que será utilizada para reger a vida terrena e a vida após a morte.

Bolsonaro é um exemplo de político que se utiliza bastante do discurso pastoral para exercer o seu poder, porém o utiliza mais como uma ovelha, fazendo parte de um rebanho, do que como um pastor que lidera e que está disposto a se sacrificar por seu rebanho, seu eleitorado. Fica evidente esse uso quando aparece em seus pronunciamentos o livro da Bíblia sobre a mesa, ou mesmo quando realiza orações em situações que são políticas e exigem protocolo laico, como entrevistas ou pronunciamentos. Além disso, atrela bastante sua imagem à Igreja evangélica, lugar bastante frequentado por sua esposa Michele, a quem acompanha em diversos momentos. Ou seja, não há nenhuma impossibilidade por parte de Bolsonaro em unir sua imagem a um estereótipo de homem religioso, ainda que isto não seja compatível com um lugar de sujeito presidente. Além disso, está presente na sua formação discursiva todo um dizer sobre valores fomentados pelo discurso religioso que se referem ao que se considera um bom comportamento do ser humano, o comportamento esperado de um bom cristão. Esses discursos surgem quando Bolsonaro manifesta ideias homofóbicas, de preconceito de gênero contra

as mulheres e racista, uma vez que a religiosidade praticada e discursiva de Bolsonaro é culturalmente branca.

Entre o próprio eleitorado do presidente, vê-se muito frequentemente, em manifestações populares de apoio ao governo federal, gestos e atos religiosos expressos corporalmente, em uma mimese de sinais ritualísticos como o sinal da cruz, a permanência do corpo de joelhos, os braços abertos em gesto de culto a Deus e olhos fechados como quem ora. Todas essas práticas são típicas de serem realizadas em locais de religiosidade e não em local político, que inclusive é, por lei, laico.

Nessa mescla discursiva entre religiosidade e ciência, cabe a título de lembrete, retomar a informação de que o ex-presidente da Capes propôs como teoria válida para contrapor a teoria da evolução, o criacionismo, o que é totalmente oriundo de um discurso religioso. O discurso religioso tem como característica sua base no dogma, um conceito que não cabe ser discutido, é incontestável, irrefutável. Esse é um aspecto completamente oposto ao da ciência, que trabalha com a dúvida e parte dela para ter a possibilidade de poder chegar a uma resposta. Quando se chega a uma resposta, ela é passível de ser refutada se submetida a outras pesquisas, pois não há resposta na ciência que esteja livre de refutação caso seja provado, pelas mesmas regras de investigação, que o resultado então é outro, podendo ser, até mesmo, o oposto do primeiro. Dois discursos completamente opostos, mas que apresentam o mesmo lugar de origem e as mesmas regras para sua formulação.

Seguindo na intenção de dar materialidade aos discursos de Bolsonaro, caracterizados como negacionistas e preconceituosos, estão relatados a seguir alguns momentos em que se registraram manifestações em relação a temas de gênero, racismo e homofobia ainda quando não era presidente do Brasil. No dia da mulher em 2018, em um evento de pré-candidatura em Minas Gerais, Bolsonaro, após ter parabenizado as mulheres pelo seu dia, quando questionado sobre a participação de mulheres no seu governo, afirmou que “Não é questão de gênero. Tem que botar quem dê conta do recado. Se botar as mulheres vou ter que indicar

quantos afrodescendentes?”⁴⁷. Observa-se que apesar de iniciar dizendo que não é questão de gênero, principia com essa defesa para o que será dito em seguida. Afirmar que “tem que botar quem dê conta do recado”, mesmo após dizer que não estabelece relação com o gênero, percebe-se uma contradição, já que é possível inferir em sua fala que alguém para dar conta do recado não pode ser uma mulher. Em seguida, associa o fato de que se colocar mulher com maior participação em seu governo também terá de colocar pessoas afrodescendentes. Entende-se dessa forma que a questão trata de preenchimento de cotas destinadas a essas minorias sociais, em que uma está ligada à outra. Ou seja, de acordo com o que foi dito por Bolsonaro, se ele coloca mais mulheres em seu governo será cobrado também para colocar pessoas negras, atrelando à ideia de que lhe será exigido corresponder a um comportamento politicamente correto, esperado por questões de igualdade de oportunidade e representatividade social. Ao não abrir mais espaço para as mulheres, logo não se sentiria na obrigação de abrir um espaço mais democrático quanto à representação de outras populações em seu governo. Além disso, deixa claro que sua motivação para não fazê-lo é o que considera competência, o que atribui somente aos homens brancos.

O que Bolsonaro disse sobre uma população quilombola, em uma palestra no Clube Hebraica, em Laranjeiras, Rio de Janeiro⁴⁸ é um exemplo de discurso relacionado ao tema etnia/raça, em referência aos negros. Bolsonaro disse: “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles”. Claramente, nesse enunciado, Bolsonaro compara as pessoas que moram no Quilombo a animais. Primeiramente porque emprega a palavra arroba para se referir ao peso de um dos moradores do quilombo, sendo essa medida utilizada para pesar animais e não seres humanos. Depois porque usa o termo “procriação”, que comumente é utilizado para se referir à reprodução da espécie de animais, e não de seres humanos. Dessa forma, no dizer

⁴⁷ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/09/interna_politica,943005/bolsonaro-se-botar-mulheres-vou-ter-que-indicar-quantos-afrodescende.shtml. Acesso em: 23 de set. de 2021.

⁴⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/processo-encerrado-bolsonaro-absolvido-em-acusacao-de-discriminar-quilombolas-23723882>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

de Bolsonaro, podemos observar que o efeito de sentido provocado é o de aproximação dessas pessoas, especificamente negras quilombolas, com animais. Essa aproximação inferioriza essas pessoas, colocando-as hierarquicamente abaixo do ser humano, diminuindo-as. O fato de ele utilizar a expressão “afrodescendente” e em seguida dizer o que disse, confere-lhe a tentativa de corresponder a um termo considerado politicamente correto a fim de não ofender as pessoas pertencentes à etnia negra. Quase soa como uma chacota, já que esse termo não confere mais respeito se comparado ao termo “negro”. Podemos inferir que essa informação é desconhecida para Bolsonaro, que acredita que apenas utilizar o termo “afrodescendente” já o livra de qualquer possibilidade de discriminação contra essa população.

Em uma entrevista ao programa CQC, em 2011, respondendo a uma pergunta feita por Preta Gil, sobre o que faria Bolsonaro caso um dos filhos dele namorasse uma negra, essa foi sua resposta: “eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu⁴⁹”. Nessa fala está presente o preconceito contra mulheres negras. Ou seja, une aspectos de gênero e etnia em um só indivíduo de forma discriminatória. Bolsonaro afirma que não discutirá promiscuidade com quem quer que seja. Para ele o fato de um dos filhos namorar uma mulher negra seria considerado promíscuo, conferindo e reduzindo a mulher negra a esse lugar imoral e obscuro, valendo muito menos quando comparada a uma mulher branca. A palavra “promiscuidade”, entre outros significados, quer dizer ter vários parceiros sexuais e/ou violar o que é considerado moral, e esse foi o efeito de sentido provocado pelo enunciado de Bolsonaro. Não à toa ele faz uso dessa palavra para responder a pergunta da entrevistadora, pois está presente nesse dizer uma memória discursiva que relaciona o corpo da mulher negra com a sua exploração sexual, como se esse corpo feminino e negro fosse objeto com esse fim. Essa memória tem raiz na história do Brasil, pois, desde o início da formação do país, a união do feminino (considerado inferior ao homem) com o negro (considerado inferior ao branco) ficou bastante à margem da

⁴⁹ Disponível em: Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-pret-gil-e-falas-ao-cqc/>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

sociedade. Se fôssemos pensar na fila social, teoria de Nancy Fraser, já citada nesta dissertação, a mulher negra estaria ocupando um dos últimos lugares.

Dando continuidade à análise discursiva da resposta de Bolsonaro, o fato de afirmar que não discutirá com quem quer que seja faz referência a não debater esse tema nem mesmo com Preta Gil, que é uma artista famosa e é quem está lhe fazendo a pergunta. Analisando seu dizer, percebemos que está presente a desvalorização da mulher negra, tanto pelo que comentou com relação à promiscuidade, quanto por dizer que não debateria esse assunto com quem quer que fosse. Há, portanto, bastante coerência em seu discurso de acordo com a formação discursiva à qual está filiado, no que manifesta discursivamente quando fala sobre a mulher negra e a forma como trata a uma mulher negra.

No mesmo programa, Bolsonaro foi questionado sobre qual seria a sua reação caso tivesse um filho gay. Sua resposta foi a de que isso não aconteceria, pois eles tiveram uma boa educação⁵⁰. Pela segunda vez, Bolsonaro utiliza o argumento de “ter uma boa educação” para justificar o seu distanciamento e rechaço a pessoas negras e agora a pessoas gays, o que configura atitude preconceituosa. Para Bolsonaro, ter uma boa educação é sinônimo de prevenir qualquer possibilidade de uma pessoa tornar-se gay. Cabe aqui refletir o que seria essa boa educação defendida por Bolsonaro. Podemos ter uma ideia de como é seu raciocínio ao analisar uma fala sua em 2010 no programa Participação Popular, transmitido pela TV Câmara. A proposta do programa era debater a Lei da Palmada, um projeto que tramitava proibindo agressão física às crianças como punição. Bolsonaro fazia parte da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados e, em entrevista à Folha, sobre o tema proposto da Lei da Palmada, disse o seguinte: "Se o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, [ele] leva um couro e muda o comportamento dele". Neste enunciado é possível perceber formações discursivas de violência corretiva no processo de educação que pais aplicam em seus filhos, como também a ideia de poder corrigir uma manifestação relacionada à sexualidade, que não é a esperada, com violência, considerando que para corrigir é necessário julgar que aquele comportamento está errado, é feio, é incomum e está fora do que se chama de normalidade.

⁵⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-preta-gil-e-falas-ao-cqc/>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

Devido a essas manifestações, Bolsonaro sofreu alguns processos de acusação de racismo, preconceito de gênero e homofobia. Esses são discursos contrários ao que a legislação defende, por isso foi possível processá-lo judicialmente por tê-los dito.

6.1 RELAÇÃO DE PODER ENTRE O DISCURSO POLÍTICO E O DISCURSO CIENTÍFICO

De acordo com Castro (2018), o conceito de poder, em Foucault, aparece em uma série de análises filosóficas e históricas quanto ao seu funcionamento, bem como algumas sugestões de metodologias para que se possa estudá-lo. Foucault procura mostrar, por um lado, a especificidade das diferentes relações de poder e, por outro, através da concepção genealógica, como foram desenvolvidas e integradas as formas de governo dos indivíduos com as formas de governo da população. Porém, há outro conceito que anda junto com o conceito poder, e é o conceito saber. E, para que se possa compreender a formação de um saber, é necessário considerar, além do que é discursivo, as práticas não discursivas, mas mantendo o foco na relação que apresenta seu funcionamento uma vez que um reforça o outro. A análise do saber e do poder também é direcionada para o estudo das práticas de subjetivação e de verificação.

De acordo com Foucault (2008), o saber também é o campo em que o sujeito discorre sobre os objetos dos quais trata no seu discurso, os enunciados se coordenam e se subordinam e os conceitos são definidos, aplicados e transformados. O saber é determinado pelas suas possibilidades de utilização e apropriação que são oferecidos pelo discurso, como o saber da economia que, na época clássica, era o seu conjunto de pontos de articulação em relação com outros discursos ou demais práticas não discursivas. Porém também há saberes que não são considerados ciência, mesmo assim todos pertencem a uma formação discursiva, da mesma maneira que uma formação discursiva pode ser definida pelo saber que ela determina.

Retomando o conceito de práticas discursivas, de acordo com Santos (2020), na publicação de *As palavras e as coisas*, Foucault dedica a descrição das

formações discursivas⁵¹ à determinação das positivities dos discursos no estabelecimento de saberes, bem como na dispersão de formas da verdade. Igualmente neste mesmo texto, Foucault define relações bastante características entre a descrição da positividade dos discursos (o que implica suas condições de materialidade, sistemas que regulam sua emergência, modo de funcionar e suas mudanças) e os regimes considerados não discursivos, que se referem a outras práticas. Dessa forma, a diferença entre uma prática discursiva e uma não discursiva é referente a uma especificidade que permeia a descrição da formação do discurso, sendo o limite entre elas a noção de positividade, ou melhor, um limiar de positividade que caracteriza uma prática discursiva. Foucault chama de limiar de positividade o momento em que uma prática discursiva assume sua autonomia e se torna individual, em que está em ação um mesmo sistema de formação de enunciados ou o momento em que ele se transforma.

Segundo o mesmo autor, retomando o que já dissemos aqui anteriormente, Foucault escolhe os campos da medicina, ciências humanas e economia para realizar sua análise histórica de descrição da constituição dos discursos devido ao fato de que a positividade dessas áreas é mais denso e de maior complexidade, contrariamente aos saberes da matemática e da física, que apresentam a estrutura epistemológica mais rígida. Com maior positividade na estrutura dessas disciplinas, maior possibilidade há de analisar e detectar as implicações entre a prática política e a constituição da institucionalização dos discursos científicos, a fim de observar quais as suas condições de exercício e de funcionamento em relação com a política, o que contempla o projeto de Foucault no estudo das confluências constitutivas das relações entre saber, verdade e poder. Em um cenário em que discursos anticientíficos apresentam plenas condições de existência, como já explicitado anteriormente, sendo inclusive legitimados por sujeitos que ocupam importantes funções e cargos políticos, o discurso da ciência parece ter perdido sua força de verdade, não se sustentando.

⁵¹ A positividade que legitima o quão verdadeiro é um discurso está descrita na *Arqueologia do saber*, como o domínio dos objetos, os tipos de formulações, a proposição dos conceitos e escolhas teóricas que darão vez a formações discursivas. A formação discursiva é estabelecida a partir de relações de poder que ocorrem no campo do saber-poder, indicando quais enunciados se mantém e quais são apagados. Essas descrições também estão presentes em *A ordem do discurso* e *Aulas sobre a vontade de saber*.

De acordo com Foucault, o poder é uma relação estabelecida entre elementos, não é objeto, não é concretização, é relação e essa relação gera sempre resistência, visto que se não há resistência, não há poder. Porém só haverá resistência se houver condição de liberdade para isso. Segundo Fernandes (2012, p. 52), na ótica de Foucault,

O poder não é então algo que alguém possa deter, ou o que pode emanar de alguém, existe em relações de forças, é marcado por dispersão, sofre intermediações, apoios recíprocos etc., e integra um sistema de diferenças, próprio à coexistência dos sujeitos, e, assim como os discursos, funciona por meio de práticas, é exercido.

Temos, diante da realidade da pandemia, um quadro de relação de poder entre o discurso político e o discurso científico, em que o discurso político não necessita, para ser crido, comprovar o que profere mesmo quando trata de ciência. A crença em um discurso político que deslegitima uma evidência científica (movimento antivacina, terraplanismo, etc.) é a resistência necessária para que determinada logofobia possa existir, uma logofobia que não aceita os discursos científicos, principalmente uma ciência que proporcione informações que levem a políticas de igualdade, de equidade social, de melhor distribuição de riquezas, de acesso à educação, de acesso à saúde, de ascensão a melhores condições de vida em todas as suas instâncias. Essa formação discursiva específica, que compreende enunciados desprovidos de qualquer estudo ou pesquisa comprobatórios para que tenham validade, ou mesmo a exigência de fontes seguras (isto é, que possam comprovar o que é verdade, fato, evidência) ganhou bastante força no Brasil ainda no processo de campanha eleitoral para presidência em 2018.

É de conhecimento comum que o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro era e é autor de um discurso, como descrito anteriormente, de característica intolerante e preconceituosa contra todo perfil de ser humano que não responda ao padrão de homem cis hétero e branco. Na campanha eleitoral para presidente em 2018, houve diversas ocasiões em que Bolsonaro disse o que pensava sobre determinado assunto, mas suas palavras tornaram-se ações de terceiros, pois legitimaram condutas de violência, de perseguição, de chacota pública, de humilhação contra todos aqueles que não apoiavam o candidato ou

mesmo que representassem, por algum indício, um perfil de pessoa que não correspondesse ao padrão sustentado pelo discurso conservador bolsonarista.

De acordo com Curcino (2021, p. 113),

O candidato, em suas transmissões em vídeo ao vivo, adota uma retórica anticorrupção, de tom denunciante, falsamente legalista, revanchista e cheia de alusões conspiratórias, que configuram o *modus operandi* dos seus pronunciamentos.

Outras falas de Bolsonaro como “Bandido bom é bandido morto”, “Prefiro cadeia cheia de vagabundo do que cemitério cheio de inocentes”, “Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos”, “Nossa bandeira jamais será vermelha”, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” captadas por Curcino nesse mesmo texto já citado da autora, evidencia o tipo de discurso fomentado por Bolsonaro que é feito de enunciados prontos, conhecidos, facilmente repetíveis. É um discurso que faz divisão entre o bem e o mal, deixando claro quem é o inimigo, faz uso de ideais religiosos, hierárquicos e nacionalistas. Um dos inimigos declarados do país e fomentado por Bolsonaro é o Partido dos Trabalhadores. O PT tem um posicionamento político de esquerda e esteve na presidência do Brasil por 14 anos, iniciando em 2013 com Luis Inácio Lula da Silva e posteriormente com Dilma Rousseff. Em uma de suas *lives*⁵² de campanha presidencial, Bolsonaro fala a respeito de um livro escrito por Fernando Haddad, chamado “Em defesa do socialismo: Por ocasião dos cento e cinquenta anos do manifesto”. Nessa *live*, Bolsonaro afirma que com a comprovação da existência do livro, ele não precisa produzir *fake news* sobre o tema, pois o livro verdadeiramente existe e comprova mostrando-o. Ele diz: “Nós não precisamos de *fake news* para combater o Haddad, as verdades são mais do que suficientes.”. Nesse enunciado há um efeito de sentido possível que é o que fica subentendido: se para combater o Haddad não precisam de *fake news*, há aqueles outros casos em que sim é necessária a produção de notícias falsas. Outro exemplo é com este enunciado: “Esse é o PT. Nós não precisamos fazer *fake news* contra eles.”. Aqui também é possível subentender, como efeito de sentido, que contra o PT não é necessário fazer *fake news*, mas que em outras situações, se for preciso, sim. Nos dois enunciados, a utilização do verbo

⁵² Vídeo de 18 de outubro de 2018. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/-os-c%C3%A3es-ladram-e-a-caravana-passa-inscreva-se-em-nosso-canal-no-youtube-e-tenha/580531589030275/>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

“precisar” proporciona o efeito de sentido exposto: se for preciso se produz *fake news* e se não for preciso, não.

Seguindo a crítica ao livro de Haddad, Bolsonaro reprova o título mesmo sem ter lido, alegando que não gastará seu tempo com a leitura, pois, segundo Bolsonaro, o socialismo não funcionou bem em lugar nenhum, o que usa como argumento. O livro de Haddad representa a união dos inimigos do governo bolsonarista: o partido dos trabalhadores e o regime socialista.

Retomando Curcino (2021), Bolsonaro faz referência a outro livro, este escrito por Pepe Mujica, uma biografia autorizada. Utiliza-o para voltar a afirmar quais seriam as intenções do PT para tornar o Brasil um país comunista por meio de uma ditadura. Neste caso, Bolsonaro diz ter lido em duas páginas específicas do livro o que o próprio Pepe Mujica teria dito sobre Dilma. Que, durante o seu governo, ela recebia, no Planalto, os integrantes das inteligências de Cuba no intuito de criar uma maneira para que Cuba participasse do Mercosul tirando o lugar do Paraguai. O candidato enfatiza bastante o fato de que quem escreveu o livro foi o próprio Pepe Mujica, para que se possa inferir que Pepe Mujica não teria interesse em dizer algo assim para prejudicar o movimento e a política de esquerda, o que faz que se considere verdade o que disse. Os enunciados “socialista”, “comunista”, “Venezuela”, “ditadura” e “esquerda” remetem à figura de um inimigo do governo de Bolsonaro. Curcino (2021) propõe que o nome Venezuela não indica somente o nome do país, mas abrange um sentido de governo de esquerda, autoritário e fracassado socioeconomicamente.

Sobre o surgimento do termo comunismo como inimigo dos países ocidentais, Curcino (2021) afirma que:

Desde 1917 [...] capitaneada pelos Estados Unidos, a difusão da ideia do comunismo como “ameaça” aos “valores ocidentais” obteve êxito tanto na intensidade quanto na duração e permanência dessa ideia, e contou com aliados de peso, como as elites econômicas, o alto empresariado e as igrejas. No Brasil, esse medo foi mobilizado em benefício da ditadura Vargas, exortado como justificativa do golpe militar de 1964 e explorado nas campanhas dos adversários políticos do PT em 1989, com Collor, em 1994 e 1998, com Fernando Henrique Cardoso, em 2010 e 2014 pelos adversários de Dilma, em 2016 para o impeachment da presidenta eleita, e na campanha e eleição de Bolsonaro em 2018. (p. 124)

No pronunciamento de Bolsonaro como presidente eleito, no dia 28 de outubro de 2018, a autora destaca a fala de Bolsonaro referente a ter protegido o Brasil de um futuro socialista. “Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo, com o populismo e com o extremismo da esquerda. Todos nós sabíamos para onde o Brasil estava indo!” (p. 130).

Bolsonaro estava se referindo aos governos anteriores ao seu, mais especificamente aos do Partido dos Trabalhadores com Lula e Dilma. Ao longo desses governos, haviam sido sustentados acontecimentos discursivos em formas de políticas públicas implementadas com o objetivo de possibilitar maior igualdade social entre os brasileiros de toda e qualquer raça, gênero ou orientação sexual⁵³, em oposição a um discurso da extrema direita em seus valores. Esse era o cenário quando muitíssimos brasileiros tiveram uma grande surpresa (mais especificamente um choque) ao lidar com enunciados considerados inadequados para a formação discursiva que estava em vigência e autorizada naquele momento. Com esse fato, uma parte da população pôde se manifestar em apoio ao que dizia Bolsonaro, pois o que estava proibido de se dizer agora ganhava autorização e amparo de um sujeito que ocupava um lugar de poder, a candidatura à presidência do Brasil. Percebe-se com isso o funcionamento das relações de poder que o tempo todo estão em tensão de acordo com a resistência apresentada. Nesse caso, a interdição que esses discursos sofriam começa a enfraquecer e, conseqüentemente, o que não podia ser dito até agora, começa a ser permitido. Nessa formação discursiva que começa a ter permissão para ser dita, estão discursos considerados característicos do conservadorismo, da intolerância, das ideias anticientíficas e do que se considera discriminatório, como já analisado e demonstrado em seu discurso.

Em *A ordem do discurso*, quando Foucault começa a relacionar os conceitos discurso e poder, temos a citação e a descrição de quais procedimentos atuam no controle do discurso, do que pode ou não ser dito, quando e por quem, para que o discurso tenha efeito de verdade. Um dos procedimentos de exclusão, o interdito, reúne as três possibilidades ou permissões do dizer, assim classificado por Foucault.

⁵³ Minha casa, minha vida; Bolsa família; Política de cotas; Estatuto da igualdade racial; Projovem; ProUni; Brasil sem homofobia e outros.

O primeiro é o tabu do objeto, ou seja, sobre o que se fala, quais temas são considerados tabus, proibidos de serem ditos; o segundo é o ritual da circunstância, ou seja, nem tudo pode ser dito em qualquer situação, circunstância; e o terceiro é o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, isto é, os sujeitos que são cridos e/ou admirados pelo seu dizer, talvez até pela sua ousadia se considerarmos um sentido parresiático.

Bolsonaro rompe com os interditos citados por Foucault e por isso muitos dos seus dizeres causam surpresa e espanto. Como presidente diz o que não se espera e em circunstâncias inapropriadas, quebrando a expectativa que se tem quanto ao comportamento de um presidente. Esse é o motivo pelo qual seus pronunciamentos oficiais, qualquer entrevista ou publicações em redes sociais provocam verdadeira polêmica. A causa é o rompimento com esses interditos do discurso, com esse controle, com esses limites.

Como mencionado anteriormente, a irrupção dos discursos de Bolsonaro, aqui podendo ser chamados também de discursos bolsonaristas pela sua típica caracterização já retratada anteriormente, foi possível (inclusive de fato levando-o ao acontecimento não discursivo de ser presidente da República do Brasil) devido a uma formação discursiva vigente que funcionou como correlato para enunciados que descreditaram a ciência. Porém, esses enunciados não estavam vigentes já há um certo tempo, o que causou impacto quando estabelecidos novamente, sendo autorizados e possíveis de serem ditos.

Seguindo a esteira do pensamento foucaultiano, chama-se de descontinuidade todo esse movimento de discursos que se encontravam adormecidos, enquanto outros estavam em plena vigência, em uma relação de poder estabelecida que possibilita inferir o certo do errado (norma definida mais recentemente pelo termo *politicamente correto*⁵⁴), e que em um dado momento é invertido e aqueles que estavam silenciados passam a ficar vigentes. Esse é o exemplo de uma relação de poder em pleno movimento. Um determinado discurso,

⁵⁴ Este termo refere-se ao uso da língua quando relacionado a expressões ou ações que evitam excluir ou discriminar grupos sociais menos favorecidos ou marginalizados, principalmente grupos determinados por questões de etnia, gênero, orientação sexual, etc.

que era resistência, começa a operar a partir de um lugar de poder, e o discurso que antes ocupava esse lugar de poder, agora se torna resistência.

N'A *Arqueologia do saber*, Foucault trata de descrever os discursos das formações discursivas dos domínios que ele chama de conjuntos, que, ao longo do tempo, formaram o que chamamos de medicina, economia, política e biologia. Para tanto, ele busca compreender o que viria a ser um conceito fundamental para suas análises, a descontinuidade, que, segundo Foucault, é:

[...] o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular [...] descontinuidade: é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode ser estabelecida através da comparação desses domínios. (2008, p. 15)

Apesar de Foucault trabalhar com esse conceito para análise de formações discursivas mais amplas do que as que analisamos neste trabalho, Foucault sugere, sobretudo, que os historiadores trabalhem com ela, uma vez que costuma ser suprimida na intenção de dar uma ideia de continuidade para a história que se quer contar. Justamente essas rupturas é que podem explicar ou minimamente descrever os eventos históricos mais de acordo com acontecimentos de ordem não discursiva.

6.2 DE QUE FORMA A POLÍTICA DE DIREITA MOBILIZA A CIÊNCIA?

Como dissertado até aqui, é perceptível que o posicionamento de direita da política utiliza a ciência de acordo com seus interesses, isto é, apoia o científico nos casos que lhes são convenientes e nega nas situações em que não lhes trazem vantagem alguma, nem no nível das ideias e tampouco no nível das práticas. Um exemplo bastante notório e atual é a grande contradição de Trump ao apoiar o uso da cloroquina (mesmo depois de os resultados amplamente divulgados não se apresentarem favoráveis ao fármaco no combate à covid-19) ao mesmo tempo em que demonstrou total apoio à vacina contra o vírus. Apoio que se manifestou financeiramente ao comprar todo o lote produzido pelos laboratórios Pfizer e

Biontech para 2020⁵⁵. O apoio à ciência, no que se refere à vacina está presente em seus discursos de campanha eleitoral quando promete a seus eleitores que a vacina estará disponível para a população antes das eleições presidenciais, o que abre a possibilidade de interpretar esse gesto como interesse político em seu próprio benefício.

Apesar de Trump ter se mostrado a favor da vacina, também foi a favor da cloroquina, e, ao mesmo tempo, negava-se a utilizar a máscara, indicada para diminuir o risco de contaminação do vírus. Percebe-se nesses exemplos o uso de informações científicas de acordo com interesses políticos em benefício próprio, e não pelo benefício à população (nada tendo a ver com a conclusão científica em si).

No Brasil, referente ao governo federal brasileiro, há diversos exemplos de práticas discursivas negacionistas que levam a práticas não discursivas de políticas públicas. Durante o ano de eleições presidenciais no Brasil, em 2018, houve uma grande emergência de discursos falsos associando o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, a inúmeras notícias falsas⁵⁶ que circulavam pelas redes sociais. Esse não foi um evento isolado, mas a manifestação de um fenômeno que já havia apresentado bastante relevância nas eleições presidenciais dos EUA em 2017, em que o principal alvo era Barak Obama.

No fluxo dessa dinâmica política, especificamente no Brasil, mais discursos falsos continuaram a se proliferar, não cessando com a eleição de Bolsonaro. O governo, em diversos níveis administrativos, seguiu disseminando inverdades sobre fatos relacionados à realidade brasileira e à administração pública. Um exemplo bem conhecido foi o vídeo publicado por Milton Mourão (vice-presidente da República) e Ricardo Salles (Ministro do Meio Ambiente) afirmando que não houve queimadas na Amazônia, uma vez que diversas instituições ligadas à esfera do meio ambiente, como institutos de pesquisa do próprio governo federal e ONGs informam o contrário

⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/07/22/eua-paga-quase-2-bilhoes-de-dolares-para-garantir-doses-de-potencial-vacina-afirmam-empresas.ghtml>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

⁵⁶ Notícias falsas que adentram um discurso utilizado como verdadeiro e que por isso se tornam difíceis de serem percebidas como falsas. É necessária uma investigação para confirmação ou não dessas informações.

através dos meios de comunicação. Esse foi somente um exemplo, dentre tantos e de conhecimento comum da população brasileira e do mundo.

Pinker (2018) afirma que um discurso característico do século XXI são os dados. Esse é um tipo de discurso corrente que serve para balizar outros discursos, principalmente o da ciência. Se esse é um tipo de discurso importante, e necessário para se obter efeito de verdade naquilo que se diz, é compreensível que o governo Bolsonaro tenha que entrar nas regras desse jogo também. Portanto, é necessário dar informações em forma de dados e para isso o governo alterou a administração de instituições como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), exonerando seu presidente após publicação de dados alarmantes sobre o desmatamento na Amazônia⁵⁷. Também alterou o questionário do censo de 2020, bem como adiou sua realização. É a partir dos dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que se sabe da realidade do país e a partir do qual políticas públicas são implementadas de acordo com o resultado do censo.

Todas essas medidas são forjadas e concretizadas em um nível que pretende alterar o discurso que será produzido. Práticas não discursivas que objetivam alterar a narrativa sobre a realidade brasileira no governo bolsonarista. Evidencia-se assim a relação de poder entre o discurso político e o discurso científico, mas também práticas não discursivas que se manifestam em políticas públicas, em ações de corte direto em instituições produtoras de discursos (e por isso tão passíveis de intervenção administrativa), de acordo com a logosofia do governo.

Outros enunciados que compõem uma formação discursiva de uma política de direita são os que remetem ao conservadorismo, como exemplo, o conceito de família, que pressupõe heteronormatividade, excluindo todo e qualquer outro modelo que esteja fora desse padrão. A esse enunciado temos outros correlatos referentes à sexualidade, uma vez que nessa formação discursiva a sexualidade deve ter a função de reprodução, deixando de fora sujeitos que não correspondam com essa função ao se relacionar com outros sujeitos. Esse tipo de discurso sustenta a exclusão dessas pessoas de inúmeras funções sociais, não só da instituição família. Esse é um enunciado reiterado e tem base no discurso religioso, que inclusive

⁵⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/diretor-do-inpe-sera-exonerado-apos-questionamento-de-dados-sobre-desmatamento-23849988>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

atribui a formação da sexualidade das pessoas ao tipo de família em que nasceram e se desenvolveram, constatando que se o sujeito não for heterossexual é devido à desestrutura familiar. Esse é o efeito de sentido que tem o termo família na formação discursiva à qual o governo está filiado, moralista e conservadora.

Outro termo bastante comum a essa formação discursiva é “cidadão de bem”. Essa expressão é bastante utilizada por esse perfil de governo, pois lida diretamente com a classificação do sujeito na dualidade do bem e do mal. Se o sujeito não é do bem, então é do mal, se não é do bem, então é bandido, se não é do bem, então é desonesto. Na mesma formação discursiva que encontramos esse enunciado de cidadão de bem, encontramos também enunciados a favor do armamento da população (com o objetivo de matar), da pena de morte, da castração química de violadores, bem como enunciados que culpabilizam a mulher quando ela é vítima de violência ou mesmo de feminicídio. Também contrastam com o termo “cidadão de bem” aqueles enunciados discriminatórios em referência a racismo, homofobia e gênero. Cabe perguntar aqui a qual “bem” se refere esse cidadão? Bem de quem?

Nesse discurso dual, a lógica é a de que não há lugar para reestabelecimento, reeducação, recuperação ou reestruturação, ao invés disso o que há é a demonização do infrator da lei e sua condenação. Aqui também podemos relacionar o dizer “bandido bom é bandido morto”, justamente corroborando o que se acaba de afirmar sobre não haver possibilidade de recuperação do sujeito que tenha infringido a lei, uma vez que, sendo ele do mal e o oposto de mim, deve perder o direito à vida como forma de punição. Cabe aqui lembrar que o perfil de quem costuma ser identificado como criminoso no Brasil é o morador da periferia, pobre e negro. Há uma forte relação entre esse cidadão e a imagem estereotipada do bandido.

Os enunciados mencionados acima reforçam uma pauta moralista presente também em discurso religioso, inclusive manifesta contra a agenda progressista de defesa dos direitos de minorias sociais como o feminismo, o movimento de orgulho LGBTQIA+, e movimentos negros. Todas essas ideias declaradas discursivamente só ganham força no Brasil por sermos constituídos historicamente por esses discursos de dicotomia que separam os sujeitos de acordo com suas subjetividades em bons e maus.

Uma análise interessante é proposta por Vanice Sargentini (2020), no seu artigo sobre discurso político e resistência, em que propõe a análise de enunciados produzidos pelo presidente e ministros e verifica formas de obediência e formas de resistência. A autora identifica quais enunciados são escolhidos para se manterem em circulação e quais proporcionam a emergência de um negacionismo quanto aos enunciados inscritos em uma memória (arquivos), de forma que houvesse um revisionismo histórico em uma disputa de reapropriação de discursos.

Dizeres como o de que o nazismo é de esquerda⁵⁸ ou de que não se passa fome no Brasil⁵⁹ são exemplos usados pela autora em sua análise que claramente demonstram desconhecimento histórico por parte de quem os menciona, pois utiliza uma informação considerada verdadeira, a existência do nazismo relacionada a uma nova informação, a de que foi um movimento de esquerda, para poder prejudicar a imagem/conceito da política de esquerda. O segundo enunciado é com base em algo que não se vê, portanto não existe, ignorando uma forma de verificação da verdade legitimada socialmente, que é por obtenção de dados de pesquisa, inclusive de pesquisas oriundas de instituições do próprio governo. Para Sargentini, apesar de esses enunciados terem sido ditos por quem está no poder (presidente da República), isso não seria suficiente para se acreditar no que é dito, exceto para aqueles que seguem de forma cega e obediente ao governo.

A autora propõe a oposição entre a obediência cega e a resistência que se pode oferecer ao governo. Para isso retoma Foucault que estudou o tema da obediência com base em Kant, fazendo a crítica ao conceito de menoridade como um estado infantil da humanidade que ainda não conquistou meios para sua autonomia⁶⁰. Para Foucault, um estado em que se atribui sempre a um outro (médico, livro, orientador de consciência) o saber sobre o que fazer, pensar e decidir é a tradução do medo que as pessoas têm de fazer suas próprias escolhas, apoiando-se em si e não nos outros. É a ausência de autonomia consigo mesmo o

⁵⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 22 de nov. de 2021.

⁵⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 22 de nov. de 2021.

⁶⁰ Foucault trata desse tema em uma das aulas do Collège de France (Aula de 5 de janeiro de 1983), entre 1982 e 1983, reunidas na obra “O governo de si e dos outros”.

que leva a uma obediência cega, e se há obediência cega, há falta de raciocínio, logo, também, há falta de resistência.

Há dois casos recentes que podem ilustrar o que a autora traz como obediência cega e como resistência envolvendo discurso e acontecimento discursivo. O primeiro, para exemplificar resistência, é o pronunciamento de Bolsonaro em uma *live*⁶¹ em que diz que as vacinas contra a covid-19 estavam associadas ao crescimento do número de pessoas infectadas com a AIDS. Como medida de intervenção a esse episódio, a esse dizer, o próprio site youtube, plataforma na qual o vídeo foi veiculado, tirou do ar o conteúdo, removendo-o do site⁶². Apesar da posição de poder exercida pelo sujeito presidente, não se aceita que ele possa dizer qualquer coisa. Seu discurso foi considerado falso pela plataforma e pelos especialistas da saúde, conforme divulgado pela mídia, pois vai contra um saber científico bastante validado socialmente e apoiado (um arquivo discursivo que não se questiona com facilidade). O site, com essa conduta, coloca-se a favor da ciência como lugar do verdadeiro.

O que há de novo nesses últimos tempos é uma intensificação da imposição da obediência e completo desejo de controle e punição da transgressão. Sem dúvida corresponde a um governo autoritário, que busca incessantemente a amplificação do poder. Talvez compreender esta complexidade que rege as formas de obediência, possa nos auxiliar no exercício da resistência. É a uma obrigação ética que Foucault nos convida, mas para isso é preciso compreender que isso não será possível se a opção for continuar na menoridade. (SARGENTINI, 2020, p. 91)

O segundo exemplo é o caso da clínica Prevent Sênior, bastante noticiada pela mídia, pois foi denunciada⁶³ à CPI da covid-19, que ocorre no Senado⁶⁴, por

⁶¹ Live transmitida por Jair Bolsonaro no dia 21 de outubro de 2010.

⁶² A nota do site Youtube foi a seguinte: “As nossas diretrizes estão de acordo com a orientação das autoridades de saúde locais e globais, e atualizamos as nossas políticas à medida que na orientação muda. Aplicamos as nossas políticas de forma consistente em toda a plataforma, independentemente de quem for o criador ou qual a sua opinião política”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/youtube-derruba-video-de-bolsonaro-associando-vacinas-e-aids/>. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

⁶³ A denúncia da empresa Prevent Sênior à CPI da Covid-19 ocorreu em 30 de setembro de 2021, quando a comissão da CPI aprovou quatro requerimentos para aprofundar as investigações sobre a empresa. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/01/cpi-aprova-requerimentos-para-investigar-denuncias-de-irregularidades-na-prevent-senior>. Acesso em: 28 de nov. de 2021.

fazer acordo com o governo federal e testar em seus pacientes o kit Covid em cobaias humanas, já que os resultados dos testes laboratoriais (realizados a partir de métodos científicos) do kit comprovavam ineficiência médica⁶⁵. Os autores da denúncia são doze médicos que trabalhavam na empresa hospitalar e que alegam ter vivenciado situações de assédio moral, de forte pressão antiética médica no tratamento aos pacientes, em particular, no que se refere aos afetados pela pandemia. A notícia traz à tona relatos de indicação do Kit covid-19, com base em um estudo com resultados fraudulentos realizado pela própria Prevent Sênior, em que é defendido o uso da cloroquina para os pacientes com covid; forte pressão para que os médicos atendessem a um número muito elevado de pacientes por dia como meta, além de serem constrangidos a obedecer um forte sistema hierárquico dentro da instituição, o que muitas vezes resultava em orientações que iam contra a ética médica. Além disso, em casos mais graves, foram apontadas mortes de pacientes que participaram dos testes com o kit que teriam tido o seu real motivo das mortes, nos respectivos registros de óbito, ocultados. A motivação da clínica para todas essas ações, segundo a denúncia, seria o aceleração das mortes e das altas para que não tivessem que manter internados um número grande de pacientes, o que levaria a um gasto financeiro maior por parte da Prevent Sênior. Temos, então, como exemplo de resistência a um poder exercido, a atitude dos médicos que realizaram a denúncia. Ao mesmo tempo, há outro claro exemplo de obediência, o comportamento de pacientes e familiares ao aderirem às orientações dadas pelos médicos da empresa, tendo como consequência, em muitos casos, a morte de seus entes queridos. Esse é um bom exemplo de obediência cega em que não se questiona um saber por creditá-lo a partir de protocolos institucionalizados discursivamente, como o dizer médico bastante respeitado e não questionado na nossa cultura.

Considerando a grande confiança que se tem no discurso da medicina, percebemos no campo da ciência um espaço em que o discurso da verdade tem um

⁶⁴ A CPI da Covid-19 foi instalada em 27 de abril de 2021 e finalizou, com prorrogação de prazo em 5 de novembro de 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acesso em: 28 de nov. de 2021.

⁶⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/26/cpi-recebe-denuncia-de-que-prevent-senior-fez-acordo-com-governo-federal-para-testar-e-disseminar-kit-covid-em-cobaias-humanas.ghtml>. Acesso em: 3 de nov. de 2021.

valor social que rege o funcionamento médico, biológico, farmacêutico etc. quanto às diretrizes de funcionamento e práticas desses campos. Porém, há possibilidade de ser, a ciência, um lugar de farsa discursiva, fraude, falsificação ou engano. Para demonstrar o que estamos falando, relato a seguir a que se propõe Elisabeth Bik, referência na análise de verificação de dados reais de artigos publicados na área de microbiologia. Desde março de 2019, iniciou o empreendimento próprio de consultora na *Microbiomeand Science Integrity*, registrando no blog *ScienceIntegrityDigest* seu trabalho, pelo qual é popularmente considerada a caçadora de fraudes de artigos científicos. Bik, com esse portal para o mundo científico, em que qualquer pessoa pode acessar e entrar em contato, permite que um contradiscurso da ciência se popularize, afinal de contas é um sujeito do meio científico que vem contradizer o ideal esperado do discurso da ciência como lugar da verdade.

Ela pesquisou sobre Didier (depois de seu artigo sobre a cloroquina tomar a proporção que tomou) publicações antigas que teriam indício de fraude, descobrindo que muitos desses artigos apresentavam alteração de resultados para que demonstrassem o que ele estava propondo sem verdadeiramente prová-lo. O que Bik apresenta como proposta para detecção de fraude é sua habilidade em constatar alterações por photoshop em imagens que compõem artigos, além de identificar falhas em dados demonstrados em pesquisas. Dessa forma, ela investigou publicações de Didier que, apesar de apresentarem resultados e procedimentos esperados na dinâmica científica, ou seja, jogando as regras do jogo de produção da verdade, as regras reconhecidas pelo sistema do discurso vigente, ainda assim foi possível encontrar o aparecimento da falsa ciência.

Há diferentes motivações para que essas pesquisas e estudos se apresentem de forma diferente das normas que a produção da ciência deve seguir para que sejam válidos, mas o que há em comum é estar dentro das regras discursivas, e esse é o ponto, é a característica, é o protocolo que faz com que sejam aprovados, ainda que depois esses artigos sejam retirados de circulação. É comum, portanto, que artigos sejam publicados, tanto em pré-impresões, como em revistas oficiais, e, posteriormente, sejam retirados por detecção de falha em alguma metodologia ou dado. No entanto, o diferencial, no caso dos dois artigos sobre a cloroquina que ficaram tão em evidência, foi a propagação da notícia, ou seja, pelo contexto e

necessidade das circunstâncias, houve uma popularização das informações devido à divulgação feita pela mídia, pelo discurso jornalístico sobre como funcionam os procedimentos científicos de uma pesquisa e sobre como é o caminho de uma publicação. Foi assim que o discurso científico saiu do seu campo habitual e restrito e foi divulgado para a população em geral. Uma vez que o discurso sai do seu lugar e toma outros espaços nos quais não costuma ser ordinário, ainda outros discursos o perpassam, outras formações discursivas se formam com e a partir dele. Nesta matéria do site g1 temos o exemplo do que se afirma sobre o discurso da ciência adentrar outras formas discursivas como a da mídia, por exemplo. A manchete da matéria diz o seguinte: “pesquisas publicadas nas últimas semanas não encontraram relação entre medicamento e redução da mortalidade por covid-19. na sexta-feira (15), Ministério da Saúde anunciou que vai passar a recomendar em casos leves”.

Retomando o entendimento sobre poder e resistência para compreender de que forma ocorrem as relações descritas acima, lembremos que para Foucault há relações de poder quando há espaço para manifestação da resistência a esse poder. Portanto não se trata de verificar quem está em posição de poder e quem está subjugado, como se essas posições fossem engessadas e imutáveis, mas averiguar qual é o funcionamento dessa dinâmica para que essa relação aconteça dessa forma. De acordo com Fernandes (2012), Foucault pontua três modos de objetivação que tornam seres humanos sujeitos. Um deles, que é o que aqui nos interessa, é o modo de investigação, referente ao estatuto da ciência. Estatuto de sujeito proporcionado e identificado pela ciência, seja ela a gramática ou a ciência biológica. Se pensarmos no caso Didier, o lugar que ele ocupa como sujeito de saber lhe é garantido devido à ciência que ele pratica, proporcionando-lhe identidade. Além disso, está inserido em um contexto em que é definido como sujeito de poder por sua posição, exercendo de fato o poder que tem. Segundo Fernandes (2012, p. 58),

[...] o poder, nessa acepção, é focalizado em micro instâncias, é um exercício integrante do cotidiano, e integra a construção de identidade dos sujeitos, por meio de suas inscrições nos discursos, nas práticas discursivas. acrescenta-se a isso, o saber como o que permite o que pode dizer e como pode dizer; o que pode fazer e como pode fazer.

De acordo com o fragmento de texto mencionado, é necessário seguir as regras do discurso para desempenhar o papel de sujeito pertencente àquele jogo. No caso de Didier, é isso o que ele faz. Porém Bik vem demonstrar em um contradiscurso da ciência, que ele não cumpre verdadeiramente as regras científicas, mas as corrompe, justamente por saber como essas regras funcionam. percebe-se, nesse caso, uma relação de poder ocorrendo em que há tensão entre os sujeitos Didier e Bik.

Relacionando a esse tema, o caso de escândalo da empresa Prevent Sênior é bastante pertinente como mais um exemplo do funcionamento de relações de poder. Segundo a reportagem do G1⁶⁶, o cardiologista Rodrigo Esper, funcionário da empresa, convoca para uma *live* os participantes do grupo ao qual se dirige por mensagem de áudio, com a intenção de organizar os pacientes que estão sendo testados com o kit covid-19 (leia-se tratamento com a cloroquina, entre outros medicamentos). Nessa convocação, ele menciona Didier Raoult e Jair Bolsonaro, explicando que essas duas personalidades teriam mencionado o trabalho da empresa com a cloroquina nas redes sociais, e que por terem alcançado tal notoriedade, era ainda mais importante agora que fizessem o que ele, Rodrigo, estava propondo, a revisão dos dados dos pacientes.

Esse caso evidencia de que maneira podem funcionar as relações de poder e como pode se formar a subjetividade de um sujeito de acordo com a posição que ele ocupa. Entre Bik e Didier, entre Didier e Esper, entre Esper e os funcionários da Prevent Sênior, entre os funcionários, pacientes e familiares. Todos os sujeitos citados que nessas relações exercem poder são sujeitos apropriados de um saber que os coloca nessa função, nesse posto. Ou seja, há determinadas formas de poder que são instituídas por quem tem acesso às regras do saber, que é o que basta para legitimá-los nesse lugar, nessa força de poder. São exemplos de resistência a essas forças Bik em relação a Didier, e a denúncia da empresa Prevent Sênior recebida e investigada pela CPI da covid-19. Formas de resistência que se

⁶⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/investigada-na-cpi-da-covid-prevent-senior-ocultou-mortes-em-estudo-sobre-cloroquina-apoiado-por-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 2 de nov. de 2021.

dão por meio de inquérito, um formato de averiguação legitimado socialmente e que tem seu resultado considerado como a verdade.

Todos esses fatos relatados até aqui contribuíram e contribuem para a manutenção da cloroquina como acontecimento discursivo. Para dar início ao que será tratado no próximo capítulo, que é justamente a forma como aconteceu esse processo de transformação do enunciado “cloroquina” como suposto dispositivo de controle da covid-19 para acontecimento discursivo, retomamos a repercussão inicial dos primeiros resultados científicos com a medicação. Foi após a divulgação do primeiro artigo francês, favorável ao medicamento, que se pôde perceber uma mobilização do efeito de sentido que ele estava adquirindo no âmbito político para além do significado relacionado a sua finalidade médica. O que se quer dizer com isso é que devido ao apoio que a cloroquina recebeu inicialmente por políticos da extrema direita, como Trump e Bolsonaro, o efeito de sentido que esse enunciado começou a apresentar também era político. Mesmo com posterior divulgação científica em artigo que apresentava a ineficiência da cloroquina, os presidentiáveis não retiraram seu apoio ao uso do medicamento, tomando a decisão de não mobilizar, naquele momento, o discurso científico então atualizado. A partir desse cenário, foi possível distinguir dois posicionamentos: quem era a favor da cloroquina, mesmo sem consistência de resultados científicos comprovando sua eficiência, era considerado de extrema direita; quem defendia os resultados científicos, naquele momento contrários à cloroquina, eram considerados de esquerda. Um exemplo em que se pode observar o funcionamento desses dois posicionamentos opostos está em uma fala do presidente Jair Bolsonaro em entrevista realizada no mês de maio de 2020 em que ele diz: “quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, tubaína”⁶⁷. Percebemos, nessa fala, a oposição entre direita e esquerda e a depreciação a essa última. Além do uso da rima, escolhe-se a palavra “tubaína” por remeter a um tipo de refrigerante regional feito com guaraná e extrato de tutti-fruti, barato e popular, contrastando com o valor de status que tem um refrigerante mais conhecido como a coca-cola, por exemplo. A tubaína estaria inversamente proporcional à qualidade e ao valor de uma coca-cola. Portanto, o intuito não é

⁶⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/05/20/quem-e-de-direita-toma-cloroquina-quem-e-de-esquerda-tubaina-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 06 de nov. de 2021.

apenas rimar, mas de menosprezar, diminuir em importância quem não é a favor da cloroquina, a esquerda.

É, então, a partir desses acontecimentos, que começa a transição da cloroquina, passando de suposto dispositivo de controle da covid-19 a acontecimento discursivo. O que será visto com maior profundidade no capítulo seguinte.

7 CLOROQUINA, DE POSSÍVEL DISPOSITIVO A ACONTECIMENTO DISCURSIVO

7.1 DISPOSITIVO

Reiteramos o gesto de análise empreendido até este ponto que põe em questão a possibilidade de se tornar a cloroquina como um dispositivo de tratamento para a covid-19. Lembremos que em um primeiro momento, em março de 2020, tem-se uma discursivização em torno do discurso científico com a presença de enunciados favoráveis ao uso do medicamento endossado pelos discursos dos presidentes Trump e Bolsonaro. Nesse âmbito, pode-se dizer que o fármaco de fato alçou, ainda que por pouco tempo e de forma duvidosa, o status de dispositivo de controle da covid-19 com a função de tratar os pacientes que estivessem infectados e apresentassem os sintomas da doença. Para entender esse processo, retomemos o conceito foucaultiano de dispositivo, em que este funciona a partir da relação que se dá entre elementos heterogêneos que formam uma rede sustentada em uma necessidade histórica e que, por isso, envolvem o discursivo e o não discursivo (práticas).

Para exemplo, a seguir são listados episódios e situações (elementos heterogêneos) que dizem respeito à cloroquina: publicação de artigo científico no periódico *International Journal of Antimicrobial Agents* e *The Lancet* (enunciados científicos); decisões da OMS (instituição/ decisões regulamentares, medidas administrativas, como permissões para o desenvolvimento de pesquisas sobre a cloroquina); endosso da eficiência da cloroquina e publicização realizados pelo presidente Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro, implicando em práticas de políticas públicas na indicação da cloroquina como parte do protocolo de atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS⁶⁸), bem como a decisão regulamentada como medida administrativa em que o Exército brasileiro⁶⁹ passa a produzir o medicamento em seu laboratório químico. Por todas essas medidas e discursos mencionados, pode-se dizer que a cloroquina alça o status de dispositivo

⁶⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/ministerio-saude-apresenta-novo-protocolo-para-uso-cloroquina>. Acesso em: 27 de setembro de 2020.

⁶⁹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/governo-usara-laboratorio-do-exercito-para-produzir-cloroquina>. Acesso em: 27 set. de 2020.

de controle da covid-19, mas somente por um determinado tempo. Nessa relação estabelecida entre a cloroquina e um discurso científico favorável à própria cloroquina, como suposto dispositivo, é produzida uma verdade, a qual é aceita e seguida como orientação médica para tratamento da covid-19, atuando como resultado da ciência e, por isso, considerado verdadeiro. Assim, um novo regime discursivo é instaurado implicando essa nova prática.

No entanto, é a partir do mesmo mecanismo que primeiramente dá início à validação da cloroquina como dispositivo da ciência, que ocorre, então, o oposto, ou seja, com a publicação de um novo artigo científico na renomada Revista *The Lancet*, esse estatuto de dispositivo é posto em xeque, pois o novo artigo apresenta resultados desfavoráveis ao uso da substância no tratamento da doença pandêmica. De fato, tão impactante é o artigo, devido à extensão da pesquisa em termos geográficos, devido ao número de dados que apresentava e também por ter tido bastante repercussão midiática, que a Organização Mundial da Saúde orientou, então, que as pesquisas envolvendo a cloroquina fossem suspensas. A cloroquina, em um primeiro momento alçada a dispositivo de controle da covid-19 pela ciência, agora, pelas mesmas vias científicas, começava a perder esse status.

A partir da publicação do segundo artigo, emergem dois discursos distintos e antagônicos, um favorável à cloroquina para tratamento da covid-19 (mesmo sem o aval da ciência) e outro que se mostra desfavorável ao uso desse medicamento, justamente por seguir e validar as últimas informações científicas. Os discursos se dão em formações discursivas relacionadas a posicionamentos políticos de direita e de esquerda, pois já havia essa dualidade discursiva entre as duas vertentes políticas no país desde a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência.

No discurso político de direita, a cloroquina é considerada, então, dispositivo de tratamento e de controle da doença, ganhando esse status a partir da publicação do primeiro artigo científico. Mas, como se sabe, há a publicação do segundo artigo, que contradiz o resultado do primeiro. Ainda assim, o discurso de direita não inclui essa informação atualizada no seu dizer, e, dessa forma, continua presente a ideia de que a cloroquina é o dispositivo de controle da covid-19. Constata-se, assim, que a cloroquina não sofre abalo no seu papel de dispositivo de controle da pandemia na formação discursiva da qual o discurso de direita faz parte.

Em contrapartida, o que ocorre no discurso científico é que a própria ciência, que ora manifesta-se a favor e ora manifesta-se contra o uso da cloroquina para a covid-19, é reconhecida como dispositivo. Esse reconhecimento da ciência como dispositivo ocorre porque ela produz um resultado, uma resposta, a partir da qual é possível tomar medidas sociais necessárias para a resolução de uma determinada demanda. Essas medidas ocorrem no âmbito prático e no âmbito discursivo.

Constatamos, então, que há dois discursos em oposição: em um, observamos o apoio à cloroquina como dispositivo de cura para a covid-19, e, em outro, observamos a ciência funcionando como dispositivo. Podemos então nos perguntarmos de que forma ocorre essa diferença de perspectivas nessas duas formações discursivas.

O discurso científico é validado pelas instituições da sociedade que o consideram como lugar do verdadeiro, logo, é com base no discurso científico que se cumprem normas de saúde, por exemplo. É a ciência que exerce realmente o poder de dispositivo e que produz, devido ao seu status, efeitos de verdade de acordo com seus resultados. Para ser dispositivo, é necessário que haja produção e resultado efetivo, e, nesse caso, somente a ciência é capaz de produzir esse resultado a partir de seu funcionamento marcado por regras já explicadas anteriormente neste trabalho. O produto que a ciência propõe produz um efeito de verdade por estar no lugar do verdadeiro, capaz de extração da verdade, decorrente da vontade de verdade. De acordo com o funcionamento das regras científicas, produz-se uma verdade que rege os saberes médicos, por exemplo. Dessa forma, é possível compreender que a cloroquina não poderia sustentar o estatuto de dispositivo de controle da covid-19, simplesmente porque o dispositivo da ciência a desbanca desse lugar, pois é a ciência que no lugar de dizer a verdade alça poder de dispositivo, e não a cloroquina, como foi proposto no início deste trabalho.

Lembremos que, para Foucault (1998), os dispositivos funcionam como produtores de poder, promovendo todo um jogo de verdades a partir também de discursos e não apenas a partir de estruturas mais concretas, palpáveis, como a arquitetura, por exemplo. Ao considerar que o discurso pode ser também o próprio dispositivo de poder, este poderá provocar, além de outros discursos, atos de resistência, tanto discursivos quanto práticos.

Quando saíram os primeiros resultados científicos a favor do uso da cloroquina para o tratamento da covid-19, ainda que a Food and Drug Administration – FDA – instituição norte-americana responsável por aprovar ou reprovar as medicações e alimentos industrializados que circulam nos EUA, não tivesse aprovado o uso do fármaco para esse fim, o Presidente Trump havia deliberado seu uso assegurando que seria a cura para a pandemia⁷⁰. Em seguida, incentivado por essa fala, Bolsonaro fez o mesmo e promoveu o uso do medicamento aqui no país. Pode-se considerar que esses discursos funcionaram como dispositivos de poder.

Junto a essa defesa e promoção da cloroquina por parte de Trump e de Bolsonaro em um gesto de investimento que entendemos como uma tentativa de tornar a cloroquina um dispositivo de controle da covid-19, houve resistência por parte da ciência. Do discurso científico, surgiu o dizer de que eram necessários mais estudos para de fato comprovar a eficiência do medicamento contra a doença por coronavírus. Posteriormente, a ciência manifestou a comprovação da não eficiência da cloroquina no combate à pandemia, o que fez com que ocorresse uma mudança na prática e no discurso científico acerca do uso deste fármaco com o fim de tratar a covid-19. Por conseguinte, dado o alcance da divulgação da pandemia no mundo, esse novo discurso – a não eficácia da cloroquina para o tratamento da covid-19 – migra da esfera do discurso científico para ampliar-se com novas dimensões na esfera midiática, o que torna esse discurso muito mais abrangente junto a outros públicos.

O que se percebe é que, da relação de poder e resistência entre os discursos mencionados, promoveu-se a tentativa de fazer a cloroquina funcionar como dispositivo de cura da covid-19, ainda que sustentada apenas por discursos, sobretudo, do campo político e não por evidências científicas. Cabe pontuar que esses discursos proferidos por sujeitos cujas subjetividades alçam um estatuto de comando, portanto de prestígio, tanto por sua formação discursiva quanto pelo lugar social que ocupam como presidentes (dos Estados Unidos e do Brasil), fazem com que ocorra identificação por parte de quem também está filiado à mesma formação. Esses aspectos também buscam a disputa pela verdade como efeito a esse discurso.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53370870>. Acesso em: 23 nov. 2021.

A ciência é mobilizada por Bolsonaro e Trump apenas e exclusivamente quando lhes serve para autorizar os seus dizeres, ou seja, quando produzem efeito de verdade no que dizem, o que corrobora nossa visão de que a ciência é reconhecida como dispositivo de poder no que se refere a saber. O mesmo foi feito por Raoult Didier e Rodrigo Esper (envolvido no caso da empresa Prevent Sênior, como já citado anteriormente). Rodrigo, na tentativa de defender a cloroquina e justificá-la como tratamento para a covid-19, propôs, ao seu grupo médico de trabalho, a alteração das informações do estudo que a instituição desenvolveu na tentativa de se inscrever no discurso científico e ter validado seus resultados de pesquisa, nesse caso, favoráveis ao uso da cloroquina no combate à pandemia.

A ciência funciona como dispositivo de poder porque gera um saber inserido no lugar do verdadeiro que é utilizado na sociedade para decidir sobre a vida das pessoas. É a partir da ciência que são estabelecidos protocolos médicos relativos a enfermidades, pois a saúde das pessoas é tratada de acordo com o que afirma o discurso científico, exercendo um poder considerável na sociedade a partir de um saber sobre a vida. Os sujeitos que têm acesso a esse saber-poder, como cientistas, médicos, biólogos, dificilmente têm seus discursos questionados, pois são porta-vozes do que diz a ciência. Porém, na pandemia, ficou bastante evidente a atuação de médicos que não seguiam as atualizações científicas quanto à cloroquina e continuaram a receitá-la quando já havia vários estudos comprovando a sua ineficiência. Essas ocorrências revelaram um abuso de poder discursivo, pois o fato de não estarem acorde às atualizações científicas não os impediu de decidir por um discurso e práticas diferentes na orientação e prescrição médica a seus pacientes, considerando crenças pessoais e não evidências da ciência. Não por acaso diversas orientações médicas não comprovadas cientificamente vieram a público no que se referiu à gestão de políticas públicas relativas à pandemia em algumas regiões do país, como a indicação de tratamento com ozônio, proposto pelo prefeito de Itajaí⁷¹, bem como o tratamento com ivermectina, também proposto pelo mesmo prefeito⁷², implicando em investimento financeiro com dinheiro público em tratamentos não

⁷¹ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/tratamento-com-ozonio-contra-covid-19-em-itajai-ja-atendeu-mais-de-80>. Acesso em: 15 nov. 2021.

⁷² Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/com-distribuicao-de-ivermectina-itajai-tem-a-maior-letalidade-por-covid>. Acesso em: 15 nov. de 2021.

convencionais e tampouco cientificamente comprovados no combate à covid-19. A consequência desse tipo de decisão sem base científica, mas oriunda da prática de um poder político, é colocar toda uma população em risco em relação à covid-19, (pois sem comprovação científica não se pode afirmar a eficácia dos tratamentos propostos contra o vírus), e por iniciar tratamentos que não se tem informação sobre seus efeitos colaterais. Foucault (2009), sobre esse tema, afirma que “[...] a profissão médica não é criticada primariamente por ser um empreendimento lucrativo, porém, porque exerce um poder fora de controle sobre os corpos das pessoas, sua saúde, sua vida e morte.”.

Na tentativa de tornar a cloroquina um dispositivo de controle da covid-19, Trump e, em seguida, Bolsonaro utilizaram um discurso previamente planejado, pois tinham motivações para tal, como já explicitado anteriormente, em que o que tinham a dizer funcionaria como uma estratégia. Foucault (2013a) aborda essa faceta do discurso quando afirma que:

O discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível e polêmico e estratégico em outro. Essa análise do discurso como jogo estratégico e polêmico é, ao meu ver, um segundo eixo de pesquisa. (p. 19)

O discurso pode formar um dispositivo e um dispositivo pode formar um discurso, havendo nesse processo uma retroalimentação de poderes. O discurso de Bolsonaro e Trump, na tentativa de pregar a cloroquina como solução de tratamento para a covid-19, produziu-a como suposto dispositivo de controle da pandemia. Para que a cloroquina funcionasse como esse possível dispositivo, necessitou-se quem reproduzisse esse discurso e o tornasse prática efetiva de uso ao tomar ou ao indicar o medicamento. Poderíamos considerar compreensível, como aposta esperançosa em uma cura, o precoce posicionamento favorável à cloroquina, como possível tratamento efetivo contra a covid-19, de Trump e Bolsonaro quando os primeiros estudos científicos sinalizavam tal informação. Mas por serem sujeitos ocupantes de cargos de presidência em países importantes no cenário mundial, suas ações podem ser consideradas levianas ou, no mínimo, precipitadas. Contudo, persistir na defesa da cloroquina como dispositivo de controle da covid-19, quando estudos científicos com ampla divulgação midiática apontavam a sua ineficácia, já não poderia ser considerado apenas promoção de um tratamento com base em esperança, mas atitude contrastante ao discurso científico que é considerado

verdadeiro na nossa sociedade. Ainda assim, tão forte é o processo de filiação discursiva pela qual nos subjetivamos como sujeitos que o discurso político, no que se referiu à busca da cura de uma doença pandêmica, mesmo sendo contrário ao científico (que inclusive embasa a medicina) inscreve muitas pessoas.

Diante toda a discussão proposta, caberia a pergunta: de que forma o dispositivo pode produzir um discurso? De fato esse é o papel do dispositivo, produzir algo que tenha como função exercer um tipo de poder. Retomo, com a finalidade de exemplificar o papel do dispositivo, o caso citado por Foucault (no primeiro capítulo desta dissertação) sobre o procedimento que migrou da medicina neurológica para a psiquiatria, a fim de diagnosticar quais mulheres sofriam de histeria. Esse dispositivo é uma técnica oriunda de uma determinada área da medicina que migrou para outra área da medicina com a finalidade de servir na produção de um resultado a partir do qual se diagnosticaria determinada doença. Esse exemplo serve para percebermos que do resultado desse procedimento será produzido um diagnóstico manifestado em discurso e que dirá se a mulher apresenta ou não comportamento histérico. Fica então estabelecida uma determinada maneira de produção de discurso a partir de um dispositivo, nesse caso, a técnica de diagnóstico.

Na ciência, ocorre a mesma dinâmica, pois é a partir dos seus resultados que se origina um determinado discurso, nesse caso, um discurso científico. A cloroquina, no seu pretense funcionamento como dispositivo, também criou discursos e se reforçou neles. De fato, tão efetivo foi o que a cloroquina produziu no nível discursivo, que até mesmo médicos aderiram à ideia de que ela poderia tratar a covid-19, receitando-a por suas próprias convicções, guiando-se por sua subjetividade, ainda que a ciência estivesse mostrando o contrário.

O fenômeno cloroquina trouxe à tona uma reflexão sobre o saber médico. Esse saber e conseqüentemente seu discurso são considerados inquestionáveis já que estão pautados na ciência. Porém, para além desse saber, há ainda uma filiação do sujeito médico em mobilizar um saber que não está necessariamente filiado ao discurso científico. A questão em torno da cloroquina levantou dúvida sobre como saber se esse sujeito, médico, está filiado ou não ao discurso científico. Nessa dinâmica, o paciente ocupa um lugar de assujeitamento ao discurso da

medicina, não podendo posicionar-se contrariamente a esse dizer (de manutenção da saúde e, portanto, da vida) já que o discurso médico está ancorado no discurso científico. Não por acaso as notícias referentes a tratamentos alternativos para a covid-19, indicados por médicos, ganharam ampla repercussão midiática, pois mostraram exatamente esse questionamento sobre as bases de ancoragem do discurso científico.

A cloroquina, inicialmente postulada como dispositivo de cura para a covid-19, de acordo com o que foi relatado neste trabalho, acabou não sustentando esse status. Entretanto, na tentativa de simular a cloroquina como tratamento para a doença da pandemia, estudos foram alterados para que se chegasse a esse resultado. A exemplo, temos, como já citado, o caso de Raoult Didier, que apresentou estudo modificado com o intuito de fazer a cloroquina parecer eficiente para a pandemia, bem como o caso recente da empresa Prevent Sênior, aqui no Brasil, também já citado no capítulo anterior, em que, após denúncias de médicos da empresa, constatou-se alteração em estudo realizado pela empresa, que teria sido fraudado com a finalidade de comprovar que a cloroquina apresentou resultados positivos sobre os pacientes submetidos a esse tratamento. Ainda assim, mesmo com muitos discursos em circulação, sobre a defesa da cloroquina no tratamento da covid-19, ela não sustentou o status de dispositivo de controle do coronavírus.

Em seu lugar, a ciência foi retomada como dispositivo produtor de saber, de conhecimento, de verdade, legitimada pela sociedade, amparada por leis e provedora e guia de medidas de saúde. Em *Microfísica do poder*, lembremos que Foucault define como dispositivo um agrupamento heterogêneo que abarca discursos, organizações arquitetônicas, instituições, leis, decisões regulamentares, medidas administrativas, diretrizes morais e filosóficas, enunciados científicos, sendo o dispositivo a rede que se estabelece entre esses componentes. Esse agrupamento de elementos é o que ocorre na ciência. Com base nesse conceito foucaultiano de dispositivo, entre a cloroquina e a ciência, entendo que a cloroquina não cumpre com essa descrição feita pelo filósofo, mas a ciência sim.

Courtine (2013) afirma que um determinado estrato histórico equivale a um ou inúmeros regimes de visibilidade, ou seja, uma orientação dirá como será percebida a realidade ou que perspectiva se terá sobre esta. Em realidade, o autor está

tratando sobre formação discursiva e dispositivo e nos diz que tanto o primeiro quanto o segundo são formados por uma heterogeneidade e complexidade histórica que não é composta somente por palavras, mas também por coisas, práticas ou imagens, assim como o olhar que as capta. Esse olhar nos faz voltar ao estrato histórico que vai nos dizer de que forma devemos ver aquela realidade, a partir de qual perspectiva. Um dispositivo apresentará sempre a função de produzir algo, seja comportamento, discurso, medidas sociais, médicas, em qualquer âmbito da vida do ser humano. É como uma forma de regular, controlar o que se quer, ou melhor, o que pensamos ser necessário. De acordo com o estrato histórico em que estivermos situados, teremos a produção de certos dispositivos e não de outros. Esses dispositivos são mecanismos a partir dos quais se compreenderá a realidade. A partir da perspectiva em que estivermos mirando, serão criados determinados dispositivos que farão com que enxerguemos a realidade sob a ótica que o dispositivo produz. Assim é o funcionamento da ciência. Ela opera como um dispositivo, que, por sua vez, produz um saber que está no lugar do verdadeiro (legitimado assim pela sociedade) em que instituições o tomam como base para seu funcionamento, instituições que decidem sobre questões de vida e de morte, de tratamentos de saúde (não só de seres humanos, mas de todo e qualquer ser vivo); instituições de mercado financeiro; instituições administrativas públicas ou privadas; até mesmo o sistema jurídico que tem seu funcionamento no julgamento de alguém a partir da consideração de variados discursos, como o laudo médico, biológico, legista, de análise linguística⁷³, psicológico, pedagógico, entre outros.

Mesmo com a formação discursiva bolsonarista bastante disseminada e fortalecida pela massa que o segue e compartilha desses mesmos discursos, ainda assim, a ciência é dispositivo forte que norteia o funcionamento de instituições, inclusive as privadas, como plataformas de internet, a exemplo *Youtube*, *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. Elas se posicionam contra falsas notícias que vão na contramão do que diz a ciência em relação à pandemia. Um exemplo foi o banimento de publicações do ex-presidente Trump e do presidente Bolsonaro quando postaram falsas notícias sobre o coronavírus. É também porque esses discursos são combatidos que se constata a força do dispositivo da ciência que rege o saber, acolhido e validado pelas instituições do mundo como verdadeiro. E todo

⁷³ Em referência à linguística forense.

esse processo de filiação discursiva, nesse caso, a favor ou contra as evidências científicas, nos leva a refletir de que forma isso afeta ou constitui a subjetividade do sujeito.

De acordo com Foucault, o discurso pode promover e definir a subjetividade do sujeito, portanto, não seria diferente no que se refere ao efeito que produz o discurso da ciência nos sujeitos que estão incumbidos da produção desse saber, nos cientistas, ou nos seus defensores, bem como naqueles que não são filiados ao discurso científico. Estar a favor de um ou contra um discurso científico são dois posicionamentos que sugerem duas subjetividades distintas do sujeito. O efeito da subjetividade que se impõe de acordo com os discursos ao qual se está ou não filiado definirá o sujeito.

Foucault propõe mais definições para essa palavra, em realidade, mais duas. O autor afirma que o vocábulo “sujeito” significa estar sujeito (subjugado) ao outro, assim como também pode significar estar ligado a sua própria identidade através de uma consciência ou, então, do próprio autoconhecimento. Nos dois casos há uma forma de poder que subjuga e sujeita: no primeiro exemplo, subjuga à outra pessoa e, no segundo, a si mesmo. Para Foucault, seu trabalho de pesquisa de toda a sua vida tinha o objetivo de verificar e contar de que maneira, por diferentes modos em nossa cultura, foi possível o ser humano tornar-se sujeito. Dessa forma, elencou três maneiras desse processo acontecer. A primeira seria por meio dos modos de investigação na objetivação, identificação desse sujeito, seja na gramática, nas teorias sobre economia e riquezas, ou mesmo pelo simples fato de existir, de estar vivo (referência ao campo da Biologia). Outra forma de constituição do sujeito é o que Foucault chamou de “práticas divisoras”, em que há uma categorização de sujeitos de forma binária: de um lado, são postos os sãos e, de outro lado, os loucos, de um lado, estão os bandidos e, de outro lado, os inocentes, de um lado, ficam os enfermos, de outro lado, os sadios. A terceira forma é quando o sujeito se constitui sujeito por ele mesmo.

Desses três processos elencados por Foucault, reconhecemos no discurso bolsonarista (e de direita em geral) a estratégia discursiva de prática divisória, seja pensada de forma consciente ou não. Pode-se identificá-la na subjetividade do sujeito que divide as pessoas em “cidadão de bem” e “bandido”. Essa dicotomia é

bastante conhecida e clássica na formação discursiva mencionada em que separa as pessoas em duas categorias, de acordo com sua experiência na base do que a lei considera criminalidade. Quando a pessoa é considerada “bandido”, condena-se esse sujeito a um estereótipo que lhe retira a chance de possível recuperação e posterior reintegração social, como se não pudesse mais deixar esse status que lhe foi imposto. Quem aponta e acusa determinados sujeitos de “bandido” vai considerar-se pertencente à categoria de “cidadão de bem”, uma vez que o binarismo só permite ser um ou outro; o “eu” vai “naturalmente” pertencer à categoria do bem, o “outro” será o bandido, o mau.

Porém, o termo “cidadão de bem” passou a ser questionado quando muitas pessoas, geralmente homens brancos e heterossexuais, foram acusadas de crimes como violência doméstica, feminicídio, roubo e outros delitos. Esses homens mantinham em suas redes sociais uma imagem de cidadão bondoso em um perfil que geralmente sustentavam discursos patriotas, a favor do armamento da população, contra a corrupção, contra o aborto, contra os movimentos antirracistas, contra a emancipação da mulher, contra os movimentos LBTSQIA+ e outras agendas relativas a minorias sociais. O fato de esses criminosos terem sustentado uma imagem nas redes sociais em que discursivamente se consideravam “cidadãos de bem” fez com que o termo ganhasse relatividade, gerando um efeito de sentido que não condizia ao termo “de bem”, o que fez com que a recepção da expressão produzisse um efeito contrário, negativo.

Todo o dizer bolsonarista, que caracteristicamente remete a uma formação discursiva específica, já mencionada neste trabalho, marca um tipo de subjetividade facilmente identificável por quem não está filiado a ela, pois quem sim está filiado a essa formação discursiva não denomina seu discurso como bolsonarista. A título de exemplo, relembramos o que foi dito dias atrás por ele, em uma *live*, sobre a vacina contra a covid-19 estar ligada a novos casos de AIDS (SIDA – Síndrome da imunodeficiência adquirida), mesmo sem prova alguma ou perspectiva científica para dar conta do que estava afirmando. O fato foi noticiado pela mídia brasileira como uma falsa informação, inclusive leviana e absurda⁷⁴. Outra medida tomada foi

⁷⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fala-de-bolsonaro-relacionando-aids-e-vacinas-e-absurda-diz-barroso/>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

a do próprio site que veiculou o vídeo, o *Youtube*, que o retirou do ar como manifestação de repúdio ao que foi informado, pois tirar de veiculação o vídeo do presidente da República é um ato de resistência significativa ao que foi dito. Constata-se que diante da realidade em que o mundo se encontrou ao deparar-se com a pandemia, frente a todo conhecimento científico produzido até então sobre o coronavírus, seus meios de contaminação e prevenção com a vacina, além das medidas de isolamento social, há certos dizeres que são impedidos, considerados inapropriados, principalmente quando ditos por figuras públicas com função tão relevante para o país, como o presidente da República. Mostram-se, assim, formas de resistência a esses discursos.

Não só Bolsonaro, mas Trump também se manifestou em redes sociais e teve suas publicações banidas das plataformas virtuais.⁷⁵ Essas plataformas são regidas por regras discursivas que definem o que pode e o que não pode ser dito. Os dizeres que não estão sob as regras do dizível podem ser banidos dessas instâncias enunciativas, principalmente quando proferidos por presidentes de nações importantes, como Brasil e Estados Unidos, já que a repercussão e o impacto dos seus discursos têm efeitos expressivos e em grande escala, como ocorreu com os dois presidentes.

O apagamento do registro escrito ou desativação de contas de usuários que publicam algo que não esteja de acordo com as normas discursivas seguidas por essas plataformas, independentemente de quem seja o usuário (ainda que nesse caso ocorra esse banimento justamente porque os usuários são chefes de Estado), são exemplo de resistência a certos tipos de discursos, já que as plataformas têm como função proporcionar espaço para diversos tipos de dizeres.

A decisão de apagamento de registros e bloqueios de contas dos presidentes Jair Bolsonaro e Trump pode ser lida como uma interdição dos seus discursos, de acordo com a teoria foucaultiana de que o discurso segue uma ordem, no que se refere ao direito privilegiado ou exclusivo de quem fala. Ou seja, ainda que sejam sujeitos com posições extremamente importantes, não lhes é dado o direito de falar

⁷⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/01/08/banido-do-twitter-trump-usa-conta-presidencial-e-posts-sao-apagados.htm>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.

qualquer coisa que não corresponda com os discursos possíveis de serem ditos socialmente. A posição que ocupam e a função que têm não lhes garante um direito privilegiado de fala que contrarie o dizer da ciência. A atitude das plataformas digitais reforça a prática, a validação e a atualidade dessa interdição do discurso, pois não permite um dizer científico que esteja fora do discurso da ciência.

O que se acabou de citar quanto ao manejo das plataformas digitais é um exemplo de como o poder opera nas redes sociais, conceito, aliás, fundamental neste trabalho, pois explica alguns mecanismos de funcionamento da sociedade. Para adentrar um pouco mais na importância desse conceito, retomemos a forma que Foucault (2009) problematiza o poder para discutir seu manejo. Para isso, ele pergunta: o que legitima o poder? Também propõe um modo de pensar o poder de acordo com o funcionamento institucional, ou seja, o que é o Estado? Para responder a essas perguntas, vai nos dizer que o poder é a possibilidade de exercer ações sobre outras pessoas, com a condição de que haja liberdade, possibilidade de escolha em cumprir ou não o que se solicita.

O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isto sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer.

Para que haja o que Foucault chama de poder deve haver a possibilidade de resistência, que, por sua vez, vai funcionar como um detector de relações de poder, revelando seus pontos de aplicação e métodos empregados. E exemplifica muito bem com o seguinte: “[...] para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade. E o que se compreende por legalidade no campo da ilegalidade.” (FOUCAULT, 2009, p. 5). Todo esse mecanismo descrito anteriormente sobre as publicações em redes sociais de sujeitos com funções importantes na vida de milhares de pessoas, como presidentes de Estados, retratam esse jogo de poder e resistência explicado por Foucault.

7.2 ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Com o desenvolvimento deste trabalho até aqui, buscamos mobilizar a análise a fim de mostrar como a cloroquina vai perdendo seu status inicial de

dispositivo de controle da covid-19 e passa a ser compreendida como acontecimento discursivo, de acordo com a teoria foucaultiana. Dessa forma, torna-se imprescindível retomar esse conceito para entender melhor de que maneira ocorre esse processo de transformação.

Em *A arqueologia do saber*, Foucault cita o termo acontecimento discursivo, mais especificamente no capítulo *O original e o regular*, referindo-se àquilo que é dito por primeira vez, ou seja, um enunciado que é reconhecido por primeira vez em determinado campo discursivo.

Podem-se, pois, distinguir duas categorias de formulações: aquelas valorizadas e relativamente pouco numerosas, que aparecem pela primeira vez, que não têm antecedentes semelhantes, que vão eventualmente servir de modelo às outras e que, nesse caso, merecem passar por criações. (FOUCAULT, 2008, p. 164)

Consoante ao que é dito no trecho acima, entre outras questões, é problematizada, neste capítulo, a divisão em dois grupos de formulações, duas categorias distintas no campo das ideias: uma apresenta o grupo que relata as novidades, as irrupções no campo das ideias, e a outra categoria lida com a inércia da história, a “[...] sedimentação silenciosa das coisas ditas [...]” (FOUCAULT, 2008, p.164), pois trata do que é do cotidiano, do que é considerado banal, que pode ser derivado do que já foi dito, que não apresenta autor ou seu período enunciativo, como descrito por Foucault. Nesse sentido, a cloroquina, enunciado que já pertencia ao campo discursivo da medicina, utilizada para tratar pessoas infectadas com a malária, ao ganhar um novo sentido, instaura grande polarização dos dizeres (a favor e contra seu uso), inaugura nesse momento um outro efeito de sentido – dentro de outro plano semântico – e, além disso, cria uma memória nesse outro plano; o do discurso político. Retomando o conceito de acontecimento discursivo proposto por Foucault e já citado no primeiro capítulo deste trabalho, entender esse conceito perpassa por entender a função de um discurso, seu papel, a qualificação daquele que o profere, ou seja, a qualificação do sujeito que o está dizendo, bem como compreender a quais objetos ele se dirige e a partir de então quais tipos de enunciados são realizados.

O enunciado cloroquina responde a todas essas definições empreendidas para a emergência do acontecimento discursivo: dentro do seu período enunciativo,

com o efeito de sentido político que adquiriu é enunciada pela primeira vez na história; apresenta uma regularidade discursiva, pois atrelado ao seu novo sentido carrega outras regularidades discursivas, que fazem parte de formações discursivas já estabelecidas, ou seja, apresenta condições de irrupção que atende e ampara sua ocorrência; e se dispersa em diferentes lugares discursivos de funcionamento social, como posicionamento político, discurso midiático, diretrizes e orientações oficiais de saúde devido à pandemia inscrita na história.

Com a dispersão que ocorre no meio social como consequência do acontecimento discursivo do enunciado cloroquina, o discurso científico invade outros espaços discursivos como o da mídia e o das redes sociais, neste último, ocupando um lugar de senso comum, pois a possibilidade de manifestação em uma rede social é livre tanto para indivíduos quanto para instituições. Atualmente, com a popularização e o acesso da massa às redes sociais, é possível ter acesso à materialização dos discursos de uma população virtual de uma cidade, de um estado, de um país ou do mundo inteiro. Forma-se todo um arcabouço para analisar o que Foucault chama de logofilia, aquilo que faz parte de determinada formação discursiva, e logofobia, aquilo que não faz parte. Nesse sentido, cabe a pergunta: quais discursos constituem a logofobia e a logofilia da mídia e das massas, das instituições, seus pronunciamentos e pareceres referentes à cloroquina?

Foucault (2013a) apresenta uma síntese de como faz a análise discursiva de forma bastante interessante, o que pode nos auxiliar na perspectiva de como analisar o processo do enunciado cloroquina como acontecimento discursivo. O autor, como costuma expressar-se, inicia dizendo aquilo que ele não faz em uma análise discursiva, afirmando que não escreve a história do espírito contando sua sucessão ou como se desenvolve, também não questiona sobre o que querem dizer os discursos de forma silenciosa, mas sim sobre o que os faz aparecerem e quais as condições para tal. Também não está para fixar-se nos conteúdos que podem encobrir, mas sim põe atenção nas transformações que esses discursos são capazes de propor. Tampouco sobre o sentido permanente que podem apresentar, mas sim está atento ao campo em que coexistem, permanecem e desaparecem. O texto apresenta ainda o seguinte trecho:

Trata-se de uma análise dos discursos na dimensão de sua exterioridade. Daí, três consequências: tratar o discurso passado não como um tema para um comentário, mas como um monumento a descrever em sua disposição própria; procurar no discurso não como nos métodos estruturais, suas leis de construção, mas suas condições de existência; relacionar o discurso não ao pensamento, ao espírito ou ao sujeito que possamos fazer surgir, mas ao campo prático no qual se desenrola. (FOUCAULT, 2013a, p.11)

A cloroquina como dispositivo de combate à covid-19 surge em um cenário discursivo propício para esse fim. O cenário mencionado é característico pela proliferação do que se considerou serem falsos discursos (*fake news*) e que ficaram bastante conhecidos ao serem utilizados pela campanha política de Trump, para presidência dos EUA e, posteriormente, pela campanha política de Bolsonaro para a presidência do Brasil. Trump e Bolsonaro utilizaram então a cloroquina como promessa de cura da covid-19 motivados por interesses financeiros, como já citado neste trabalho.

Essa utilização da cloroquina pelos dois dirigentes de república fez com que ela ganhasse um efeito de sentido político, pois, de acordo com a ciência, esse medicamento não seria uma alternativa para o tratamento da doença pandêmica.

Com dois posicionamentos contrários em relação à cloroquina, sustentados pela política de direita e pela ciência, reforça-se uma polarização previamente existente entre uma política de direita e uma política de esquerda no país. A cloroquina torna-se então um símbolo dessa oposição já tão marcada. Não à toa a própria frase de Bolsonaro, já referenciada neste trabalho, “Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma tubaína” evidencia essa dicotomia. O que escapa do controle desse debate é o efeito de sentido de ciência como um discurso de esquerda. Dito de outro modo, a ciência, que por princípio estaria alçada ao discurso da objetividade, não caberia ser apontada como filiada a essa ou aquela posição política, contudo não é o que acontece e a história do discurso científico já constatou isso em outros momentos, como no caso Lyssenko que, apoiado por Stalin, rejeitou a genética mendeliana em favor de suas ideias pseudocientíficas na defesa do que chamou “herança branda”. Ao analisar esse acontecimento, Foucault (2019, p. 35) aponta que “[...] Mendel dizia a verdade, mas não estava no “verdadeiro” do discurso biológico de sua época [...]”. Digno de nota é apontar a descontinuidade no funcionamento do discurso científico que naquele momento faz

com que um dizer da ciência (Mendel) não se sobreponha a um outro dizer (Lyssenko) também proposto como científico (só que não) pelo fato de não estar ao lado do detentor do poder do discurso político. Comparado o caso Mendel ao da Cloroquina, nota-se aí uma regularidade no discurso científico como aquele que diz a verdade, porém uma mudança no estatuto do lugar do verdadeiro; a verdade no cenário atual do discurso científico não coaduna com o que professa o discurso político, mas com o que no interior do próprio discurso científico pode ser comprovado como verdadeiro.

É interessante marcar o campo no qual se desempenha o enunciado cloroquina como possível dispositivo de controle da covid-19 (insistência que não apresentou pausa por parte de Bolsonaro, ainda defensor do consumo desse medicamento para combater o coronavírus) que foi o campo da política. Isso nos demonstra a possibilidade existente de fazer com que emirjam discursos que podem ser moldados, em um primeiro momento, apenas por interesses de uma pessoa ou de um pequeno grupo de pessoas, sem considerar uma demanda real, factual, relacionada à saúde da população em casos de vida ou morte.

Nesse contexto, houve uma apropriação do enunciado cloroquina por parte de pessoas que não estavam qualificadas para isso, por não estarem filiadas a uma formação discursiva científica em consonância com as regras sociais da ciência e da medicina. Sujeitos constituídos por uma outra subjetividade se apropriaram de um discurso que não lhes cabia, pois não apresentavam qualificação para tal, e o utilizaram na tentativa de benefício próprio.

A cloroquina como acontecimento discursivo teve seu lugar e seu papel bem definidos por pessoas não de qualificação médica, mas política, que tinham o poder de, naquele momento, tomar providências sanitárias para contenção da pandemia, e talvez por isso e por todos os motivos de caráter fascista que liga o governo a um símbolo paternalista de cuidador, é que se creditou verdade nesse discurso, nesse enunciado de a cloroquina ser cura ou, ao menos, tratamento para a covid-19.

Para que a cloroquina funcionasse como um acontecimento discursivo, era necessário que houvesse um cenário de discurso que a localizasse em uma posição política bem determinada. Outros discursos funcionaram e funcionam como

acontecimento discursivo no mesmo cenário utilizado pela cloroquina. A exemplo, temos os termos “comunista” e “socialista” indicando, assim que pronunciados, a posição política de quem o diz. Se uma pessoa utilizar esses termos na tentativa de ofender alguém chamando-o de comunista ou de socialista, é porque essa pessoa está filiada a uma formação discursiva que faz parte de um posicionamento político de direita na atualidade brasileira. O mesmo ocorre com o enunciado “gado”, que tomou um efeito de sentido que se refere a quem defende e apoia Bolsonaro. Essas pessoas são chamadas de gado por quem se declara contra a política presidencial e suas propostas, pois a conotação de ser gado se refere a pensar como a massa, sem raciocinar de forma individual, comportando-se conforme o rebanho. Fernandes (2022, no prelo) é autor de um artigo em que discorre sobre o fenômeno de utilização desse termo em referência ao eleitorado de Bolsonaro, e que aqui se faz pertinente a introdução de um excerto que elucida o uso do referido vocábulo na identificação dessas pessoas:

[...] substantivo “gado”: um enunciado empregado sob determinações políticas e sociais da história do presente, no Brasil, como forma de qualificar a conduta de determinado grupo de sujeitos, os apoiadores de Bolsonaro [...] O gado é identificado pelo corpo e pela quantidade reunida, não basta um corpo unitário para tal qualificação, é preciso reunir significativo número da mesma espécie [...] Formam um conjunto de fiéis em relação ao pastor e, com acomodada sujeição, atendem a seu chamado. Ordenados pelo pastor, eles aglomeram; ou melhor [...] eles amontoam [...] é um “gado marcado”, é propriedade de alguém.”

O autor, no trecho mencionado, explica a relação existente entre a palavra gado e o os eleitores de Bolsonaro, e o porquê da sua utilização para que esses eleitores fossem assim chamados. De acordo com a elucidação de Fernandes, o eleitorado de Jair Bolsonaro é pastorado por ele, e, como rebanho, por segui-lo, defendeu a cloroquina como tratamento para a covid-19, mesmo estando em desacordo com as evidências científicas. A partir desse posicionamento de Bolsonaro e seus eleitores, apoiar o uso da cloroquina para o tratamento da covid-19 se tornou um posicionamento também político, da mesma forma que não apoiar o uso da cloroquina em caso de covid-19, evidenciou um posicionamento político contrário.

Esperava-se que a ciência fosse considerada pela sociedade a principal fonte norteadora de uso da cloroquina no tratamento (ou não tratamento) da covid-19. Porém, a presidência do Brasil e parte da própria medicina (muitos médicos e

instituições de saúde) não seguiram as orientações científicas e agiram de acordo com as suas próprias crenças e interesses. Então, para além dos limites da ciência, a cloroquina toma um efeito de sentido que se associa a uma formação discursiva que não preza por princípios como o bem-estar do ser humano, que não preza pela dignidade humana, que não preza pela garantia da saúde para todos, que não preza pela vida da sua própria população (com base científica); sendo motivada por interesses individuais ou de pequenos grupos relacionados a dinheiro, a lucro e a poder político. A seguir estão alguns exemplos de materialidade discursiva que demonstram o que se acaba de afirmar. Durante a pandemia, Bolsonaro fez profere falas, expostas aqui de forma cronológica, que foram realizadas em pronunciamentos e entrevistas. Esses dizeres retratam o posicionamento de uma política considerada de direita.

Logo que surgiram as primeiras notícias sobre a pandemia, houve, por parte do presidente da República, negação da gravidade da doença e seu fenômeno de alta contaminação. No dia 26 de janeiro, ele disse: “Estamos preocupados, obviamente, mas não é uma situação alarmante.”⁷⁶. Um mês depois, em 26 de fevereiro foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil, em São Paulo, e, no dia seis de março, Bolsonaro disse: “Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico.”.

Passados alguns dias, em dez de março foi dito: “Obviamente, temos no momento uma crise, uma pequena crise. No meu entender muito mais fantasia a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo.”. Ainda em março, no dia 17, é registrada a primeira morte por covid-19 em São Paulo, sendo que no dia 24 do mesmo mês, já haviam sido registradas 47 mortes, e, nessa ocasião, Bolsonaro afirmou em pronunciamento nacional transmitido pela televisão aberta: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho.”.

⁷⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/frases-bolsonaro-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 16 de nov. de 2021. As falas a seguir mencionadas foram retiradas desta reportagem.

Quando chegou ao número de 59 mortes vítimas do novo vírus, Bolsonaro afirmou: “Outros vírus mataram muito mais do que esse. Não teve essa comoção toda.”. No dia seguinte, com o registro de 77 mortes devido ao coronavírus, no dia 26 de março, Bolsonaro diz o seguinte, ao ser perguntado se o Brasil chegaria à situação dos EUA: “Eu acho que não vai chegar a esse ponto. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele.”. Somente quando o número de mortes chega a 139 mortes, no dia 29 de março, o presidente diz: “Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia.”.

No último dia do mês de março, 31, já com 202 mortes registradas, Bolsonaro afirma: “Minha preocupação sempre foi salvar vidas, tanto as que perderemos pela pandemia, quanto aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome.”. No início do mês de abril, no dia dois, sob o registro de 327 mortes, o presidente do Brasil afirmou: “Desconheço qualquer hospital que esteja lotado.”. Quanto a esta fala, recorreremos a uma matéria publicada no site do G1⁷⁷, que será apresentada aqui para exemplificar e demonstrar o tipo de discurso que está presente.

Nesse contexto em que Bolsonaro fez essa fala, estados estavam agilizando a construção de hospitais de campanha na preparação de atendimento para os casos de covid-19, no intuito de adiantar essa recepção médica, caso fosse necessário, com base no que vinha acontecendo em outros países em que a pandemia havia começado antes (pois a estimativa do próprio Ministério da Saúde era de que haveria um aumento de casos no Brasil entre abril e junho de 2020). Bolsonaro afirma: “Desconheço qualquer hospital que esteja lotado. Desconheço. Muito pelo contrário, tem hospital no Rio de Janeiro, o tal de Gazola, se eu não me engano, tem 200 leitos e tem 12 ocupados. Não é isso tudo o que estão pintando.”, e também disse: “Aqui no Brasil a temperatura é diferente. Me parece que houve competição entre alguns [referindo-se a governadores] de quem toma mais medidas

⁷⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/02/desconheco-qualquer-hospital-que-esteja-lotado-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

para dizer que está protegendo a tua vida.". Na mesma entrevista Bolsonaro declarou ser brincadeira alguém dizer que está com medo de contrair o coronavírus, respondendo o seguinte: "Tá com medinho de pegar vírus? Tá de brincadeira. O vírus é uma coisa que 60% vai ter ou 70%. Não vai fugir disso. A tentativa é de atrasar a infecção para hospitais poderem atender.". Ele foi capaz de minimizar as consequências do vírus em um contexto no qual segundo o próprio Ministério da Saúde, naquele momento, constava o registro de 299 mortes naquele dia, dois de abril de 2020, sem contar os 7.910 casos confirmados. No mundo o número de contaminados para essa data havia ultrapassado um milhão de casos confirmados, sendo que o total de mortos, no mundo, havia ultrapassado os 50 mil.

Dando seguimento à análise de falas de Bolsonaro que tiveram destaque durante a pandemia, relembremos que no dia 20 de abril, à pergunta feita pelo jornalista sobre o que tinha a dizer sobre o número de mortes, que naquele momento era de 2.575, responde: "não sou coveiro, tá?". Em dez de abril, com 1074 mortes registradas, é dito: "Eu tenho o direito constitucional de ir e vir. Ninguém vai tolher minha liberdade de ir e vir. Ninguém.". Essa fala de Bolsonaro foi proferida quando questionado sobre o passeio que estava dando por Brasília, em que provocou aglomerações e manteve contato muito de perto com os seus eleitores, chegando a ter contato físico com eles. Atitude totalmente contrária às recomendações do próprio Ministério da Saúde que indicava distanciamento social e o uso de máscara. É de conhecimento público e comum que no nosso país, um dos artigos da Constituição brasileira é a garantia do direito de ir e vir, tão utilizado como argumento por aqueles que não querem respeitar e se adequar às orientações quanto à realização de confinamento, uso de máscaras e de distanciamento social, como o próprio presidente da República. Ao mesmo tempo em que o direito de ir e vir é um artigo da Constituição brasileira, o bem comum também tem que estar de acordo com os princípios democráticos, já que vivemos sob um regime de democracia. O dizer de Bolsonaro, sobre a soberania do seu direito de ir e vir sobrepondo-se ao bem comum, não ter cautela em suas andanças públicas, revela a sobreposição da individualidade ante qualquer outro valor, mesmo que a consequência seja o risco de prejudicar os demais, o coletivo. Esse comportamento, vindo de um sujeito que preside o país, evidencia à qual formação discursiva ele está filiado, como já explicitado e detalhado nesta dissertação.

Quando o Brasil ultrapassa, em número de mortes, a China, país de origem do vírus, com 5.083 vítimas fatais, Bolsonaro, ao ser questionado sobre o fato, no dia 28 de abril, responde: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.”. No mês seguinte, em maio, dia 14, sob o registro de 13.999 mortes, Bolsonaro disse: “Está morrendo gente? Tá! Lamento? Lamento! Mas vai morrer muito, muito, mas muito mais se a economia continuar sendo destruída por essas medidas.”. Em junho, é registrado no Brasil o número de 31.309 mortes. Bolsonaro afirma: “Lamento todos os mortos, mas é o destino de todo mundo.”. Nesse dizer está presente o discurso de quem considera que essas mortes não poderiam ter sido evitadas com as medidas de saúde orientadas pela Organização Mundial da Saúde e pelo próprio Ministério da Saúde do seu governo.

Outra fala de Bolsonaro, dias depois, foi esta: “Ou a OMS trabalha sem o viés ideológico, ou nós vamos estar fora também. Não precisamos de gente de fora dar palpite na saúde aqui dentro.”.⁷⁸ Aqui Jair Bolsonaro estava se referindo, ao mencionar “viés ideológico”, a uma perspectiva diferente da dele com relação a como proceder com cuidados de prevenção ao coronavírus. Refere-se à Organização Mundial da Saúde como gente de fora dando palpite, inferindo que a OMS quisesse ou tivesse algum interesse em interferir no modo de governar justamente de Bolsonaro. Faz então uma ameaça, afirmando que estaremos fora do plano de contingência do vírus com as medidas sugeridas pela OMS. Atribui as medidas de proteção como o distanciamento social e uso de máscara a viés ideológico, reduzindo essas informações a opiniões, como se não fossem orientações dadas com base em evidência científica. Uma vez mais essa característica presente no discurso bolsonarista, a exclusão do discurso da ciência e a redução de posicionamentos a posições políticas, ideológicas, de ideias etc.

Pazzuelo, ministro da saúde que permaneceu por mais tempo no cargo no período da pandemia (de 16 de maio de 2020 a 14 de março de 2021), teve algumas de suas falas noticiadas pela mídia, e que fazem parte da mesma formação discursiva de Bolsonaro, seguindo uma mesma linha discursiva. Na mídia, como introdução da reportagem sobre algumas declarações de Pazzuelo, foi mencionado

⁷⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/30/veja-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

que foram falas polêmicas, que terminaram por colocar sua credibilidade em xeque. A seguir estão relatados alguns exemplos.

No dia 22 de outubro, ao falar sobre o cancelamento realizado por Bolsonaro do protocolo para a compra de 46 milhões de doses da vacina CoronaVac, disse: “Senhores, é simples assim: um manda e o outro obedece. Mas a gente tem um carinho, entendeu? Dá para desenrolar, dá para desenrolar.”, referindo-se a sua relação de subordinação em relação ao presidente da República. Nessa fala, deixa claro que ele como ministro da saúde tem suas decisões limitadas pelo presidente, podendo ser interpretado que ele teria uma decisão diferente da orientação dada pelo presidente. Em referência ao recebimento das vacinas por parte dos estados, declarou, no dia 11 de janeiro de 2021, que todos os estados receberiam simultaneamente as vacinas, mas afirmou: “A vacina vai começar no dia D, na hora H no Brasil.”. Ele fez uso de uma estratégia retórica para, não mencionar quando começaria a campanha vacinal efetivamente, e o fato de não dar essa informação foi considerado um ato de descaso com o processo vacinal.

O ministro minimizou a crise causada pela pandemia no dia 11 de março deste ano, ao dizer: “O nosso sistema de saúde está muito impactado, mas não colapsou, nem vai colapsar.”. Nesse dia, o Brasil havia registrado 2.349 mortes devido à covid-19, o maior número registrado em 24 horas desde o início da pandemia. Essa fala é coerente com o posicionamento discursivo de Bolsonaro durante a pandemia.

Em uma fala a favor do Sistema Único de Saúde – SUS – Pazzuelo defendeu o programa de imunização do Brasil, inclusive informando que o país é o maior fabricante de vacinas da América Latina. Nesse pronunciamento feito em dezembro do ano passado, comentou sobre as vacinas contra a covid-19: “Para que essa ansiedade, essa angústia?” referindo-se à pressa manifestada pela população em tomar a vacina que protegeria contra a pandemia. Já na data do lançamento do Plano Nacional de Imunização, no dia 16 de dezembro, Pazzuelo afirmou, indo na mesma linha da última fala por ele aqui mencionada: “O mais importante de hoje aqui não é apresentar o plano [referindo-se ao plano de imunização]. O mais

importante de hoje aqui é nós demonstramos que todos nós estamos juntos.”⁷⁹. Essas falas revelam uma série de dizeres considerados pouco técnicos ou práticos em relação às decisões que o Ministério da Saúde deveria realizar prestando contas à população de cada passo do processo e da campanha de vacinação como medida de saúde para os cidadãos brasileiros, cumprindo com sua função. Cabe notar tal prática discursiva e não discursiva (pertencente à mesma formação de discurso à qual está filiado o presidente Bolsonaro), caracterizadas pela falta de atitudes coerentes com a demanda que os efeitos de uma pandemia provocaram na população com a qual ele tinha a responsabilidade de propor, resolver e liderar soluções.

A materialidade apresentada aqui confirma a forma como a cloroquina passou de tentativa de dispositivo de controle da covid-19 a acontecimento discursivo, pois foi empregada em uma formação discursiva que excluiu o discurso da ciência quando utilizada e defendida por pessoas em posições de poder que tinham interesses não relacionados ao bem estar da população, mas que sim visavam conveniência pessoal. Assim, entendemos que a cloroquina não tendo operado como dispositivo, acabou alçando à categoria de acontecimento discursivo. Já não é possível defender ou criticar o uso da cloroquina no tratamento da covid-19 sem a revelação de se estar em um lado político, de esquerda ou de direita, respectivamente.

⁷⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/15/um-manda-o-outro-obedece-ja-disse-pazuello-sobre-bolsonaro-veja-frases-polemicas-do-ex-ministro.ghtml>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, T. Ilusão, convicção e mentira. Linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, Luzmara., SARGENTINI, Vanice., PIOVEZANI, Carlos.,(Org.) **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial. 2021.
- ADORNO, T. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista (1951). Revista **Margem esquerda**. Traduzido por Gustavo Pedroso. São Paulo, n. 07, 2006.
- ALFANO, B. Novo presidente da Capes defende debate de criacionismo como contraponto à teoria da evolução. **O Globo**, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/novo-presidente-da-capes-defende-debate-de-criacionismo-como-contraponto-teoria-da-evolucao-24208744>>. Acesso em: 17 de set. de 2020.
- BIK, E. M. Reflexões sobre Gautret et al. artigo sobre tratamento de infecções por COVID-19 com hidroxicroquina e azitromicina. **Science Integrity Digest**, 2020. Disponível em: <<https://scienceintegritydigest.com/2020/03/24/thoughts-on-the-gautret-et-al-paper-about-hydroxychloroquine-and-azithromycin-treatment-of-covid-19-infections/>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.
- BIK, E. M. Sobre Biosketch. **Science Integrity Digest**. Disponível em: <<https://scienceintegritydigest.com/about/>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. (1998). **Dicionário de política**. Trad.: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed., 1998.
- BRESSIANI, N. Nancy Fraser e o feminismo. **As mulheres na filosofia - Blog da UNICAMP**, 2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/nancy-fraser-e-o-feminismo/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.
- BREXIT. **Dictionary Cambridge**, 2020. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/brexit>>. Acesso em: 21 de set. de 2020.
- CARVALHO, L. Capes corta 5.613 bolsas a partir deste mês e prevê economia de R\$ 544 milhões em 4 anos. **G1 Globo**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/09/02/capes-deixa-de-oferecer-5613-bolsas-a-partir-deste-mes-e-preve-economia-de-r-544-milhoes-em-4-anos.ghtml>>. Acesso em: 26 de set. de 2020.
- CASTRO, E. **Diccionario Foucault: temas, conceptos y autores**. 1 - DOI: 978-987-629-880-3. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI, v. Libro digital - EPUB, 2018.
- COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.
- CURCINO, L. Lives e livros. In: CURCINO, Luzmara., SARGENTINI, Vanice., PIOVEZANI, Carlos., (Org.) **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial. 2021.
- CURCINO, L., SARGENTINI, V., PIOVEZANI, C. O discurso e as verdades: relações entre a fala, os efeitos e os fatos. In: CURCINO, Luzmara., SARGENTINI, Vanice., PIOVEZANI, Carlos.,(Org.) **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial. 2021.

EUA pagam quase 2 bilhões de dólares e garantem compra de todas as doses de potencial vacina da Pfizer e Biontech em 2020, afirmam empresas. **G1 Globo**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/07/22/eua-paga-quase-2-bilhoes-de-dolares-para-garantir-doses-de-potencial-vacina-afirmam-empresas.ghtml>>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. 1. ed. São Paulo. Intermeios. 2012.

FERNANDES, Cleudemar. Genealogia dos corpos: do estábulo para as ruas. In: BUTTTI JUNIOR, Atilio; SEVERO, Cristine Gorski; PEREIRA, Rodrigo Acosta; BRAGA, Sandro Braga (org.). **Pandemias Discursivas**, Campinas: Pontes, 2022. (no prelo)

FOLHA informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. **OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 28 de set. de 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhom Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

FOUCAULT, M. Poder e saber. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault, Estratégia, poder-saber**. (Ditos & Escritos IV). 2. ed. São Paulo. Forense Universitaria. 2006.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L., RABINOW, P., **Michel Foucault**, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. Resposta a uma questão. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault**, Repensar a política. (Ditos & Escritos VI). 1. ed. São Paulo. Forense Universitaria. 2013a.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Eduardo Jardim e Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro. Nau editora. 2013b

FOUCAULT, M. **Aula sobre a vontade de saber**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. Martins Fontes. 1. ed. São Paulo. 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 1ª ed. digital. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

GOÉS, B. Diretor do Inpe será exonerado após questionamento de dados sobre desmatamento. **O Globo**, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/diretor-do-inpe-sera-exonerado-apos-questionamento-de-dados-sobre-desmatamento-23849988>>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

GOVERNO usará laboratório do Exército para produzir cloroquina. **Site Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/governo-usara-laboratorio-do-exercito-para-produzir-cloroquina>>. Acesso em: 27 de set. de 2020.

INTERNATIONAL, J. O. A. A., 2020. Disponível em: <<https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://www.journals.elsevier.com/international-journal-of-antimicrobial-agents&prev=search&pto=aue>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MARGARIDA Salomão, 2020. Disponível em: <<http://margaridasaloma.com.br/biografia/>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

MARQUES, F. Rapidez para apresentar resultados. **Site Pesquisa Fapesp**, 2020. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/rapidez-para-apresentar-resultados/>>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

MEC revoga portaria sobre políticas de inclusão na pós-graduação que incluíam acesso de negros, indígenas e pessoas com deficiência. **G1 Globo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/18/mec-revoga-portaria-que-criava-politicas-de-inclusao-na-pos-graduacoes-como-o-acesso-a-negros-indigenas-e-deficientes.ghtml>>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

MEDRXIV, S. **MedRxiv**, 2020. Disponível em: <<https://www.medrxiv.org/content/about-medrxiv>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

MINISTÉRIO da Saúde apresenta novo protocolo para uso da cloroquina. **Site Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/ministerio-saude-apresenta-novo-protocolo-para-uso-cloroquina>>. Acesso em: 27 de set. de 2020.

MINISTRO promete mudar livros didáticos por “visão mais ampla” da ditadura. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/04/politica/1554334968_202816.html>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

MOURA, M. Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. **Site UNIFESP**, 2019. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>>. Acesso em: 27 de ago. de 2020.

PINKER, S. **O novo iluminismo**: em defesa da razão, da ciência e do humanismo. Tradução de Laura Teixeira Motta e Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

PREFEITO. de Itajaí quer tratar população com ozônio por via retal contra Covid-19; técnica não tem eficácia comprovada no combate ao coronavírus. **G1 GLOBO**, 4 Agosto 2020. Disponível em: <Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/04/sc-prefeito-avalia-tratamento-para-covid-com-aplicacao-retal-de-ozonio.htm>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

RAFFIN, M. A noção de discurso em Michel Foucault. In: BUTTURI JUNIOR, ATILIO; BRAGA, SANDRO; SOARES, THIAGO BARBOSA **No campo discursivo**: teoria e análise. Campinas : Pontes, 2020.

RAOULT, D. et al. Hidroxicloroquina e azitromicina como um tratamento de COVID-19: resultados de um ensaio clínico aberto não randomizado. **Site Science Direct**, 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0924857920300996>>. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

RETRATADO: Hidroxicloroquina ou cloroquina com ou sem um macrolídeo para o tratamento de COVID-19: uma análise de registro multinacional. **Site The Lancet**, 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31180-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31180-6/fulltext)>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

RT-PCR ou sorológico? Entenda as diferenças entre os testes para a covid-19. **Site da Universidade Federal de Minas Gerais**, 2020. Disponível em: <<https://www.medicina.ufmg.br/rt-pcr-ou-sorologico-entenda-as-diferencas-entre-os-testes-para-a-covid-19/>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

SANTOS, J. V. D. Especificidades dos discursos e das formações discursivas para Michel Foucault: práticas discursivas e não discursivas. In: BARONAS, R. L. **Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria, 2020.

SAYARE, S. O arauto da cloroquina. **Piauí**, São Paulo, n. 165, junho 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-arauto-da-cloroquina/>>. Acesso em: 26 setembro 2020. Tradutor Sergio Tellaroli.

SURGISPHERE: os governos e a OMS mudaram a política da Covid-19 com base em dados suspeitos de uma pequena empresa dos EUA. **Site The Guardian**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/jun/03/covid-19-surgisphere-who-world-health-organization-hydroxychloroquine>>. Acesso em: 11 de set. de 2020.

THE best science for better lives. **The Lancet**. Disponível em: <<https://www.thelancet.com/about-us>>. Acesso em: 29 set. de 2020.